

José Cardiel, S.J.

BREVE RELAÇÃO DAS MISSÕES DO PARAGUAI



Tradução e organização:
Álvaro Medeiros de Farias Theisen



BREVE RELAÇÃO DAS MISSÕES DO PARAGUAI

Realização: Instituto Estadual do Livro

Ano da publicação desta versão: 2026

Ano da publicação do livro original: 1771

Ano de publicação da versão em espanhol: 1994

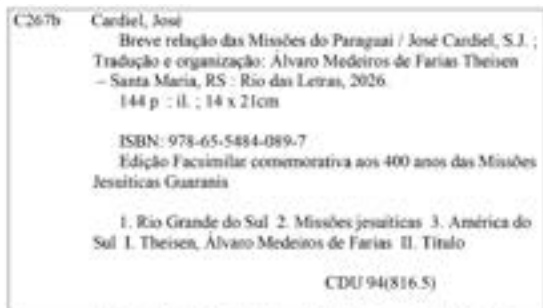
Vedada a comercialização – distribuição gratuita

Tradução e Organização desta obra: Álvaro Medeiros de Farias Theisen

Criação e arte-final da capa desta edição: Byrata

Imagens utilizadas - Capa: Pintura de Leoni Mathis – ilustração de uma redução típica.

Contracapa: Mapa de 1752 feito pelo Padre José Cardiel.



Ficha catalográfica elaborada por Eunice de Oliveira – CRB 101491



Coletânea de livros clássicos missioneiros

Esta obra é parte da coleção de obras clássicas reeditadas sobre a temática missioneira numa iniciativa do governo do Estado do Rio Grande do Sul e integra as comemorações dos 400 anos das Missões Jesuíticas Guaranis, celebrados em 2026.

A coordenação é da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL) e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP).



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
GOVERNO FORMADO POR: GILBERTO CARVALHO



editorariodasletras@gmail.com

Rua André Marques, 255 - Centro - Santa Maria - RS - CEP: 97010-041

Impresso no Brasil, 2026

Gráfica Pallotti - Santa Maria - RS

José Cardiel, S.J.

BREVE RELAÇÃO DAS MISSÕES DO PARAGUAI

Tradução e organização:
Álvaro Medeiros de Farias Theisen



2026

Sumário

Apresentação da versão em espanhol - Ernesto Maeder	7
José Cardiel – autor	9
Esta edição	11
I. Povoações dos primeiros espanhóis do Paraguai	13
II. Extensão da Província Jesuítica do Paraguai, com outras particularidades	17
III. Princípios das Missões do Paraguai	21
IV. Estado presente dos Povos, suas fábricas, etc.	29
V. Seu Governo político e económico	35
VI. Governo temporal, económico e religioso dos missioneiros	73
VII. Governo Eclesiástico e espiritual dos índios	85
VIII. Governo Militar dos índios	123

Anexos

1 - Outra obra clássica de José Cardiel – Declaração da Verdade ...	127
2 - Mapa de 1752 foi feito pelo Padre José Cardiel	129
3 - Carta de Francisco Perez de Saraiva	130
4 - Cronologia da História das Missões Jesuíticas	131
5 - A estrutura do Cabildo	141

Apresentação da versão em espanhol

Esse texto escrito em 1771 é considerado a mais completa descrição da organização e vida cotidiana nas Missões Jesuítico Guarani, referida por quem conhecia a fundo essa realidade. A obra original está dividida em duas partes distintas: a primeira é um relato pormenorizado sobre as Missões, e engloba aproximadamente dois terços da obra; a segunda é um conjunto de dúvidas ou problemas suscitados na opinião da época para a administração jesuítica das ditas missões e cobre o terço restante da obra original. (nessa tradução para o português não incluímos a segunda parte, pois julgamos fora dos objetivos de quem deseja entender as Missões).

A descrição compreende oito capítulos de diferentes dimensões, divididos a sua vez em parágrafos numerados. Os três capítulos iniciais são breves e se limitam a dar um panorama introdutório a história civil e eclesiástica rioplatense. Porém a partir do quarto capítulo, a obra aborda seu verdadeiro objetivo, tal como revelam seus títulos: IVº Estado presente dos Povos (4 parágrafos); Vº Seu governo político e econômico (59 parágrafos); VIº Governo temporal, econômico e religioso dos missioneiros; VIIº Governo eclesiástico e espiritual dos índios (72 parágrafos) e finalmente VIIIº Governo militar dos índios. Ali Cardiel conclui a descrição das Missões, embora diz, “com muita maior extensão do que pede um compendio e vá com toda a clareza, simplicidade e sinceridade que pede meu estado e meu ministério”.

Ernesto Maeder

José Cardiel – autor

Nasceu em 18 de março de 1704 em La Guardia na região de Rioja, Espanha, ingressou na Companhia de Jesus em 8 de abril de 1720. Pouco depois em 9/4/1722 fez seus primeiros votos, e já sacerdote, chegou a Buenos Aires em 9/4/1729, aos vinte e cinco anos.

A Província Jesuítica do Paraguai, a que Cardiel se incorporava, compreendia em sua jurisdição os atuais territórios da Argentina, sul do Brasil, Paraguai e Uruguai e a porção oriental da Bolívia. Nesse território existiam as missões dos guaranis com seus trinta povos em pleno desenvolvimento, após um século de dificuldades iniciais e paulatina consolidação.

Como missioneiro, Cardiel se desempenhou desde 1731 em vários Povo Guaranis: Santiago, Jesus, Santos Cosme e Damião, Jesus e San Ignacio, onde pronunciou seu quarto voto como Jesuíta professo. Porém, ademais, foi destinado a missionar entre os Mocobies (1743) e os Abipones do Chaco (1747), assim como entre os charruas (1744) e os pampas e serranos do sul de Buenos Aires. Entre esses últimos fundou com o padre Tomas Falkner a missão de Nossa Senhora do Pilar do Vulcão em 1747, próximo da atual cidade de Mar del Plata.

Assim, entre os anos de 1743 e 1754, passou pelos Colégios de Corrientes, Santa Fé e Assuncion, pelas missões entre os mocobies e abipone do Chaco, entre os charruas e os pampas e serranos e por missões interiores de espanhóis (criollos) em Santa Fé. Também participou de viagens até a Patagonia, a primeira no barco junto com José Quiroga e através das costas (1745-1746) e em uma segunda tentativa, que não logrou cruzar o rio Colorado, por alcançar por terra o estreito de Magalhães (1748). A partir de 1754 se encontrou novamente nas reduções dos guaranis, entre os quais permaneceu até a expulsão da Companhia dos domínios hispânicos (1767-1768). Estando ali, assistiu, pelo menos, os acontecimentos finais da Guerra Guaranítica (1752-1756).

Seu forte temperamento o levou a jogar um papel relevante em alguns dos sucessos de mais ressonância naqueles tempos e na província jesuítica do Paraguai, como fora a rebelião comunera em

Assuncion (acompanhou o Governador Bruno Zavalla como capelão) e a troca dos setes povos orientais, onde ele não ocultou a sua oposição à medida, que qualificou de injusta ao ceder os 7 Povos pela Colônia de Sacramento.

Cardiel desempenhou nessa oportunidade um papel muito ativo e suscitou a desconfiança das autoridades, merecendo incluso confinamento temporário imposto pelo padre Comissário, Lope Altamirano. Pese a ele, e a mercê a sua experiência que possuía na região, foi requisitado para pacificar um amotinamento em Yapeju e colaborar com a transmigração dos guaranis vencidos em 1756 pelas tropas ibéricas. Com posterioridade a esses acontecimentos, Cardiel ficou nessa região como Cura de alguns Povos Orientais, entre eles São Borja e São João.

Quando instalou em 1762 a guerra entre Espanha e Portugal, Cardiel foi nomeado capelão das tropas do governador de Buenos Aires, Pedro de Cevallos. Debilitado e enfermo nessa campanha, pediu seu retiro e regressou a seus antigos ministérios pastorais nas Missões. Ali, no Povo de Concepción, o alcançou a extradição dos Jesuítas em 1768.

Os últimos dias de vida os viveu junto a outros companheiros de exílio na cidade de Faenza, Itália. Pese a sua má condição de saúde e as precariedades condições da sua habitação, dedicou uma parte do seu tempo a escrever sobre as antigas missões, onde havia deixado os melhores anos de sua vida. Já ancião, faleceu naquela cidade em 7/12/1781, aos setenta e sete anos.

Esta edição

Esse livro trata-se de uma tradução livre da obra do padre jesuíta José Cardiel escrita em 1771 quando o mesmo se encontrava no exílio na Itália. No processo de tradução feito a partir do livro publicado em espanhol em 1994 pela Secretaria de Cultura de la Nacion Argentina não se alterou o modo de escrita da época e do autor, procurando ao máximo manter o estilo original.

Também em função do objetivo dessa tradução que é a apresentação ao leitor dos aspectos do cotidiano das reduções, não foi incluído a última parte do livro original referente as “dúvidas” onde ele defende a Companhia de Jesus contra um panfleto português difamatório. Desta forma, é fundamental que o leitor entenda e compreenda que a redação tenta preservar o estilo do autor e da sua época, contudo a informação é bastante relevante para o entendimento das reduções.

Não se trata de uma obra inédita, pois já havia sido publicada em espanhol, mas é a primeira versão em português dentro do esforço do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e da Secretaria de Cultura no âmbito das comemorações dos 400 anos das Missões Jesuíticas Guaraní no Estado do Rio Grande do Sul de valorizar esse importante período da nossa história, oferecendo informação qualificada aos leitores.

Este relato do Padre Cardiel junto com o padre Antônio Sepp (Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos) são considerados as principais fontes de informação sobre os detalhes na rotina diária e organização das reduções missioneiras. Infelizmente esses dois autores provavelmente não tiveram oportunidade de se encontrar, pois o padre Sepp morre em 1733, pouco tempo depois da chegada do Padre Cardiel à América (em 1731).

Capítulo I

Povoações dos primeiros espanhóis do Paraguai

Por volta do ano de 1580, os primeiros espanhóis foram para o rio da Prata. Eles construíram o forte de Buenos Aires e outros rios acima. Eles fundaram a cidade de La Assunción, na região do Paraguai. O número de espanhóis que chegaram foi de mil e mais que, depois de muitas guerras com os índios, foram quatrocentos. Estes, desfrutando de alguma tranquilidade e os índios sendo intimidados por suas armas, dividiram-se para formar várias cidades, a uma distância de cem águas, e outras muito mais, da cidade, permanecendo a maior e mais nobre parte nela. A cada cidade dessas iam sessenta ou setenta espanhóis. Eles fizeram suas casas de paredes de paus e juncos, e lama (barro) enfiada entre eles e coberta de palha. Dessa forma, eles fundaram no Rio da Prata e Paraná as povoações de Buenos Aires, Santa Fé de Paraná e Corrientes, e para o Brasil, as povoações de Cidade Real, Jerez e Vila Rica. E essas pequenas povoações (vilarejos) tão pequenas e pobres eles chamavam cidades. Destas, duas delas, que são Cidade Real e Jerez, foram devastadas: as outras perseveraram, mas com pouco aumento. Só Buenos Aires cresceu tanto, que tem uma légua (varia de 4000 a 6600 metros) de comprimento, e como a mesma média de largura, com casas de tijolos, cobertas de telhas todas, embora quase todas sejam de um andar, e com muito comércio e abundância de provisões, à maneira das boas cidades europeias.

Eles organizaram todas essas populações a uma Província e Bispado, cujos chefes residiam no Paraguai (Assunção). Posteriormente, os organizaram a dois, acrescentando o de Buenos Ayres, que inclui, Santa Fé e Corrientes, e uma nova cidade que se formou neste século, chamado Montevideú. Todas em ambas as margens do Rio da Prata e Paraná. Este rio de um nome tão esplêndido, é o mesmo que Paraná, que significa nessa língua parente do mar. De sua nascente até o rio Uruguai, que entra seis léguas antes de Buenos Aires, é chamado de Paraná. Desde ali até o mar nos cabos de Santa Maria e San Antônio, chama-se Rio de la Plata. Veja bem aquele mapa de toda a

América meridional. Eles o chamavam de “la Plata” porque julgavam que havia muito nele, enganado por certos sinais; porém não tem mais prata do que o rio Ebro ou o Tejo.

Como muitas nações foram subjugadas pelas armas, elas foram impostas tributos como sinal de vassalagem. E para recompensar os conquistadores, o rei dividiu o tributo entre eles, nomeando para cada conquistador um certo número de tributários, de acordo com seus maiores ou menores méritos, com a obrigação de cuidar deles em assuntos cristãos e políticos. E logo depois viram que os índios com grande dificuldade pagavam o tributo, não porque fosse demais, mas por causa de sua grande preguiça, parou o ponto em que os tributários serviam pessoalmente ao conquistador dois meses por ano em vez de tributo. Esses conquistadores eram chamados de encomendeiros, e os tributários, mitaios, e quando serviam os dois meses, pagar a mita. Porém não se contentaram com os dois meses. A maioria fazia uso do mitaios durante todo o ano, sem pagá-lo por dez meses, e os mais escrupulosos, seis ou sete meses. Nossos Jesuítas em particular e em público nos púlpitos procediam com zelo contra esse abuso ímpio; e por essa razão foram tão perseguidos que foram expulsos das escolas em alguns lugares. A cidade mais marcante nessa perseguição foi Assunção do Paraguai. Mas, finalmente, depois de muitos anos e trabalhos, como eles estavam vinculados às leis e mandados reais, a verdade e o verdadeiro zelo prevaleceram. Ao que se somou o fato de que mais pessoas e mais juízes vieram da Europa, que colocaram esse assunto em razão e equidade. E, há muitos anos, que servem por apenas os dois meses, mas com uma grande diminuição no número de índios, muitos dos quais pereceram nas dificuldades antigas: de modo que havia naquela época na jurisdição da cidade do Paraguai cinquenta mil índios registrados, de acordo com os livros do Cabildo, nesses anos atuais não há mais de oito mil de todas as idades e sexos, de acordo com o documento que o bispo Torres trouxe como resultado de sua visitação¹. E se antigamente haviam muitas cidades, agora há apenas dez, e de casas de palha: as seis a cargo de sacerdotes clericais, e as quatro de religiosos de São Francisco. Neste estado estão as coisas do

1. A visita pastoral do Bispo Antônio de la Torre à diocese do Paraguai se realizou em 1761. (Notas incluídas por Ernesto Maeder)

Paraguai, sem que haja mais índios, nem mais do que a nação naquele Bispado, mas apenas algumas novas tribos de infieis que os Nossos (Jesuítas) estavam engajando nesses anos. No Bispado e na Província de Buenos Aires, existem na jurisdição de Corrientes, duas cidades a cargo dos Padres de São Francisco²: uma de duzentas famílias, outra de quinze ou dezesseis.

Na jurisdição de Santa Fé há uma das vinte famílias. E na de Buenos Aires, três de dezessete à vinte famílias. Não há nada mais do que essa pequenez: e os trinta dos Jesuítas, o assunto principal deste escrito.³

2. Os Povos de índios administrados por clérigos eram Tobatí, Atirá, Altos, Guarambaré, Ipané e Yaguaron. Os administrados por frades franciscanos eram Itá, Itapé, Yuti e Caazapá.

3. Os povos de Corrientes eram La limpia Concepcion de Itatí e Santa Lucia de Astos. Os de Santa Fé, Nossa Senhora de la Concepcion de Charruas. Os três de Buenos Aires eram Santiago de Baradero, Santa Cruz de los Quilmes e Santo Antonio Soriano.

Capítulo II

Extensão da Província Jesuítica do Paraguai, com outras particularidades

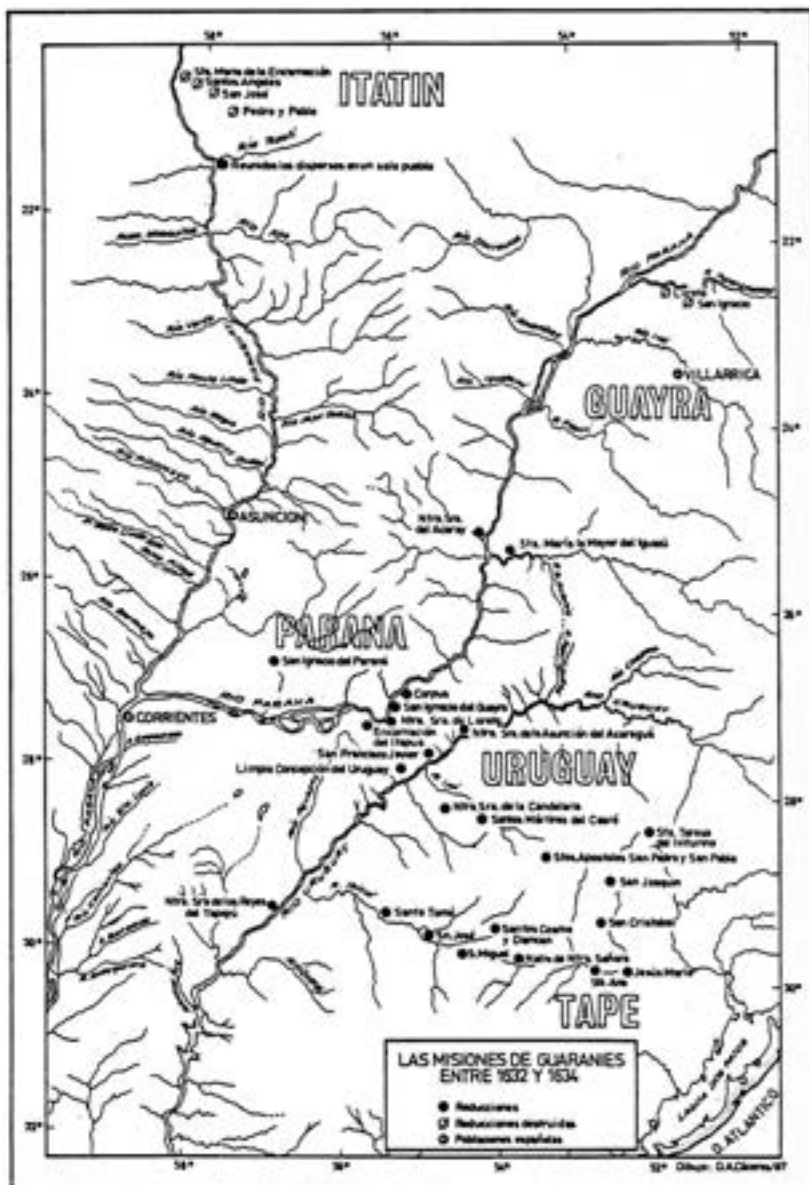
1. Nesse vasto território da América, há reinos e governos. Os reinos são Peru, Chile, Quito e Novo Reino (Granada). As províncias, Buenos Aires, Paraguai, Tucumán e Santa Cruz de la Sierra. Tudo está declarado no mapa. Nesses quatro reinos e quatro províncias, os jesuítas tinham cinco províncias: a do Peru, do Chile, de Quito, do Novo Reino e a do Paraguai: além da outra grande província do México, na América do Norte.

Em todas essas províncias há muitas missões. Os principais foram os do Orinoco, do Maranhão em Mainas, os de Moxos e os de Araucanos. No Paraguai compreendeu em sua extensão as quatro províncias, que vem a ter tanto espaço quanto a Espanha, Itália e Inglaterra: e além das famosas missões de Chiquitos e outras missões nas três províncias, conteúdo do nosso assunto (livro), que são comumente chamados de DEL PARAGUAY, embora as Cédulas Reais as chamam de DOUTRINAS, não MISSÕES, porque missões só chamam aqueles que não têm um padre que a tenha: e estas há muitos anos que a têm submissão real e instituição canônica. E todos elas pertencem à Província do Paraguai.

2. Em um espaço tão amplo dessas quatro províncias não existe mais que 15 populações de espanhóis (ESPAÑHÓIS chamam aqueles que descendem deste sangue, mesmo que tenham nascido ali). Em BuenosAires são quatro: a deste nome, Montevideú, Santa Fé e Corrientes: e mais ainda os três pequenos povoados indígenas, que indiquei acima. No Paraguai, três: a Assunção (que já disse, chamam vulgarmente Paraguai), a Vila Rica e a vila de Curuguati. Em Tucumán, sete: Salta, Córdoba, Santiago, San Miguel, Jujui, Rioja e San Fernando. E em Santa Cruz de la Sierra, somente a que tem esse nome. Todas essas jurisdições tem em comum, povo de índios cristãos, pobres e pequenos. Em todas essas cidades os jesuítas tinham um colégio: e nas cidades de Montevideú, São Fernando e Jujuy, residência. As distâncias desses povoados são entre si tão longos um do outro,

como pode ser considerado em tão dilatada extensão, de cem e mais léguas: e os espaços intermediários estão parcialmente povoadas por pastores degado e em parte por índios infieis, seja de paz ou de guerra. No mapa não se põe todos, senão a capital de cada governo, porque está em um ponto de vista reduzido; e tal qual as mais mencionadas.

3. Todas essas cidades e vilas são de fabricação muito humilde e de pouca vizinhança e comércio, exceto a de Buenos Aires, de quem já notei algo. Em distânciastão longas de estradas, que são feitas em carroças, ou em mulas quando a terra acidentada não permite: como não há vendas, nem pousadas, tudo o que é necessário é transportado junto, como no mar, desde o sal até a água, que esta falta também em parte, é ruim. Os rios não têm ponte: e alguns são muito caudalosos. Para passá-los, são usadas peles de touro. Se faz uma “pelota” ou um quadro de um couro (tipo deembarcação). As margens são analisadas e se ancora com uma corda a pelota, de modo que fiquem rígidas. Coloca-se o homem e as cargas dentro à margem do rio, e outro nadando e puxa o débil barco com uma corda para a outra margem, ou anda nu em cima de um cavalo nadando. Cada couro recebe doze ou quatorze arrobas: e passa e volta novamente por mais de uma hora, sem umedecer. É assim que os jesuítas e todas as pessoas de alguma distinção caminham (transpõe o rio). Os índios e as pessoas baixas (socialmente) passam os rios nadando ou encima de seus cavalos, e seus mantimentos (suprimentos e coisas pessoais) em suas cabeças. Todos, nesses países, andam a cavalo, porque as cavalgaduras são muito baratas, a dois pesos por cavalo, e a dois ou três pesos por mulas. Existem aqueles desertos cheios de éguas e cavalos sem donos, e não custa nada mais do que pegá-los. Da mesma forma, as vacas são por peso; e se for gordo, dois: e as ovelhas, um ou dois reais de prata. Não há lá lá. A menor moeda é meio real de prata: e por causa da maior abundância desse metal lá, estima-se que um peso seja tanto quanto na Espanha um real. As coisas que saem da Espanha são aquelas que valem muito lá. Os jesuítas desta vasta província eram quatrocentos e alguma coisa: agora, depois de tantas mortes em tantas obras de mar e terra, ficamos com 330. Tendo já dado algumas informações sobre os princípios políticos do Paraguai e sobre a extensão da província jesuíta, vamos às antigas Missões.



Mapa das atividades missioneiras dos Jesuítas na América do Sul.

Capítulo III

Princípios das Missões do Paraguai

1. Tendo reduzido à obediência do Rei pelos primeiros espanhóis todas as nações de índios infieis do rio Paraguai e parte das do Paraná à força das armas; não atingiu seu valor à sujeitar os do Guairá, nem os do Paraná abaixo. Os primeiros estavam acima do grande Salto do Paraná em seu lado leste. As segundas, em direção à junção feita pelos dois rios Paraná e Paraguai: e estando sem essa sujeição, eles estavam consequentemente sem sujeição ao Rei do céu.

Dois jesuítas, desejosos de ganhar aquelas pobres almas para Deus, deixaram o Paraguai por volta do ano de 1610 e, com grandes perigos de vida, entraram no Paraná abaixo.⁴

2. Quase ao mesmo tempo, entraram dois outros jesuítas na região do Salto, sem qualquer outra escolta ou mais armas, entre pessoas tão feroz, além de uma cruz nas mãos, que servia de bastão⁵. Uma e outras nações tinham e tem nos escritos o nome de GUARANIES, e são de uma só língua, embora os espanhóis e portugueses lhes tenham dado para chamá-los de TAPES, devido ao erro da nação do TAPE. Vulgarmente essas nações são entendidas pelas Missões do Paraguai e as demais que depois se juntaram e compõem os trinta grandes povos e, portanto, no mapa eu lhes dou este título, e nesta relação.

3. Os missionários encontraram alguns indígenas os mais bárbaros, sanguinários e indigno do mundo. Eles não tinham aldeias em forma, mas algumas em cabanas de palha sob algum cacique, a quem deviam alguma obediência. Eles não semeavam senão uma coisa curta, que lhes durava poucos dias. Eles viviam da caça e da pesca.

Eles andavam quase completamente nus: tinham guerras contínuas uns caciques contra os outros. Aqueles que matavam logo os assavam e os comiam. Os prisioneiros foram primeiro engordados como Iscas e depois matavam fazendo banquetes com sua carne. Seus vícios dominantes eram a lascívia e a luxúria de bestas, embriaguez, vingança e feitiçaria.

4. Os padres Marciel de Lorenzana (1565–1632) e Francisco de San marín (nascido em 1581), lavaram ao cabo a missão do Paraná.

5. Aos padres José Cataldini (1571–1653) e Simon Masceta (1577–1658) se encomendou a missão no Guairá.

4. Eles receberam a paz dos Padres: e em meio aos contínuos trabalhos e perigos da vida, eles conseguiram domar essas feras, reduzindo-as primeiro à racionalidade em grandes povos, e depois à vida cristã. Em 20 anos de trabalhos apostólicos, já haviam formado no Paraná abaixo algumas cidades tão numerosas que nelas se reuniam as pessoas de cinquenta e sessenta léguas de circunferência, que eram então muito povoadas naqueles países. E no Paraná acima, acima das Cataratas, que eles chamam de província de Guayrá, os dois Missionários, com outros que se juntaram a eles, formaram ao mesmo tempo treze cidades com cinquenta mil almas, nas quais havia cerca de dez mil famílias. (Chamamos cada homem casado com sua esposa ou filhos de família: geralmente há cinco pessoas ou almas entre si. Na numeração annua (censo) que é feita nas Missões do Paraguai há sempre mais de quatro almas por família, e nunca chegam a cinco.)

Mapa das reduções do Guairá que foram atacadas e destruídas pelos Bandeirantes

5. Depois de vinte anos, quando já havia nos treze cidades de Guayrá não só justiça e cultura, com corregedores, alcaides, ofícios mecânicos, bens de comunidade, etc., mas também igrejas magníficas, cada uma com sua capela de músicos habilidosos, cuja faculdade lhes foi ensinada por um Padre que havia sido músico do Imperador, o que causou grande admiração ao ver aqueles que antes eram bestas sangrentas, tão mudado no racional e cristão; o Mameluco de São Paulo veio infestá-los até que terminassem. Há no Brasil, não muito longe do Rio de Janeiro, uma cidade chamada São Paulo (que naquela época mais merecia o nome de SAULO). Os portugueses que a fundaram, tendo subjugado pelas armas os índios dos arredores, que são chamados de TUPÍES, casaram-se com as índias. Como era uma cidade retirada aos confins dos domínios do Rei da Espanha, de acordo com a linha de territórios traçada pelo Papa Alexandre VI (que está colocada no Mapa) sobre a qual os dois Reis concordaram, e além disso, tinha caminhos e entradas difíceis: muitos homens enganosos, ladrões, assassinos e lascivos se refugiaram nela. Eles viviam com grande liberdade, sem que o sistema de justiça pudesse subjugar-los. Saíam em grandes tropas, acompanhados e ajudados pelos Tupis, que os serviam como servos ou escravos, para reunir índios infiéis para usá-los como escravos em seus engenhos e outras fazendas. Houve excomunhão pontifícia para que tal violência não fosse cometida; mas eles não prestaram atenção a isso, dizendo que estavam indo em uma missão para trazer os infiéis a que se fizessem cristãos: sendo assim quando aqueles que resistiam em entregar-se, os matavam e aos que ostriavam eram ferrados como escravos, e eles foram até vendidos como tal. Eles lhes deram esse nome de mamelucos, ao que parece, em imitação dos mamelucos do Egito, com quem os portugueses tiveram suas brigas no Mar Vermelho: e lá chamaram mamelucos aqueles que na Turquia chamam GENIZAROS. (membro do corpo de infantaria de elite do Império Otomano).

tras, ameaçando de morte e até ferindo os missionários, que defenderam suas ovelhas da melhor maneira possível. Eles causaram estragos inéditos nisso. Desta forma, eles destruíram os trezes povos quase de todo. Aqueles que conseguiram escapar foram transmigrados pelos Padres para as aldeias do Paraná abaixo, a quase duzentas léguas de distância: e depois de trabalhos excessivos, através de florestas e montanhas, carregados com seus tenros filhos, chegaram cerca de quatro mil almas, resíduo de cinquenta mil. A província de Guayrá está no mapa apontada para o 22º grau, de onde saíram e eram naturais.

7. Como os Padres dos treze povos eram vinte e seis ou mais (já que são pelo menos dois juntos), e não eram tantos necessários para as quatro mil almas, ouvindo o discurso da transmigração dizer que a oeste, às margens do rio Paraguai, havia muitos índios que estavam mal dispostos para o Evangelho no país dos Itatines, alguns deles foram para lá. Eles foram bem recebidos: e ao custo de muitas dificuldades, suor, fadigas e perigos (pois sempre há muito de tudo isso em novas missões, mas que Deus adoça com muitos consolos da alma), em alguns anos eles fortificaram oito cidades. Os ímpios mamelucos ouviram falar disso, e pelo caminho que os Padres abriram nas montanhas e bosques para ganhar essas almas, eles foram destruí-las. Eles fizeram o que fizeram em Guayrá e até mataram um padre a tiros. Aqueles que conseguiram escapar foram transferidos para os chamados povos do Paraná abaixo. Com os quatro mil que escaparam de Guayra, fizeram as cidades de Loreto e San Ignacio Mini: e com estes Itatines a de Nossa Senhora da Fé, que são vistas no mapa⁶.

8. Enquanto o diabo através dos mamelucos estava destruindo os índios, Deus estava dando muitos outros em diferentes países. Nessa época, Deus descobriu a província de Tape, que era densamente povoada por índios. Este país está nas cabeceiras do rio Ibicuí, que é aquele que o mapa mostra que entra no rio Uruguai perto de Yapeju. Esta província não é anotada, porque é impedida pelo sinal das notas, onde pertencia. Aqui, em poucos anos, os missionários fundaram nove grandes Povos (reduções), que tinham Povos de duas mil famílias, nas quais geralmente há dez mil almas. Aí também vêm os mamelucos. Não era viável resistir a eles, porque todos vinham com armas de fogo e espadas: e os índios, embora fossem muitos mais, tinham apenas

6. O padre Diego de Alfaro foi morto em 17/1/1639, em Caazapa Mini (hoje Rio Grande do Sul), frente aos bandeirantes (Missão de Apóstolos)

porretes e flechas de osso que zombavam com seus broqueis e Escupiles. Eles chamam Escupiles à batinas de algodão bem acolchoadas, que não passam as flechas. No entanto, com uma barricada (paliçada) que fizeram na redução de Jesus Maria, pensaram em se defender: e enquanto estavam na defesa, um irmão coadjutor com os índios, atingiu-o com uma bala e morreu com uma medalha que ele tinha no peito, sem nem um outro dano a não ser carimbá-la nele sem muito desconforto⁷. E dois Padres que estavam se abrigoando com um pouco de troncos de árvores, foram feridos, embora não de morte. Os mamelucos foram vitoriosos e continuaram até que nove aldeias foram devastadas, com a morte de muitos índios e o cativeiro de muitos milhares. O resíduo foi transmigrado pelos Padres para as reduções do Uruguai, onde os Padres do Paraná haviam chegado formando reduções (Povos).

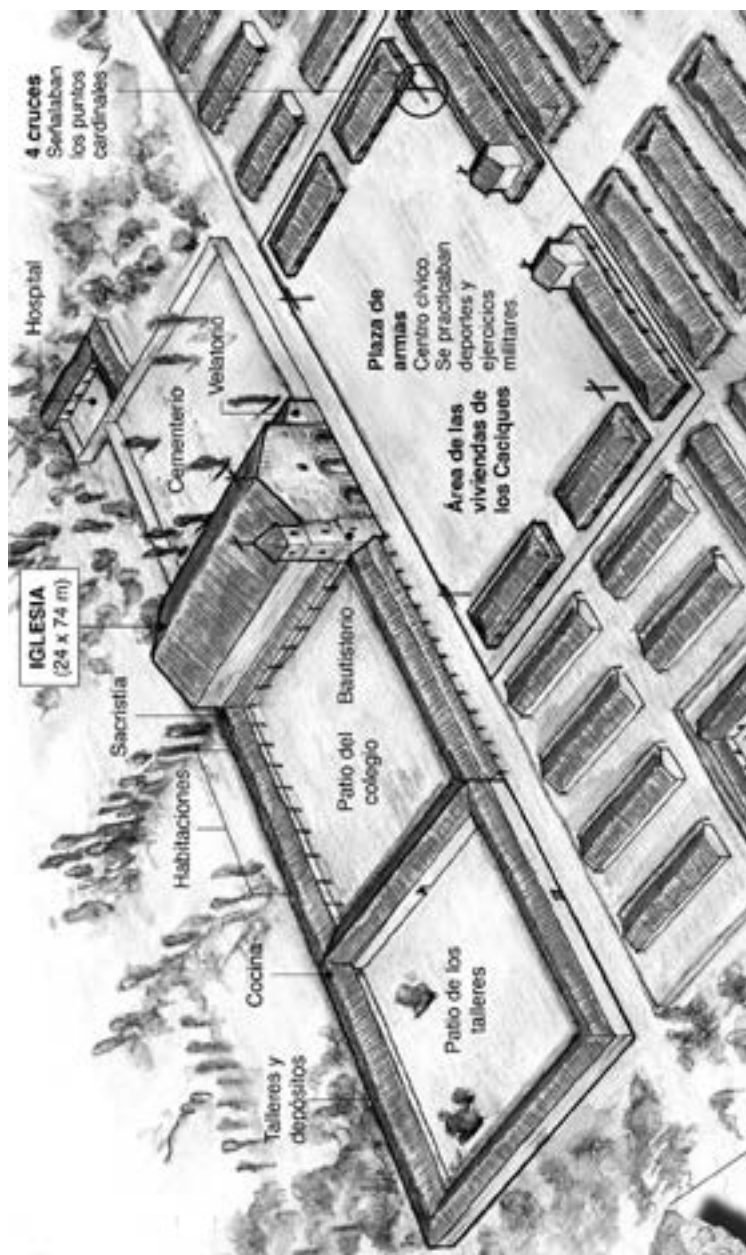


Mapa com as 18 reduções do primeiro ciclo missionário no atual território do Rio Grande do Sul

7. Se refere ao irmão coadjutor temporal Antonio Bernal (1582–1661) e aos padres Pedro Mola (1602–1660) e Pedro Romero (1585–1645).

9. Os mamelucos foram engordados com tanto butim, pois a ganância aumenta o desejo de ter mais, de acordo com o outro: *CRES-CIT AMOR NUMNI QUANTUM IPSA PECUNIA CRESCIT*, prosseguiram atrás dos transmigrados até o rio Uruguai. Os Padres, vendo que não havia outra defesa nos índios senão a parede daquele grande rio, e temendo que fosse vencido pelos agressores, enviaram à Espanha o venerável P. Ruiz de Montoya, que se encontrara nas irrupções do Guairá e do Tape, para obter um remédio da Corte. Algumas providências são tomadas que não tiveram efeito por causa das dificuldades daqueles que estão tão distantes. Uma delas foi permitir que os índios tivessem armas de fogo, coisa que estava proibido a todos aqueles em toda a América. Como esta não custava dificuldade à outros, foi colocado em execução. Compraram-se logo com os bens da comunidade de cada povo armas e munições. Os índios foram treinados neles. Os mamelucos vieram e, antes de chegarem ao Uruguai e às proximidades das reduções, saíram ao seu encontro. Os índios foram derrotados em várias escaramuças, até que no ano de 1641, tendo reunido todo o seu poder em um exército de quatro mil e novecentos portugueses e tupi, com a intenção de destruí-los a todos, foram completamente derrotados e nunca mais voltaram. A partir de então, os pobres índios respiraram e cresceram em toda a cultura e cristianismo até este século.⁸

8. A data da batalha de Mbororé corresponde ao ano de 1641



Infográfico ilustrando a estrutura de uma redução

Capítulo IV

Estado presente dos Povos, suas fábricas, etc.

1. Falaremos aqui do estado e da postura que eles tinham antes do ano de 1768, quando os jesuítas foram banidos por ordem do rei e colocados em seu lugar, para o espiritual, religiosos de outras ordens e para o temporal, os administradores leigos.

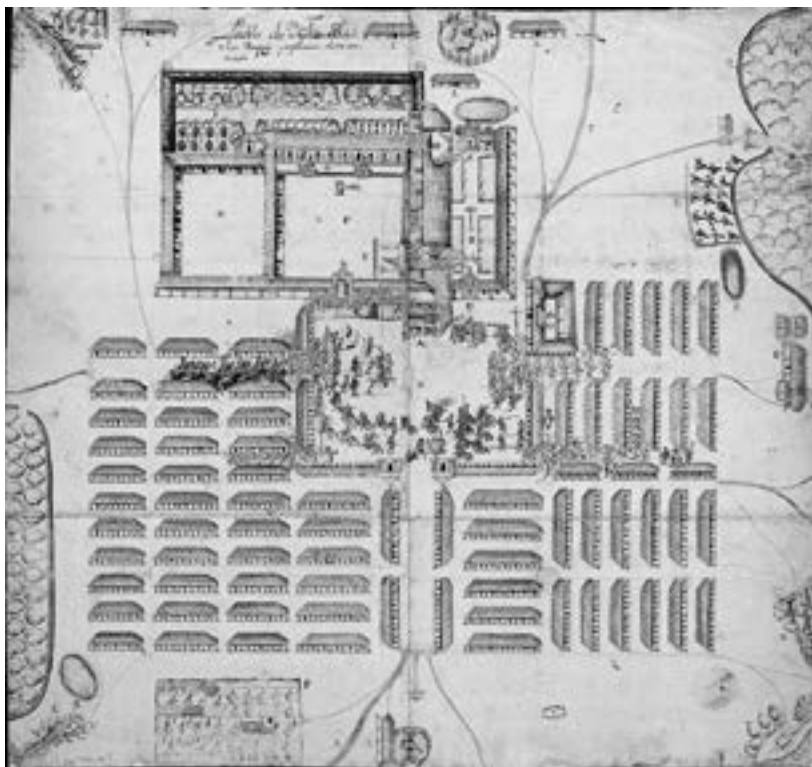
E trataremos suas coisas como se estivessem presentes. Atualmente, existem trinta povos (como pode ser visto no mapa) nas margens e arredores dos dois grandes rios Paraná e Uruguai. Eles são compostos pelos índios que viviam nos países circunvizinhos desses rios e pelos transmigrados dos Guairá, Itatines e Tape. Eles têm cerca de cem mil almas. As reduções (povos) de Itapúa, Corpus e Santa Ana, San Miguel e San Angel, ultrapassam mil famílias: a de Yapeju ultrapassa mil e setecentas; as demais têm de 600 a 700.

2. Sua planta é uniforme em tudo. Todas as ruas são retas por corda e têm dezesseis ou dezoito varas de largura. Todas as casas têm arcadas (alpendres) de três varas de largura ou mais, para que, quando chove, se possa andar por toda parte sem se molhar, exceto ao atravessar uma rua ou outra. Todas as casas dos índios também são uniformes: não há uma mais alta que a outra, nem mais larga ou mais longa; e cada casa consiste em um cômodo de sete varas em quadrados como os de nossos colégios, sem outro quarto, cozinha ou banheiro. Nela o marido está com a esposa e seus filhos: e às vezes o filho mais novo com sua esposa, acompanhando seu pai. Todos dormem em uma rede, não em uma cama ou no chão. Uma rede (hamaca) é uma rede de algodão, com quatro ou cinco varas de comprimento, que pendem das extremidades de duas longas estacas, ou pilares, ou dos cantos da parede, levantada a cerca de três quartos ou meia vara do chão (uma vara mede 83 centímetros): e também serve como cadeira para sentar ou conversar.

E é tão conveniente que muitos espanhóis, mesmo por conveniência, os usam. Se for verão, é coisa fresca. Se estiver frio, eles colocam um pouco de roupa em cima.

Nesta sala eles fazem seus quartos com esteiras para dormir com decência. Eles não querem um quarto maior para toda a família, nem mesmo para dois. Eles gostam muito do pequeno e humilde. Eles nunca andam pelo aposento. Eles estão sempre sentados em sua rede, ou em sua pequena cadeira (o que sempre os fazem muito pequeno), ou no chão, que é o mais comum, ou agachados. Se a eles deixarem, eles não fazem mais do que um aposento de paredes de paus, canas e lama, com quatro forquilhas mais rígidos nos quatro lados para apoiar o telhado, e cobertos com palhas, e com capacidade de não mais do que cinco varas em um quadrado. Deste tipo de construção (rancho) gostam muito eles: e em suas lavouras (sementeiras) todos os têm assim: que além da casa no Povo (redução) eles têm outras em suas terras. A casa do Povo é de paredes de três quartos ou uma vara de largura, de pedra ou adobe: e os pilares dos suportes também são de pedra; e de um só pedra em muitas partes; e todos os telhados de telha. Estes foram feitos a eles desta forma pelos Padres, para introduzi-los em uma cultura maior, de que existem Cédulas Reais; que, por sua iniciativa, não fizeram mais do que a de palha. E na Redução da Santíssima Trindade, há casas feitas de pedra de cantaria, de grandes pedras, esculpidas em quadrado: e as arcadas (alpendres), de arcos da mesma pedra e acabamento. E acima de cada porta há alguma pedra trabalhada com uma flor porque é uma pedra macia, fácil de esculpir. Os outros povos do Paraguai e outras aldeias do clero ou de outras ordens religiosas são feitos de casas de palha e paredes de barro e paus, como as das plantações (sementeiras) de nossos índios.

3. Todas as reduções (Povos) têm uma praça de 150 varas quadradas (de cada lado 123 metros), ou mais: todas cercadas em três lados pelas casas mais asseadas, e com alpendres mais largos que as outras: e no quarto lado da praça está a Igreja com o cemitério de um lado e a casa dos Padres do outro. Além disso, há em todas as reduções casas de pessoas recolhidas, cujos maridos estão ausentes há muito tempo, ou que fugiram e não se ouve falar: e com elas estão as viúvas, especialmente se são jovens e não têm pai nem mãe, ou parente de confiança que possa cuidar delas, e são sustentadas pelos bens comuns do povo. Existem depósitos e celeiros para bens e alimentos, e algumas capelas. Estas são as fábricas do povo.



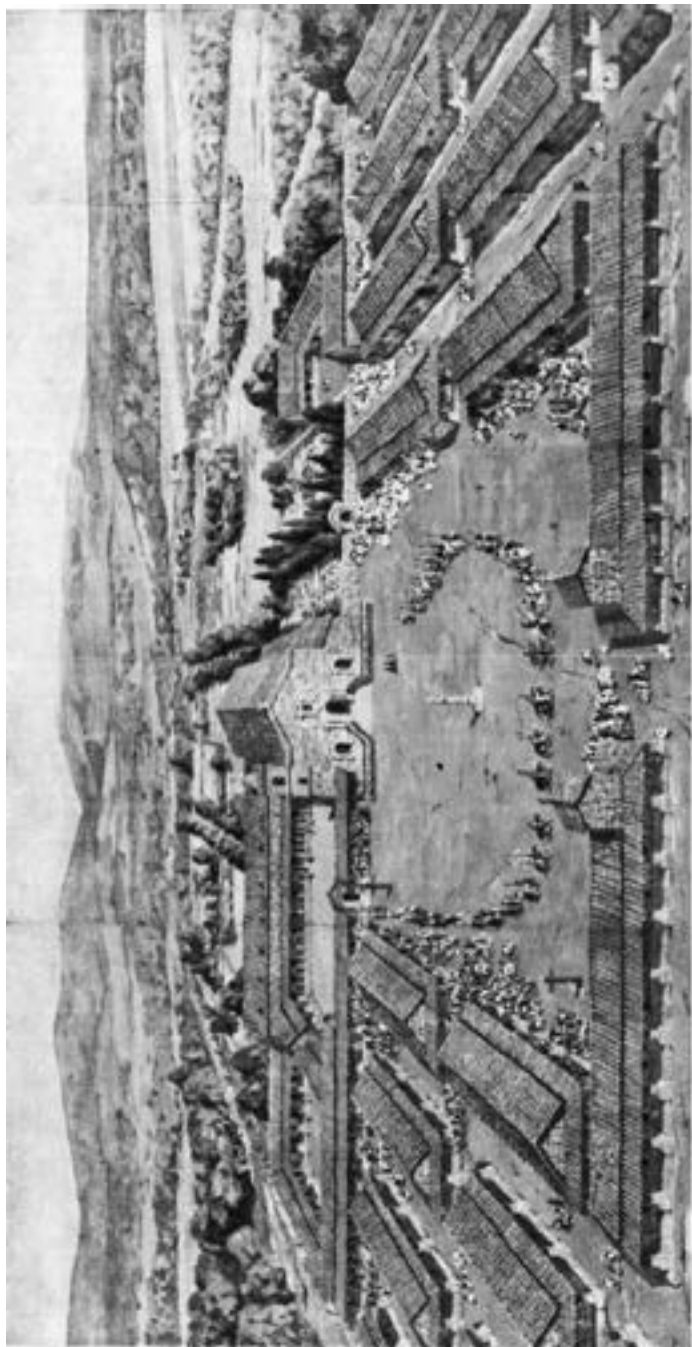
Planta da Redução de São João Batista.

4. A igreja é apenas uma: mas tão capaz quanto as catedrais da Espanha. Eles têm três naves: e a da cidade de Concepción, de cinco. São setenta, oitenta (66 metros) e até mais varas de comprimento, entre 26 e 30 de largura (22 a 25 metros). Existem duas de pedra de cantaria: as demais são os alicerces e parte do que se projeta deles, de pedra, o restante, de adobes; e todo o telhado, que é de madeira, estruturado em pilares de madeira. Primeiro se faz o teto e o telhado, e depois as paredes: desta forma: Na parte das paredes e na das naves do meio, são feitos furos profundos de três varas e duas de diâmetro. Estes são bem pavimentados com pedras fortes. As árvores são cortadas para pilares, que são mais fortes do que a azinheira e o carvalho da Europa: e não são totalmente cortadas, mas são retiradas com grande parte de suas raízes.

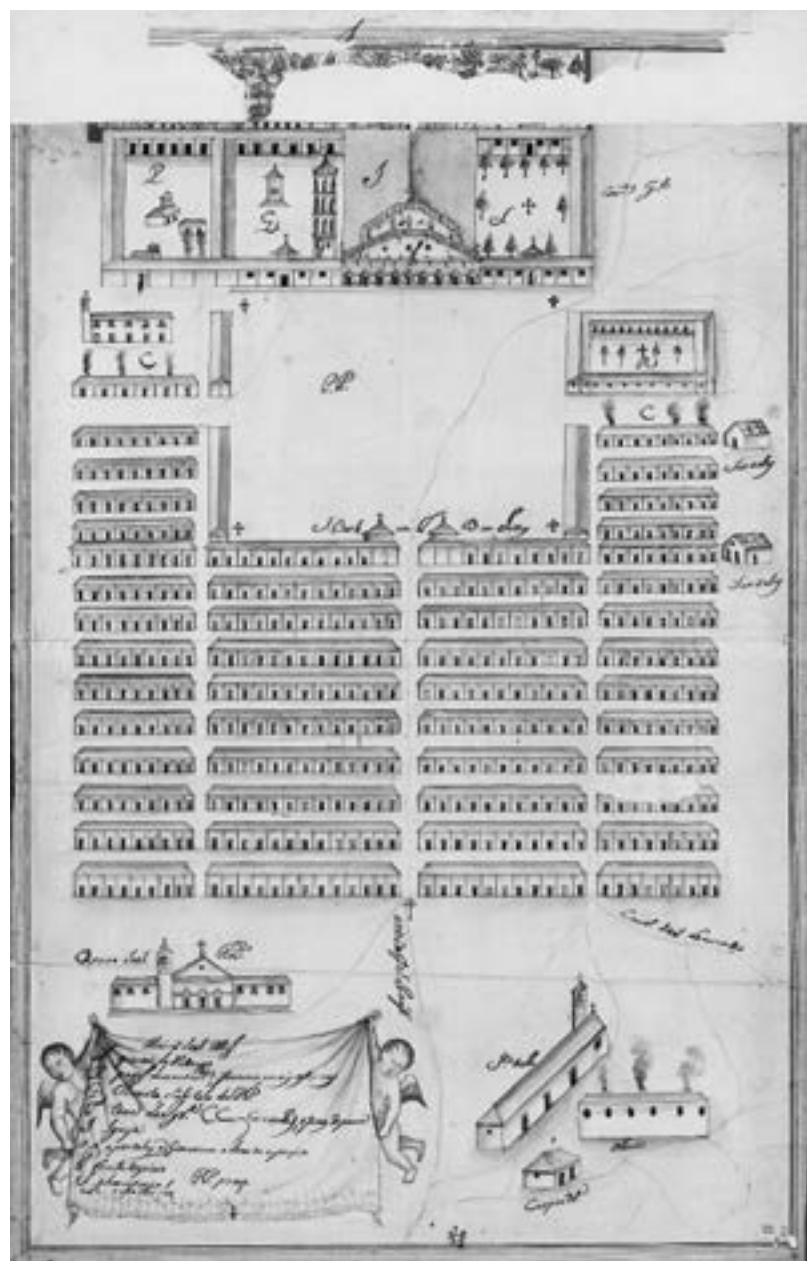
Eles são trazidos para a aldeia com 20 ou 30 juntas de bois por causa de seu grande comprimento e peso. A parte de suas raízes é disposta de forma que possa entrar no buraco: e elas são bem chamuscas pelo fogo para que resistam bem à umidade. O que se projeta para dentro do buraco é esculpido em volta em coluna com seu pedestal, cornijas, etc., ou em um quadrado ou cilíndrico. Os alicerces são feitos de grandes pedras, deixando nelas os buracos para pilares: e estão regularmente de oito varas em oito varas. Quando estes são colocados nos buracos e arredores, até que o buraco seja preenchido, entulho de telha e tijolos quebrados são jogados nele, depois pedras e, finalmente, terra, pesando tudo e nivelando o pilar. É assim que os pilares das paredes e as naves do meio são colocados. Em seguida, os tirantes, vigas, tesouras e o telhado são colocados. Feito isso, as paredes devem ser construídas a partir da fundação: e como eu disse, elas são de adobe, e quatro ou cinco varas de largura: e no meio delas estão os pilares; embora em algumas partes, na caixa na parede, para que metade delas possa ser vista.

Desta forma, carrega todo o conjunto do telhado nos pilares e nada na parede. Da mesma forma, as casas dos Padres e as do povo fiel são feitas. Nenhum cal foi encontrada nesses países (*essa informação é contraditória pois as paredes das igrejas eram “caídas”, segundo ele mesmo afirma e hoje são conhecidos alguns fornos de queimar cal da época jesuítica – a informação que se produzia cal com caracóis não é suportado pela quantidade usada nas construções e branqueamento das paredes*): e, portanto, esse modo de fabricação foi definido. As duas magníficas igrejas que mencionei são feitas de pedra de cantaria até o telhado, e são as de San Miguel e La Trinidad, foram feitas sem cal por um irmão coadjutor, um grande arquiteto, (João Batista Primolli) e essas não têm pilares, mas são à maneira da Europa: e tudo é caiado (branqueado) muito bem.⁹

9. O irmão coadjutor temporal João batista Primolli (1673-1747), foi um destacado arquiteto das igrejas das Missões.



Pintura de Leoni Mathis- ilustração de uma redução típica.



Planta da Redução de São Miguel.

Capítulo V

Seu Governo político e económico

1. Em cada cidade há um Corregedor, dois alcaides (prefeitos) maiores, de primeiro e segundo votos, Tenente Corregedor, Alferes Real, quatro Regidores (vereadores), Alguacil maior (meirinho), Alcaide (prefeito) da Irmandade, Procurador e Escrivão, que compõem seu Conselho Municipal (Cabildo) ou Câmara : embora o Tenente Corregedor não seja propriamente dele. Existem cédulas reais que proíbem que espanhóis, mulatos, negros, mestiços, a todos os que não são índios, tenham domicílio no povo dos índios, e isso para toda a América; e quando é necessário passar por uma redução, eles ordenam que não fiquem mais de três dias nela, e que não andem pelas casas dos índios: “para que não perturbem os índios”. Por isso ele acrescenta. São os índios de gênios humildes, pueris e tímidos. Eles se reconhecem como inferiores a todas as outras castas e se deixam subjugar por qualquer maligno uma das grandes colheitas daquele novo mundo, tão distante de seus chefes eclesiásticos e reais; e é por isso que a previsão real colocou essas precauções. Eu gostaria que eles fossem cumpridos. Agora, por ordem real, administradores espanhóis da fazenda dos índios foram nomeados, como já disse, com suas esposas e famílias. Antigamente, os espanhóis e outras castas eram separados dos índios, porque os destruíam, como sugeri algo nos dos encomendeiros. Agora eles os colocam de volta: Deus lhes dê luz e sabedoria para o seu santo serviço.

2. A maneira de nomear um Cabildo é essa. O primeiro dia do ano em que os Cabildantes se reúnem para conferenciar em uma eleição. Os eleitos escrevem em um pedaço de papel: levam ao padre para ouvir sua opinião, porque existe uma lei para toda a América que o a eleição do Cabildo seja realizada sob a direção do pároco. O Cura os tira ou os coloca como acha mais conveniente para o bem do povo (já que não tem parentes, nem nada em que possa se apaixonar), ou os deixa como estão. Ele pergunta aos eleitores o que eles pensam de sua declaração, e geralmente todos concordam com o que o Cura diz. Este papel vai para o governador, e ele o aprova e assina. Uma vez que não

tem conhecimento particular dos índios, e sabe que tudo se faz sob a direção do Padre, nunca muda, por via do bom governo.

Somente nessas ocasiões, quando ele tem notícia que em alguma função militar ou política, alguém se comportou com serviço especial, ele geralmente lhe dá algum cargo perpétuo. O Decreto de Filipe V do ano de 1743 diz que o Alcaide de Corte y Juiz N. Agfiero, que nos anos de 1735 e 36 esteve naquelas partes, e que afirma que dez pessoas eram as mais qualificadas do que estava acontecendo nos Povos, diz que o Cabildo dos índios é feito em consulta com o Padre, e que essa prática lhe parece muito boa: porque o Padre os conhece melhor, ele olha para o bem do povo, e o Rei fica satisfeito com essa opinião de seu ministro.

3. Feito isso, todas as pessoas diante do pórtico da Igreja se reúnem antes da missa. Nela os sacristãos colocam uma cadeira comum para o Sacerdote, uma grande mesa ao lado, onde são colocados o bastão do Corregedor, as varas dos Alcaldes e todas as outras insígnias dos Cabildantes, e também colocam o ritmo (batuta) do maestro de música, que é uma bandeirola de seda, as chaves da porta da Igreja, que pertencem ao sacristão, as dos armazéns, que tocam o Mayordomo, e outras insígnias de ofícios econômicos: e com eles as bastões e bandeiras, e outras insígnias dos oficiais de guerra: que todos estes também são colocados pelos Cabildantes em seu papel, e são confirmados ou alterados como os do Cabildo, embora sem a assinatura do Governador. E na frente de tudo, os bancos vazios do Cabildo são colocados de um lado e do outro, para sentar os novos Cabildantes, militares, etc., à medida que são nomeados.

4. Quando tudo estiver pronto, o sacerdote sai com seu companheiro ou Companheiros (que em algumas reduções são três, e até quatro Padres, embora o ordinário seja dois), e de sua cadeira, tomando o Evangelho daquele dia como texto, dirigindo-o para a presente função, ele explica as obrigações do Corregedor, do prefeito e de outros funcionários: o grande mérito que terão diante de Deus em cumpri-los, os bens espirituais e temporais que seguirão o povo: os grandes males que advêm do não cumprimento dela, e os grandes castigos que terão de Deus se não os cumprirem, etc. Quando esta exortação termina, o Corregedor nomeia, e então os músicos com suas chirimias (tipo de clarinete) e cornetas celebram a eleição com uma tocata curta,

mas alegre. Ele nomeia os Alcaldes, e os músicos fazem o mesmo: e os nomeados, ajoelhando-se para o Santíssimo Sacramento com grande reverência, eles tomam suas insígnias pela mão do padre: e com eles se sentam nos bancos do Cabildo. Em suas eleições não há brigas, nem barulho, nem disputas. No ofício que lhes é dado, alto ou baixo, eles nunca mostram repugnância: tudo é feito com grande paz. Quem acreditaria nisso sobre pessoas que em seus gentios eram tão sangrentas e ferozes? Tendo nomeado todos os do Cabildo, ele nomeia os que pertencem à Igreja: sacristão, mestre de capela, etc., e outros chefes de outros cargos políticos e econômicos: e também os da milícia. E então a Missa entra com toda a solenidade.

5. Além dos cargos do Cabildo, há muitos outros para a boa ordem do povo, a quem é dada a vara de Alcaide: cujas insígnias eles usam em dias de festa, e as outras quando vêm à igreja e em outras funções públicas. Os tecelões têm seu Alcaide (prefeito), que cuida de seu ofício e relata ao padre sua conduta. Outro alcaide tem os ferreiros, carpinteiros e outros ofícios de monta e mais necessários.

As mesmas mulheres também têm seus alcaides anciões e os mais exemplares e devotos, que cuidam de todo o seu trabalho e alertam sobre todas as suas desordens. Da mesma forma também têm os meninos, que a partir dos sete anos de idade são obrigados a ir juntos à Doutrina, à oração e a outras funções de seu bem espiritual: e a trabalhar nas lavouras (sementeiras) e outros campos comuns da aldeia (tupanbaé); para que desde a infância possam aprender o que é necessário para sua manutenção de agora em diante. As Cédulas Reais exortam-nos a não serem deixados ociosos, porque sua preguiça natural e frouxidão é grande mesmo para o que é muito necessário. Mesmo as meninas de sete anos de idade até o casamento (que geralmente é aos 15 anos de idade) têm suas aias mais velhas, que servem como alcaides; e vão com elas nas funções da Igreja e as tarefas temporais do povo, enquanto sua idade e sexo se desenvolvem: e eles sempre andam juntos, como meninos, embora nunca com eles, mas separados.

6. Para melhor organização, o Povo (redução) é dividido em várias parcialidades com seus nomes: a de Santa Maria, São José, Santo Inácio, etc., até oito ou dez, de acordo com o Povo (Redução) maior ou menor: e cada uma das parcialidades tem quatro ou seis caciques, de que é o chefe ou maior algum Cabildante. Os caciques são no-

bres declarados pelo rei e têm Dom (*podem usar essa referência no seu nome*). Cada um tem trinta, quarenta ou mais vassalos, que costumam acompanhá-lo ao trabalho público, prestando-lhe obediência e respeito: e eles o ajudam a fazer sua casa, semeando colheitas, etc.; mas ele não tem a vassalagem de tributo e serviço que geralmente é dada na Europa ao senhor dos vassalos. Nem por serem nobres se isentam do trabalho, como foi o caso dos hebreus do tempo de Saul e Davi, e em outras nações cultas: em vez disso, entre esses índios, para ter um ofício de trabalho, como carpinteiro, estatuários, pintor, etc., é nobreza.

Nem os desses ofícios, nobres e plebeus, do Corregedor ao último, deixam de cultivar suas terras na época de sua plantação (arar e semear) e colheita, que é ali de junho a dezembro. Quando eles vão fazer erva do Paraguai ou a conduzir alguma carreta das andanças do Povo (Redução), ou para trazer madeira da montanha para fábricas, etc., um grupo deles vai com seu capataz.

7. Existem todos os tipos de ofícios mecânicos necessários em uma população de boa cultura. Ferreiros, carpinteiros, tecelões, estatuários, pintores, douradores, fazedores de rosários, torneiros, ourives, materos, ou aqueles que fazem mates, que é o vaso em que a erva-mate do Paraguai chamada mate é levada (cuias); e há até sineiros e organeiros (fazedor de órgãos musicais) em algumas aldeias. Alfaiates o são todos os índios para si. E para as vestes da Igreja, vestidos de galas para os Cabildantes e os cabos militares, são os sacristãos os responsáveis por confeccionar. E para seus calçados, há seus sapateiros. Para si mesmos, eles precisam de pouca alfaiataria: pois como é uma terra quente, e apenas nos meses de Junho e julho é um pouco frio, eles usam pouca roupa e nada ajustado. Eles não usam nada além de uma camisa, um gibão de algodão colorido ou branco, cuecas e calças e um poncho, no inverno de lã, e no verão, que é quase todo o tempo, de algodão. Poncho é uma peça como uma sobremesa, com duas varas e meia de comprimento e duas de largura, com uma abertura no meio da cabeça; e isso lhes serve como um manto. E é tão comum lá, e mesmo no Chile e no Peru, e até entre os espanhóis, que mesmo os mais ricos não o desprezam, e alguns o têm com tantos bordados e enfeites, que vale um poncho de 300 e 400 pesos. Os índios, como pobres, usam-no simplesmente. Para a cabeça, eles geralmente usam

um gorro, e aqueles que podem fazer mais, um chapéu ou montera (chapéu sem abas). Eles não usam meias ou sapatos, como é o caso do reino de Tunquin, perto da China, sendo pessoas de grande cultura. Alguns poucos usam meias ou calcetas e geralmente as abaixam ou desamarram. Mas sapatos, por mais que os exortemos a fazê-lo, principalmente quando estão pisando nas montanhas, entre espinhos, não há como convence-lo a isso. Somente em suas festividades e funções públicas, quando estão em uma gala, os principais os usam para a gala.

8. Para sua manutenção, cada um recebeu uma porção de terra para plantar milho, mandioca, batata-doce, leguminosas (que é a coisa comum que semeiam) e o que quisessem. *Mandioca* é um gênero com raízes como cenouras, mas melhor do que cenouras: que eles comem, torradas ou cruas; e delas secas e moídas também fazem pão. Eles não gostam de trigo. São poucos os que o semeiam, comem ou cozinham, moem e fazem tortilhas sem fermento, que assam em pratos, como fazem com o milho. Alguns sabem fazer pão muito bom, porque foram padeiros na casa dos Padres, onde o pão é feito para eles e para os doentes duas ou três vezes por semana, e costumam se mudar, outros vêm novamente para esse ofício: e assim há vários fora com essa habilidade. No entanto, eles nunca fazem pão de trigo, exceto se é em alguma festa principal. É uma filosofia para o índio moer o trigo, sovar, adicionar sal e fermento, esperar que fermente e cresça, colocar nas formas e cozinhe. Ele não faz isso, senão obrigado.

9. Algum que outro, planta regularmente cana doce e algumas árvores frutíferas; mas eles são raros. Para essas lavouras, eles utilizam seis meses, nos quais aram, semeiam, capinam e colhem suas colheitas. Com quatro semanas efetivas de trabalho, eles têm o suficiente para ganhar a vida durante todo o ano, como acontece com os mais capazes e trabalhadores, porque a terra é fértil; mas geralmente a apatia do índio é tão grande que, atento a ela, é necessário todo esse tempo. E com tudo isso, o maior trabalho que os sacerdotes têm é fazê-los semear e cultivar o que é necessário para todo o ano para sua família; e é necessário com muitos se use a punição para fazê-lo, sendo para seu próprio bem (sustento), e não para o comum do Povo. Os sacerdotes tentam visitar suas plantações com frequência e enviam índios

fiéis para dar-lhes conta delas. Alguns Curas fazem medir com uma corda o que lhes parece suficiente para o sustento anual de sua casa: e impõem-lhes a pena de tantas chicotadas, se não trabalharem tudo: pois o índio é muito amigo do pouco trabalho pelos seus “curtos espíritos”, e sua visão intelectual não alcança até o final do ano, nem as razões nem a experiência de fome que sentiu no ano anterior por ter semeado pouco. Outros Padres os fazem cultivar e capinar a terra juntos, todos os de um cacique ou de uma parcialidade juntos: há tantas sementeiras (lavouras) e outras tantas tarefas, com um espião quanto um censor ou contador, que os faz cumprir seu dever, além dos chefes e capatazes: que ele lhes dê uma razão para tudo; e com todo esse cuidado geralmente não é possível fazer com que eles colham o que é necessário.

10. O que custa mais é fazer com que cada um tenha o seu algodão para vestir. O algodão é uma planta que cresce até duas varas em uma casca de noz e produz protuberâncias do tamanho de uma noz com sua casca, que, quando atinge a maturidade, se abre e revela o algodão em botões com suas sementes, que são do tamanho de um grão de pimenta. Arar o solo, e fazendo sulcos de duas varas de largura e colocando neles três ou quatro sementes a uma distância de duas ou duas varas e meia: e cobrindo-as com terra sem fazer buracos. O primeiro ano não produz algodão: o segundo dá alguma coisa: o terceiro dá fortemente: e daí em diante. Essas plantas duram 30 e 40 anos como a vinha, e são podadas todos os anos e separadas, substituindo as plantas que o arado destruiu, ou os sóis e tempestades murcharam. Em países muito quentes, como o Paraguai e outros, no primeiro ano dá seus frutos, e é arrancado e replantado como o milho.

O linho dá bem nesses Povos: mas arrancá-lo, remover a semente, deixá-lo de molho, secá-lo ao sol, macerá-lo, penteá-lo com um pente de ferro, remover o estopa, etc., é uma ciência tão alta e espaçosa que excede em muito a esfera do índio, mais do que fazer pão de trigo. Já tentamos muitas vezes: e somente tendo o índio ao seu lado, e sempre estando com ele, e fazendo a manobra junto com ele, algo pode ser alcançado; mas não há tempo para isso. O algodão não custa mais ao índio do que trazê-lo do mato para a roca, o que é próprio da pequenez do índio.

11. Não basta fazê-los trabalhar o algodão e as demais sementeiras. Também é necessário fazê-lo colher. O algodão não amadurece de uma só vez. Todos os dias, vários botões explodem ao sol, e assim continua por três meses. É necessário tomá-lo todos os dias; caso contrário, cairá no chão, se entrelaçará com o matagal, ou as chuvas, que são frequentes, misturam-se com a terra e a lama; e está perdido. A índia pega o que precisa para tecer o presente e, às vezes, algo para o futuro: mas não recolhe para tudo o que precisa no decurso do ano, e deixa perder. Vendo isso, alguns sacerdotes enviam a multidão de meninas com suas Aias ou “Maioralas” para pegar o que seu dono não pega: e eles o colocam no depósito comum do Povo. Com o milho, que é o seu encanto, pois eles o estimam muito mais do que o trigo, e fazem dele suas tortas, e o usam macio (verde), duro, torrado ou cozido, e ele entra em todos os ensopados, também acontece que se tiver uma boa colheita, perde muito sem pegá-lo. Economizar para o ano seguinte, não há como pensar nisso. Outras vezes, porque eles não guardam dos periquitos, eles perdem o restante. Periquitos (papagaios) de todos os tipos, pequenos e grandes, vermelhos, azuis, amarelos e de uma mistura muito vistosa dessas cores, são muitos em excesso em grandes bandos e causam muito mais danos aos campos de milho do que os pardais de Esparta aos campos de trigo.

12. Não basta fazê-lo colher toda a sua colheita. O máximo que um índio comum colherá três ou quatro fanegas (equivalente a 46kg) de milho. Eles poderiam muito colher vinte, se quisesse. Se tem isso em sua casa, desperdiça muito e gasta logo, seja comendo sem regra, ou dando-o por nada, ou vendendo-o por uma ninharia, o que vale dez pelo que vale um. Por esta razão, ele é obrigado a trazê-lo para os celeiros comuns, cada saco com seu nome: e um é deixado para ele em sua casa, e é dado a ele quando ele acaba. Toda essa diligência é necessária para sua preguiça. Essas coisas, juntamente com outras de economia temporal, custam aos Padres mais do que ministérios espirituais. Neles, toma-se muito cuidado, porque quando o que é temporal e necessário para o sustento vai bem, tudo o que é espiritual vai com muito aumento e fervor, atendendo com grande pontualidade e alegria a todas as funções da igreja, e frequência dos sacramentos: e celebrando com grande esplendor e devoção tudo o que toca o culto divino. Se há fome ou outro trabalho, o índio não vai a Deus e aos santos, como fazem as pessoas de cultura e entendimento, com

devoções, novenas, etc.; mas foge para procurar algo para comer nos matos, ou para matar vacas e terneiras nas pastagens, ou pastagens do povo comum, que eles chamam de estâncias (as terneiras, eles gostam excessivamente) e com isso destroem o povo. Isso não é porque eles não estejam bem enraizados na fé, pois são tanto que mesmo aqueles que fogem para os infiéis (pois entre tantos não faltam aqueles que o fazem, embora sejam muito poucos), nunca perdem a fé, mesmo que envelheçam entre eles; mas por causa de sua capacidade de crianças. O mesmo acontecia conosco quando éramos crianças, que não fazíamos votos, nem novenas, nem íamos à igreja para remediar nossas necessidades, se nossos pais ou mães não nos levassem. E nessas ocasiões os pobres fogem por muitos meses (e alguns por anos), sem missa, sermões ou sacramentos: e alguns morrem nas garras de tigres (dos quais são muitos e ferozes e sangrentos como os leões da África), ou de doença e miséria, sem qualquer ajuda espiritual.

13. Para remediar essa grande negligência, são estabelecidas sementeiras (lavouras) comuns de milho, vegetais e algodão: e estâncias de gado maior e menor. Eles vão para os campos de semeadura nos seis meses de seu tempo às segundas e sábados, exceto os tecelões, ferreiros e outros oficiais mecânicos, que não vão para o trabalho comunitário durante todo o ano: e eles se mudam para trabalhar suas terras, uma semana para isso, outra para seu ofício. Todos os seus ofícios não são exercidos fora de suas casas, o que seria inútil, mas nos pátios, que estão na casa dos Padres; e tão grande é sua sinceridade que todos esses ofícios são feitos sem remuneração, embora dos bens comuns (tupambaé) se remunera mais a esses por trabalhar mais do que os outros. O Padre os visita com frequência para que possam desempenhar bem o seu ofício. Coloca-se em cada cargo aquele que o Cura lhe parecer mais adequado, e eles não repugnam a ele; pelo contrário, alguns os reivindicam, porque, como já foi dito, é considerado nobreza ter algum cargo.

Apenas ser tamborista ou flautista não é dado solicitar. Aquele que tem uma habilidade (aptidão) entra nisso, e há Povo (redução) que têm dez, doze ou vinte. E as flautas sempre tocam duas, uma por terço para cima, outra para um terceiro abaixo, com um pandeiro ou tambor no meio; e com suas flautas fracas, que são de palheta comum, eles tocam fugas, árias, minuets e todas as outras coisas que ouvem

dos músicos: e eles gostam muito desse vil instrumento; de modo que não há viagem por rio com embarcações, por terra com carretas, nem ocasião em que haja uma tropa de pessoas ou alguma parcialidade ou alguma função ou tarefa, em que eles não levem um ou dois bateristas (tambor) com seus flautistas: e alguns são caciques, que não desdenham isso com todo o seu Don. O índio não sente honra ou um ponto por sua curta idade, como acontecia conosco quando éramos meninos.

14. Esses bens comuns são usados para dar comida aos que não tem, porque eles comeram ou perderam; para o sustento da Casa dos Recolhidas (cotiguaçu), da qual algo foi falado no capítulo 4, para a provisão das viagens para o benefício do povo; para alimentar os meninos e meninas quando eles vão para as sementeiras comuns, ou outras tarefas; para alimentar os viajantes e os convidados, que todos, sejam espanhóis, mulatos, mestiços, negros ou índios, escravos ou livres, sejam hospedados e alimentados, e até mesmo fornecidos barcos nos grandes rios, onde eles não têm uma ponte, com toda a liberalidade, de travessia, *GRATIS ET AMORE*, sem pedir nada, mas que ele liberalmente quer dar algo a algum índio; mas o índio não pede nada: e, finalmente, esses bens são usados para ajudar todos os doentes, velhos e necessitados; e como são por conta do Padre, que os visita com frequência, e não são vendidos exceto por sua ordem, geralmente duram de um ano para o outro e mais.

15. Os campos comuns de algodão são usados para vestir todos os meninos de um sexo e de outro: pois se o Padre não os vestisse, a maioria deles estaria completamente nua, por causa da negligência de seus pais naturais; e há tantos em Povos tão numerosas, que se eu cuidasse da Redução de Yapeju, que é a maior, no ano de 55, seriam três mil. A redução tinha então cerca de 1600 famílias. O tecido de algodão também é dado àqueles que vão fazer erva do Paraguai, às viúvas e recolhidas, velho ou deficiente; e como prêmio em festivais e funções militares e políticas aos que melhor se comportam. E uma grande parte é mantida para enviar a Buenos Aires e Santa Fé do Paraná para vender, e com ela para comprar o que é necessário de ferro, tecidos, ferramentas, etc., para o Povo, e sedas e ornamentos para as igrejas. É feita uma tela (tecido) branca de várias qualidades, fina, grossa, com cordão, torcida e de várias cores de listras.

16. O modo que se tem é esse. Cada índia recebe meia libra (453 gramas) de algodão no sábado para que ela traga na quarta-feira a terceira parte em fios; pois das três partes a semente pesa duas. Na quarta-feira, ele recebe mais meia libra para trazer de volta no sábado. Todos eles vêm para o corredor externo da casa do Pai, e lá seus velhos Alcaldes pesam a bola de cada um e colocam um pedacinho de cana com o nome do índio, para o que será dito. E eles colocam as bolas no chão em uma fileira de dez por dez, até que eles fazem um quadrado igual a cem, e além disso outros cem, até que eles terminem com todos eles; e então eles pesam o todo. Se alguma bola não vier igual, eles a devolvem até que a terceira parte esteja completa: se o fio for muito grosso ou muito mal fiado, eles dão alguma penitência ao índio. Então eles vêm com a conta de tudo o que foi escrito ao Padre, que os fazem o Mayordomo (mordomo) da casa armazenar. Os Padres não participam das funções dessas mulheres, porque há recato que se guarda com esse sexo. Os tecelões são muitos. Em Yapeju, eu tinha 38 dedicado ao ordinário (tecido comum).

Os demais oito eram de listados. Eles recebem quatro arrobas de fio (em torno de 60kg): e fazem dela um pedaço de 200 varas (166m), de uma vara (0,83m) ou quase, de largura: e recebem 6 varas (5 m) de tecido por seu trabalho: porque embora seja para o comum do povo, e dela é dado ao mesmo tecelão como recompensa em outras funções quando ele entra neles, e seus filhos para se vestir com todos os outros meninos; no entanto, como é uma questão de maior trabalho do que o comum dos outros, é ordenado que esse alívio seja dado a eles.

17. Quando o tecelão está urdindo (entrelaçar os fios), ele tem as bolas (novelo) com aquela pequena madeira com o nome do índio; e quando no meio da bola ele encontra terra, trapos ou outro engano que o fiandeiro colocou para roubar o fio, ou para fiar pouco, o mesmo imediatamente vai com ele ao mordomo, e este ao Padre para dar alguma repreensão ou penitência ao índio. Essas armadilhas geralmente são feitas por noivos (que até se casarem não recebem a tarefa), que não sabem para que serve aquela palha com seu nome. Sabendo disso, é emendado, e é uma questão de tão pouco trabalho, que em quatro ou cinco horas é feito, a fiação de meia libra de algodão. A peça é pesada pelo tecelão, para ver se se encaixa bem com o que lhe foi dado como fio. Tudo está feito pelos mordomos, que são escolhidos entre os mais capazes: e o Padre cuida deles. Dos campos de algodão particulares,

que são feitos para serem trabalhados para sua família, o índio fia o que quer de acordo com seu maior ou menor cuidado, e traz para a casa do Padre; e por meio do mordomo vai a outros tecelões, que além dos do povo comum existem para particulares; e do que ele traz geralmente vêm oito ou dez varas de tecido: os espíritos baixos da índia ou de seu marido não têm valor para mais. E ao tecelão ele dá como recompensa um pouco de bolo de milho, ou mandioca, ou alguma pequena medalhinha ou nada: pois mesmo que eles não lhe deem nada, ele cumpre seu dever, e eles não estão interessados: e mais ainda sendo colocados pelo Padre. Todo esse concerto nesta e em todas as outras coisas é instituído pelos Padres: Que o índio de sua colheita não traz ordem, economia ou qualquer concerto. O Padre é a alma de todos: e ele faz no povo o que a alma faz no corpo. Se ele descuida de alguma coisa ao assistir, tudo vai ladeira abaixo. Deus nosso Senhor, por Sua altíssima providência, deu a esses pobres indiozinhos um respeito e obediência muito especiais para com os Padres; caso contrário, era impossível governá-los: por isso eles podem escolher os mais adequados para os ofícios e para os outros, que entre tantos podem ser encontrados, para que por meio deles possam dirigi-los para o seu bem, vigiando sobre os mesmos remanescentes.

18. Os outros bens comuns e mais importantes são os animais grandes e pequenos. Os índios não têm vacas, bois, cavalos, ovelhas ou mulas, mas galinhas, porque não são capazes de mais. Fizemos muitos testes em todos os momentos para ver se podemos fazê-los ter e manter alguns bovinos grandes e pequenos e um cavalo, e não fomos capazes de alcançá-lo. Quando ele tinha um cavalo, ele o encaminha à matança: ele não o alimentava, nem mesmo o deixava ir buscá-lo: e então ele morre. O burro é mais adequado ao seu gênio; mas ele geralmente o mantém amarrado ao pilar do corredor de sua casa por três ou quatro dias, sem comer ou beber, sem leva-lo ao campo, porque ele não tem o trabalho de ir pegá-lo lá: e então ele se acaba. Damos a eles um par de vacas leiteira com seus terneiros, para que possam ordenhá-los e ter leite: e para o trabalho curto de ordenhá-los, não os ordenha: eles os deixam vagar perdidas nos campos e lavouras, ou matam o terneiro e os comem. O mesmo vale para os bois, que os perdem ou os matam e comem. Somente em tal qual um dos mais importantes e capazes podemos fazer com que eles tenham uma mula ou bois e os mantenham. Tudo está em comum.



Localização das estancias e suas divisas conforme Padre Hennis (situação em 1750).

20. A distribuição da carne é dessa maneira. Depois do Rosario (que geralmente é cerca de uma hora antes do pôr do sol), é feito um sinal com o tambor. Vem as mulheres, uma de cada família. Os secretários (que assim chamam aqueles que contam as pessoas e leem as listas) pegam seus livros: eles andam amando todos eles por suas chefias e parcialidades: e outros lhes dão a ração. Para evitar isso, eles trazem o gado pela manhã para o pátio e oficinas da casa dos Padres. Lá eles os matam e fazem as rações (porções), e os secretários ajustam sua conta. Todos eles carregam igualmente, exceto os Cabildantes e outros principais, que são dados em dobro.

21. Para arar, carregar carroças, trazer madeira da montanha, etc., eles recebem touros de quatro ou cinco anos para que possam domá-los antes. Eles pegam o touro com um laço, no qual são hábeis. Eles o amarram a alguma forquilha ou árvore. Eles o mantêm lá em jejum por dois ou três dias, e quando ele está enfraquecido pelo jejum, eles amarram galhos pesados a ele para arrastá-los. Assim, pela docilidade, cansaço e jejum, eles os domesticam: então eles os usam. Para amansar ou domar um cavalo ou mula, eles nada mais fazem do que

amarrá-lo com uma ou duas laços, com as quais o fazem cair no chão sem poder se levantar. Caído, eles colocam a sela com seus estribos. O domador monta com suas esporas. Afrouxam os laços para levantá-lo. Corcoveia e pula no cavalo, e às vezes se joga no chão: e o ginete está nele como se prega sem cair. Eles têm grande habilidade nisso. Quando o cavalo se joga ou cai no chão, o índio alarga as pernas, para não pegar nenhuma delas, para que não fique cocho e se não quiser se levantar com esporas, se apeia e com algum chicote ou vara ou faz ficar de pé: e logo volta a cavalgar. Assim, em três ou quatro dias, um cavalo é dado por essas e outras coisas mecânicas, amansado.

22. Quando chega a hora de arar, eles trazem para o curral (pois há grandes do lado da cidade) 600 ou 800 bois, que é o que eles chamam aos touros já domesticados, castrados ou inteiros, e aqueles que têm que ir arar vêm pegá-los. Os secretários ficam na porta com seus papéis, apontando todos aqueles que pegam bois e vão com eles para suas plantações. À noite, os Secretários voltam e todos os que os devolvem estão anotando, para ver se algum deles os perdeu, matou ou comeu: o que costumam fazer às vezes (se não houvesse tais diligências, eles o faziam todos os dias), e então eles dão razão ao Padre se os bois estão certos. No dia seguinte trazem outros tantos, não iguais, porque descansam, porque no dia em que o índio os leva, não lhes dá comida nem bebida por causa de sua negligência gratuita, e não tem compaixão pelo animal, nem qualquer discurso para sua preservação. Enquanto eu cuidava de uma pequena aldeia de índios, que haviam se tornado cristãos recentemente, eles tinham 800 bois na estância. E apenas 400 eram trazidos para as proximidades da redução (Povo): ele os mandou pastar em dois campos: os 200 de um vieram um dia ao curral da aldeia, e lá os índios os levaram para sua agricultura, com o relato dos secretários, como foi dito: e no dia seguinte os outros 200 foram vistos. E porque os índios os tratavam mal, e porque as proximidades da redução não eram muito férteis em pastagens, depois de três meses, ele os fez voltar para a estância, e eles trouxeram outros 400. Desta forma, mantive os 800, substituindo os que morreram: e dos 800 não podíamos ter mais que 200 a cada dia. A partir desses vestígios, dessa economia, fazemos uso para a preservação desses povos neste e em outros assuntos, dos quais a inadvertência, a negligência e a miopia do índio são incapazes.

23. Muito cuidado é tomado com as ovelhas, porque a lã é muito estimada pelos índios por suas roupas. Mas como é gado tão delicado, e o índio que o guarda tão descuidado, e o Padre não pode estar em tudo: não há como aumentá-lo. Sabemos como criá-los, porque temos livros e escritos que tratam disso, e de todos os tipos de economia natural e doméstica: e nos aplicamos a isso para o bem dos pobres. Damos a eles lições sobre tudo o que devem fazer. A tudo o índio diz sim, como é seu costume por causa de sua grande humildade; mas pelas costas do sacerdote ele não faz nada proveitoso: e assim eles adoecem, morrem e diminuem de ovelhas. No entanto, com muito cuidado dos Padres, em algumas partes há abundância: a ajuda sendo os melhores pastos; e em outros eles compram a lã de quem mais tem.

24. Eles são esquilados no devido tempo. A lã é dada para ser fiada e na ordem e circunstâncias em que o algodão é fiado pelos tecelões: e no início do inverno todo o tecido é distribuído a todas as pessoas, homens e mulheres; e os Povos que são capazes de dar cinco varas a cada indivíduo, ele se considera feliz: porque o índio sente muito frio, e por menor que seja, ele é incapaz de trabalhar: e não há nada que ele considere, como um pequeno pano de lã para se aquecer; e os Padres, por mais que desejemos seu alívio, são muito consolados quando os vemos com esse alívio. Eles não fazem tecidos delicados, mas tecidos grosseiros, ou cordel, como mantas de cavalo, exceto algumas peças que são feitas de listras de várias cores para os músicos, sacristãos, cabildantes e caciques para os ponchos. E este pano, tão tosco, se o índio tiver a escolha com um pano de tecido, que é tão estimado por ele, ele escolhe esse pano tosco em vez de tecido elaborado (tisú), porque este o aquece mais. O índio não olha para asseio e luxo, mas para conveniência e necessidade. O frio nessas partes é pequeno: a água raramente congela, e isso em tal inverno, e com gelo muito fino: e não dura mais do que dois ou três meses, junho, julho e parte de agosto (porque essas partes estão no hemisfério oposto ao nosso), e não é todos os dias: por três meses, por estar mais perto do sol (pois as aldeias estão entre 26 e meio e 30 graus, quando a Espanha está entre 36 e meio e 44) muitas vezes há calor de repente por alguns dias.

Por tudo isso, o índio sente muito esse pequeno frio, que parece mais primavera aqui. Ele deve ser de tez muito fria, como é de fleumático, como vemos. O calor, que é muito, ele não sente. Quando o sol está muito quente no verão, acontece que eles estão esculpindo

madeira ao sol para fábricas ou similares, sem cobrir a cabeça com seus gorros ou chapéus, mesmo que haja sombra por perto: e exortando-os a se livrar do sol, colocando suas madeiras na sombra, eles riem, permanecendo no sol. O máximo que eles fazem é se despirmos da metade do corpo, o sol tostando sua carne. E eles são comumente alegres nessas tarefas, e não falta um em cada tropa (grupo) que tem o gênio de contar piadas: e a cada dizer eles riem e gralheiam com muita pouca causa.

25. Como desde o início conheceram os missionários que pessoas de uma economia tão pequena não poderiam ser antidas sem vacas; nos primeiros anos trouxeram, embora com grande dificuldade, algumas vacas para a primeira missão de Guayra, desde o Paraguai, onde os primeiros espanhóis as haviam trazido da Espanha, já que não havia nenhuma na América. Os portugueses destruíram essas treze aldeias, como já foi dito, e as vacas foram perdidas lá. Outras foram para a missão do Tape: e como os mesmos portugueses devastaram aquelas nove cidades, e os habitantes foram transmigrados, como foi dito no capítulo 3, e as vacas que eles deixaram foram espalhadas por aqueles campos, que são das melhores pastagens, por um espaço de mais de cem léguas entre o rio Uruguai e o mar e até o rio da Prata: lá elas se multiplicaram muito.

26. Os portugueses foram derrotados, como se afirmou no capítulo 3, e essas terras sendo calmas e limpas de inimigos, os índios de cada redução foram trazer vacas: o que não custa pouco, quando são rústicos, que são chamadas de “chimarronas”. Vão 50 ou 60 índios com cinco cavalos cada. Eles colocam um pequeno rebanho de bois e vacas domesticadas em uma altura, para serem vistas das colinas, e a uma distância competente cercam ou encurralam trinta ou quarenta homens para sua guarda. Os outros vão trazer para lá os mais próximos, que vêm correndo como soltos e livres, e vendo os de sua espécie, dando-lhes uma porta larga do curral, eles os encurralam. Eles voltam para os outros: e da mesma forma eles vão entreverando, até que não haja mais naquela vizinhança. Todos os cavaleiros se reúnem: e um ou dois indo à frente como guias, os outros fechando tudo o que tomaram, eles o conduzem para onde há mais, tomando cuidado para não chegar muito perto: pois se eles se aproximarem, eles se apertam, e tendem a romper a roda e se espalhar. Na segunda paragem, eles

fazem o mesmo. Quando a noite chega, eles cercam seu gado e fazem fogo por todos os lados, e assim no meio do campo ele fica quieto. Se eles fazem fogo, eles disparam, eles quebram o círculo e vão embora através dos cavaleiros (vigias). Dessa forma, 50 índios, em dois meses ou três, costumam colher e trazer para sua aldeia a uma distância de cem léguas, cinco mil ou seis mil vacas. Alguns dos cavalos morrem, seja pelas chifradas dos touros, que atacam o cavalo e o cavaleiro com chifradas: seja pelo grande cansaço e maus tratos que o índio lhes dá. O resto é deixado de tal forma que não pode servir o ano todo: e são colocados em pastagens exuberantes para convalescer e engordar. Tudo isso custa essa tarefa. Enquanto durarem essas vacas, que chamavam de VAQUERIA DEL MAR,¹¹ por estarem em suas margens, estavam os índios muito bem assistidos, sem precisar de pastagens de gado manso. Todo o cuidado foi em ter muitos cavalos para ir para vacaria, e isso era a pastagem e estância dos trinta povos, embora pelo mau tempo as vezes as colheitas foram perdidas, aqui encontraram refúgio para tudo: porque o índio gosta muito de carne, e mais de vaca e ao tê-lo, ele já tem tudo.

27. Assim, os índios perseveraram os índios com abundância por mais de 50 anos, até que, por volta dos anos de 1720, um espanhol benemérito das Missões, pediu licença para vaquejar para si nessa vacaria do mar. Eles chamam de vaquejar a este modo de arrebANHAR as vacas. Deve-se notar que das vacas que se levaram da Espanha para Buenos Aires, no espaço de 80 anos ou mais, preencheram delas seus campos (que estão todos repletos os campos, como a terra de Campos, Valladolid, etc.: e isso por mais de cem léguas e são de belas pastagens). E os campos entre o rio Paraná e o Uruguai, em frente a Santa Fé por cem léguas de comprimento e 500 de largura, também estavam cheios de vacas, todas sem donos. Os espanhóis tiraram deles, não apenas para comer, mas muito mais para obter seus couros, gorduras e sebo. Na alimentação, como eram poucos, gastavam pouco.

Para os couros, e também para a língua, dos quais eles tinham muito comércio com um banco (contrato) de ingleses, que tinham tratados com os Reis, e negociavam em Buenos Aires, matavam sem medida, deixaram a carne ser perdida, de modo que quando este espanhol pediu licença, não havia mais vacas rústicas nas jurisdições

11. A vacaria do mar se localizava nas nascentes do rio Cebollatí, na república do Uruguai de hoje.

dessas cidades: todas elas foram destruídas pela ganância. Havia apenas alguns domesticados nas terras e estâncias de particulares.

28. Este espanhol pediu permissão, porque sabia que não eram vacas comuns, mas originárias daquelas que em sua transmigração deixaram os índios e se multiplicaram em terras não de particulares, mas nas quais os índios foram criados em seu gentilismo, que eram deles pela natureza: e as leis reais ordenam que não sejam tiradas dos índios que se convertem. Ele recebeu permissão e levou cerca de trinta mil: de modo que as muitas que estavam em espaços vazios tão longos não eram uma coisa sensível: pois os índios dos trinta povos em um ano costumavam buscar cerca de cem mil: e ainda assim eles não diminuíam, mas aumentavam. Outro espanhol então pediu permissão e foi recusado: julgando que, se fosse concedido a muitos, eles fariam o que fizeram com as vacas de suas terras.

29. A cidade de Buenos Aires reclamou disso. Seguiu o pleito: o processo: e o governador decidiu que qualquer um que quisesse vaquejar poderia entrar. Eles vieram em massa com muitas carroças por vários lugares, sem ordem ou concerto. Eles mataram vacas sem número.

30. Eles enviaram os couros, línguas, sebo e gordura para os ingleses de Buenos Aires, carregando as carroças: e enquanto alguns se voltavam, outros estavam trabalhando para carregar uma segunda vez. E assim, em apenas dez anos, não apenas milhares, mas milhões de vacas acabaram, devastando toda a Vacaria do Mar dos índios, como haviam devastado as suas de Santa Fé e Buenos Aires.

31. Depois que o governador deu uma licença franca, os padres presumindo que em poucos anos não haveria vacas, e vendo que os índios não poderiam subsistir sem essa ajuda, pois tinham tanto zelo do bem dessas pobres criaturas, eles procederam a criação imediatamente, antes que as do mar acabasse, de outra vacaria comum, que eles não podiam reivindicar um direito, nem quanto às terras nem às vacas. Para esse fim, eles buscaram uma campanha para o leste, distante cerca de 80 léguas das reduções (Povos), e espaçosa por 60 ou mais léguas, que não pertencia a nenhum particular, mas a seus avós quando eram inférteis: e das vacas que algumas Povos haviam domesticado ou aquerenciado em suas estâncias, (porque vendo que os es-

panhóis entraram na vacaria do mar, os missioneiros tomaram (recolheram) para eles o mais rápido que puderam, para formar estâncias nas proximidades das reduções), eles tiraram até oitenta mil: e abrindo caminho primeiro por uma floresta densa de três léguas, e depois por outra de cinco, eles colocaram os oitenta mil por aquele portão, e os deixaram fechados por todos os lados, para que se multiplicassem, espalhados por todo aquele espaço, que estava por toda parte cercado por montanhas e florestas muito extensas e muito densas: e então todas as reduções iam para pastorear, como iam para a vacaria do mar: pois apenas das estâncias das reduções, mesmo que todas as tivessem, julgavam que, por causa do descuido do índio em cuidar do gado, eles não podiam ser mantidos sem que houvesse uma estância ou vacaria comum, da qual as vacas eram criadas e supriam as estâncias particulares de cada redução. Esta segunda vacaria foi chamada de *DE LOS PINARES*, por causa dos muitos pinheiros que estavam nele. Perceberam os portugueses cujas terras eles desejavam ser donos o que lá havia: e então eles abriram o caminho, embora com muita dificuldade, através daquelas densas florestas e montanhas, para conduzir cavalos através deles: e em pouco tempo eles acabaram com todas aquelas vacas, alheias e em uma terra alheias, matando-as pela mesma ganância por couros para levá-las para a Europa, e por sebo, e línguas.¹²

32. Nessa época, cheguei às Missões, que foi no ano 31. Consultamos a maneira de ter uma vacaria comum, de modo que nem os espanhóis podiam reivindicar o direito à ela; nem eles, nem os portugueses podiam destruí-la, sem serem sentidas e defendidas. Determinou-se que a estância do Povo de Yapeju, que começa a uma légua da redução e se estende até cinquenta léguas de comprimento e trinta de largura, e estava cheia de vacas, não mansas, mas alçadas e não domesticadas, ou chimarronas, mas pertencentes à redução, que as trouxe para aquelas suas terras, tirando-as da vacaria do mar, e guardando-os com seus índios nas fronteiras para que não vão para outras terras: Determinou-se, portanto, que nesta grande estância se procurasse uma paragem capaz de 200 mil vacas: para o qual é necessário ter um espaço de vinte léguas de comprimento e dez de largura. Que da grande estância, até quarenta mil devem ser levados, da mesma forma que as chimarronas são levadas, como explicado anteriormente, e se

12. A vacaria dos pinhais estava localizada ao norte do Rio Grande do Sul, em um lugar que hoje lembra o topônimo Vacaria

metem na sua pequena estância, e se amansam bem em três ou quatro invernadas ou currais redondos (rodeios), como dizem lá. Que para sua guarda se colocam os pastores índios ou estancieiros, como ali chamam, que fossem confiáveis e mais cuidadosos. E que, para levar isso adiante e evitar qualquer desordem, injustiça e destruição no futuro, um Padre Capelão com sua capela decente e um irmão coadjutor devem ser colocados lá. Que esperaram até oito anos, tempo em que as quarenta mil vacas, bem cuidadas, poderiam se multiplicar, conforme ditava a experiência, para 200 mil. A partir desse momento, começariam gastar, não indo os Povos povo para tomá-los, como coisa comum e sem dono, pois pertenciam ao Povo de Yapeju, senão vendê-las ao Povo que queiram comprá-los, colocando-os às suas custas nas proximidades do Povo compradora. E como eram vacas já mansas e feitas para viver em paz, valia cada cabeça um real de prata a mais do que as outras chimarronas recém retiradas, cujo preço era então de apenas três reais de prata cada, fosse vaca ou touro, gordo ou magro.

32. Item, que na estância do Povo de São Miguel, que tem quarenta léguas de comprimento e cerca de vinte de largura, e onde também havia muitos chimarronas de propriedade do povo, e guardados soltas (livremente) à maneira dos de Yapeju, outro lugar nas mesmas circunstâncias deve ser procurado: e outros quarenta mil devem ser colocados nele: e um Padre e um irmão devem ser colocados, e se vendessem da mesma maneira. Tudo foi feito assim: e os Povos (reduções) foram ajudados: pois, por outro modo, não haveria vacas para serem encontradas, nem mesmo a um preço mais alto. O Povo, que, como eu disse, é a maior, geralmente gasta dez mil vacas por ano com a ração comum: pois elas matam entre trinta e quarenta todos os dias na redução. Eles os buscam na estância grande com a força de cavalos e trabalho, como já foi dito: e desta nova estância eles vendiam para os outros. O mesmo fazia o de San Miguel.

Vejo que quem não estiver familiarizado com os assuntos da América achará impossível estância de cinquenta mil léguas: gastando dez mil vacas por ano em um Povo de mil e setecentos habitantes: o preço delas é de apenas três reais de prata, etc. Mas isso é outro mundo. A mesma admiração nos causou no princípio. Ou pensará que as vacas são pequenas como carneiros: e outras coisas assim. Elas são tão grandes quanto as da Espanha, ou mais. Nem as léguas são pequenas. Elas são medidas à taxa de seis mil varas (5km). São de aqueles que

vinte ingressam em um grau (latitude ou longitude) com uma pequena diferença. As estâncias de Yapeju e São Miguel são as maiores: as outras são de oito, dez ou no máximo vinte léguas (110km) de comprimento.

33. A maneira de fazer as vacas chimarronas em mansa é a seguinte: depois de capturadas da maneira mencionada, elas são colocadas na estância da redução, fechadas por todos os lados com riachos, pântanos ou valas feitas à mão: embora nenhuma seja fechada, por causa da preguiça dos índios, que não tem muitas partes por onde sair. Lá eles os dividem em tropas de cinco ou seis mil: e colocam cada tropa em um determinado lugar fechado, para que não se juntem com a outra tropa.

E isso eles chamam de RODEO (rodeio). Juntam esse rodeio no início de cada dia para que não se espalhem, que forcejam para isso, para voltar pelo caminho de onde vieram e se acostumar com aquele lugar: e porque esse método frequente não lhes dá tempo para pastar à vontade: depois de algumas semanas, eles juntam o rodeio apenas duas vezes por semana, e eles os têm em alguma colina alta por duas ou três horas, cercando-os por todos os lados: e em partes eles os colocam e fazem o rodeio em um grande curral de paus. Eles são todos feitos de paus lá. Não há nenhum de pedra ou parede, nem mesmo nas terras das cidades mais avançadas. Desta forma, eles se tornam mansos e procriam mais, e facilmente os retiram sem gastar cavalos e os carregam para qualquer lugar.

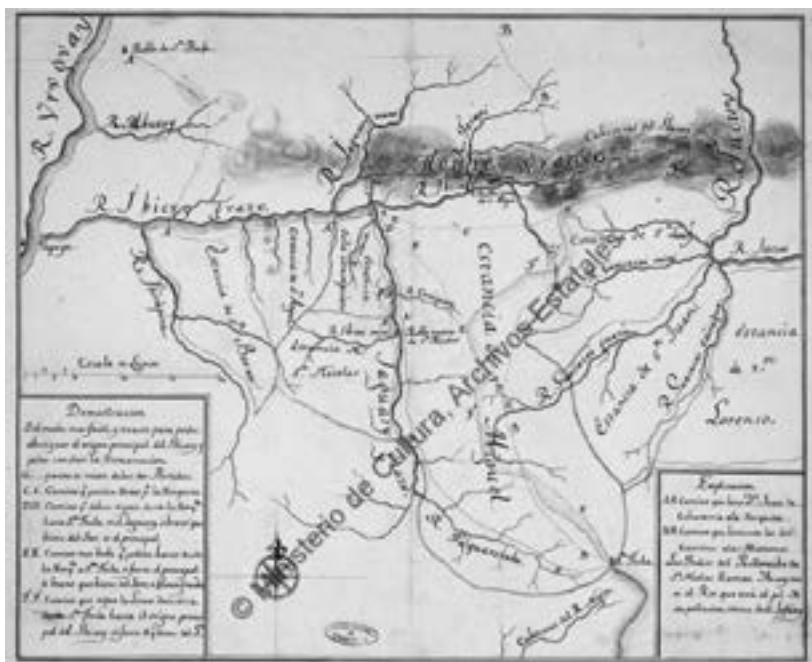
34. Com essas duas estâncias prosseguiram os Povos, comprando deles, mantendo, preservando e até aumentando suas estâncias particulares, até que veio a nova linha divisória, que acabou com tudo. Essa tão falada linha divisória nestes tempos originou-se dos excessos dos portugueses. No início de suas conquistas no Brasil, tendo algumas diferenças com os castelhanos, apelaram ao Papa Alexandre VI para marcar fronteiras. Ele os apontou: e depois de grandes disputas, as duas coroas acordaram em que a linha fosse marcada pelo grau de longitude 330. Com isso, os portugueses ficaram com tudo o que haviam conquistado, e os espanhóis também: e o que tinham para conquistar. Este grau 330, tirado do primeiro meridiano do pico de Tenerife, passa, segundo senso comum, pela foz do Maranhão no norte do Brasil: e entra no mar pela ilha de Santa Catalina ao sul. Divide

o globo em duas partes iguais: e lá nos antípodas, que corresponde ao grau 150, passa pelas Ilhas Filipinas.

35. Na América, os portugueses entraram no interior, cruzando essa linha e cultivando minas de ouro muito dentro do que tocava a Espanha. De modo que pelo rio Maranhão nestes últimos anos entraram mais de quatrocentas léguas, povoando ambos os lados. Espanha reclamou de tanto excesso. Eles não podiam negar seu avanço: mas alegaram que a Espanha também possuía as Ilhas Filipinas, que, de acordo com a linha, pertenciam à eles: e eles as esconderam por tantos anos, que, deixando tudo isso despovoado, eles poderiam muito bem povoá-lo. Finalmente, por meio de nossa Rainha, filha de seu Rei, obtiveram uma nova linha, na qual ficaram com o que haviam adquirido pela Maranhão, exceto um pequeno território em que caía um povo de índios: e com todos os territórios de minas de ouro e diamantes que haviam povoado em direção ao Paraguai e ao Peru: e cederam o direito às Filipinas e entregaram a fortaleza da Colônia do Sacramento em frente de Buenos Aires ao outro lado do Rio da Prata: (como visto no mapa) e por isso e pela cessão, receberam os sete povos dos índios guaranis, ou Tapes, comumente chamadas de Missões do Paraguai, cujos nomes são vistos no mapa. Mas com a diferença de que os portugueses da Colônia tinham liberdade para que ficassem no local com os vassallos do rei de Castela, ou se fossem aos domínios de seu rei com seus bens móveis e vendendo os imóveis. Mas que os índios dos sete povos, que somavam cerca de trinta mil almas, deveriam passar para os domínios da Espanha, formando novos povos (reduções), levando consigo o gado e os bens móveis: e deixando para os portugueses suas casas, terras, pomares, campos de algodão, ervais e todos os bens imóveis: e em troca disso quatro mil pesos seriam dados a cada Povo. Essa diferença foi feita para não dar tanto índio a Portugal, com os quais naquelas partes ele poderia fazer guerra contra nós na época em que havia uma.

36. Os índios foram intimados ao tratado. A princípio, alguns consentiram: mas pressionando-os em sua execução, todos resistiram. Nós, Padres, exortávamo-los, considerando o empenho da Corte, e que, se eles não obedecessem, seria pior; e contra a sua vontade pelas armas o fariam obedecer, com a perda dos bens móveis e imóveis, e também de muitas vidas, se eles resistissem. O que perderiam nesse

tratado era muito mais do que a Corte pensou; que não nos consultou, julgando-nos apaixonado pelos índios. Eles julgaram que com os quatro mil pesos se ressarciria as perdas dos edifícios e outros bens. Porém era tão ao contrário, que havia Povo que perderia mais de setecentos mil pesos.



Mapa com alinhos do Tratado e a posição de algumas estancias missioneiras

37. Enquanto eu cuidava do Povo de São Nicolau por ordem do governador e capitão-general e de meus superiores, um dos povos do tratado, instando com a transmigração dos índios dele: não querendo deixar suas terras, veio um grande destacamento de soldados. Os índios saíram para a oposição e eu não pude impedi-los. Eles mataram um capitão espanhol: os espanhóis mataram quatro índios nas ruas, com os quais os outros fugiram e tomaram posse do Povo.

Perseverei nisso com o destaqueamento por alguns meses. Durante esse tempo, eles fizeram um cálculo diante de mim do que as pessoas perderiam. Eles encontraram 700 casas. De seu valor, alguns disseram que cada uma valia 500 pesos: outros, 400: e o mínimo, 300.

Elas eram todas com fundação, e uma vara de altura, de pedra: o resto de adobes. O teto era com bons telhados: e os corrediços (alpendres) e arcadas com colunas de pedra, e de uma pedra cada. A soma de 700 à taxa de 300 equivale a duzentos e dez mil pesos. A igreja, que é de pedras lavradas, junto com a torre, e oito ou dez sinos que ela tem, com a casa e o pátio do Padre, que são muito grandes, para servir a toda a redução em vários usos; e a casa das recolhidas (cotiguaçu), armazéns, celeiros e capelas do lado de fora, eles disseram que valia tanto quanto toda a cidade, isto é, todas as 700 casas. Das árvores de erva do Paraguai, das quais havia cerca de quarenta mil plantas em duas grandes plantações ou ervais, pois dizem lá que avaliavam cada árvore em cinco pesos, na menor parte, pois diziam que em outras partes cada oliveira era vendida por dez pesos: e que pelo menos cada árvore valha a metade da árvore de erva, eram duzentos mil pesos. Dos campos de algodão comuns e privados, que produziam cinco ou seis mil arrobas de algodão por ano: e dos pomares comuns de pêssegos, que a terra é própria para eles, e de outras frutas, grandes somas totalizavam pelo menos setecentos mil pesos.

38. A igreja do Povo de São Miguel, na qual mil índios trabalharam por dez anos, da qual algo já foi falado, foi valorizada pelo engenheiro-chefe do exército e outros arquitetos em um milhão de pesos: e o general português, assim que viu, disse que somente as fundações valiam mais do que o Rei de Castela dava por todo o Povo, ou seja, os quatro mil pesos: e tudo isso pertencia aos índios, que o fizeram sem remuneração alguma, com muito suor e cansaço.

39. Como perdia tudo isso, o pobre índio, e com uma circunstância muito agravante para eles, deveria ser dado aos portugueses, que no passado lhes causaram tanto dano (bandeirantes), e atualmente também o faziam com muita frequência, com roubo contínuo de seu gado das estâncias, e com frequentes brigas e até mortes, para defender suas estancias, pela qual eles os consideravam inimigos: enquanto consideravam isso, e refletiam o que isso lhes havia custado; e agora lhes forçavam a fazer tudo isso novamente com novo suor e trabalho, coisa tão sensível a seu gênio tão penoso: e acima de tudo eles foram ordenados a deixar sua terra natal, e ir para terras muito distantes, que é o que o índio mais sente; eles não podiam suportar uma obediência tão pesada: e assim, embora sempre nos tivessem obedecido em tudo,

exceto em algumas transmigrações que nos tempos antigos era necessário fazer com alguns povos particulares; aqui havendo maiores dificuldades, eles prestaram atenção aos nossos esforços, e até mesmo alguns Padres estavam arriscando suas vidas, porque insistiam muito nessa transmigração.

40. Os espanhóis, sabendo do respeito que tinham por nós, julgaram que, se lhes ordenássemos transmigrar, obedeceriam imediatamente: e, portanto, não fazê-lo era sinal de que nós os estávamos amotinando. Porém estavam muito errados. E depois que eles entraram nos Povos, eles lidaram com os índios, e viram o que lhes foi ordenado, e o que eles perderam, eles nos disseram o quanto eles haviam andado: e se lhes mandassem o que ordenaram aos índios, resistiriam até a última gota de seu sangue; mas como foram ordenados no que faziam, não puderam deixar de continuar na execução do tratado. Seria melhor que obedecessem em todas as coisas de acordo com as máximas do Evangelho no caso de ordenar-lhes o que lhes foi ordenado aos índios: e dessas máximas, como *SI QUIS AUFERT TIBI PALLIUM, PRAEBE EI ET TUNICAM*, costumávamos fazê-los obedecer ao que lhes era ordenado. Isso foi de tal forma que depois, tomando juridicamente juramentado pelo General D. Pedro Cevallos, não apenas para os principais corregedores e caciques índios, mas também para seus oficiais que haviam sido encontrados nas escaramuças dos índios, que eram muitos, do que havia sido neste ponto, testemunhou que os índios, não os padres, haviam sido a causa da resistência. Este testemunho autorizado ele enviou ao Tribunal. No entanto, muitos acreditam que fomos a causa de todo o mal. Quando a luz for dada, a verdade será descoberta.¹³

41. Finalmente, os índios pela força das armas foram expulsos dos sete Povos. Eles foram recebidos pelos outros 23 na margem ocidental do rio Uruguai. O general português, que tinha vindo a esta campanha para ajudar os espanhóis, e estava convencido de que havia muitas riquezas naqueles sete Povos, de modo que há uma testemunha muito autorizada que afirmou tê-lo ouvido dizer antes desta conquista, que os Padres para seus colégios tiravam um milhão e meiodesepostos dos anos dos 30 Povos, agora vendo através dos seus olhos o engano, ele começou a mostrar descontentamento com o tratado: parecia-lhe

13. Pedro de Cevallos foi governador de Buenos Aires entre 1756 e 1766

que da Colônia, por uma rota de contrabando, Portugal estava recebendo mais prata do que poderia ser tirada daqueles Povos. O general espanhol julgou que a Espanha foi muito prejudicada e diminuída por esse tratado: embora tão fiel, ele obedeceu ao que lhe foi ordenado. Também foi necessário tirar dos matos milhares de índios que, por medo do exército, e porque não deixar seu país, haviam entrado neles: e os portugueses disseram que enquanto o espanhol não tirasse esses índios e os levasse para a outra parte do Uruguai nos outros Povos, ele não poderia colocá-los nos sete do tratado, já evacuados, as famílias portuguesas, que estavam preparadas para isso: porque as das matas com contínuas irrupções os iriam destruindo. O general espanhol, D. Pedro Cevalos, enviou vários destacamentos para remover esses índios. Cada um carregava um jesuíta: e agora, com o terror das armas e com as persuasões do Padre, os trouxe todos para fora e os conduziu ao lugar destinado. Três anos foram gastos nessas coisas: e em todo esse tempo estive com o General nos Povos de São João e de São Miguel, como capelão e missionário do exército. Quando os índios que estavam nas matas foram removidos, nosso rei Fernando VI e a rainha morreram. Entrou para reinar D. Carlos. E considerando o tratado injusto, ele imediatamente o anulou e ordenou que os índios voltassem para suas casas e fossem compensados por tudo o que haviam perdido¹⁴. Eles voltaram e não encontraram dinheiro nem nada para comer: mas com a ajuda dos outros povos, eles caíram em si: e quando veio a prisão dos missionários, que foi por volta de agosto de 68, eles já estavam suficientemente esclarecidos, embora tivessem um longo caminho a percorrer para obter o primeiro item. A ordem do rei de que tudo deveria ser resolvido não foi executada como de costume com outros mandatos reais em terras tão distantes: e não foi por incompetência do General.

42. Feita essa digressão, continuemos com os aspectos políticos e econômicos do Povo.

43. Além dos bens comuns de vacas, algodão, etc., há outro muito particular e abundante, que é o da erva do Paraguai, que é comumente chamada de *YERBA*, sem nenhum outro acréscimo. Exis-

14. O tratado de Madri de 1750, ou da Permuta, como também o chamavam, foi anulado de comum acordo por ambas as Coroas em 12/11/1761

tem nas matas dessas Missões, e nas da província do Paraguai, em toda a mesma, algumas árvores típicas desse território, do tamanho de uma laranjeira, e com uma folha semelhante a ela, que chamam de Árvore de Erva. Pegue os galhos não grandes desta árvore: chamusca-se na chama: coloque-os em alguns forquilhas e estruturas de madeira um pouco altos: e por baixo eles fumaceiam a noite toda: então eles são moídos e ensacados. Esta é a erva tão usada naquelas terras entre ricos e pobres, livres e escravos, como pão e vinho na Espanha. Era para ser usado da mesma forma que o chá, como dizem os portugueses, tirados dos chineses.

Aqueça a água: despeje um punhado de erva no MATE, que é o vaso em que é levado, e é feito de cabaça (porongo) pintada, em forma de canoa ou manjedoura, ou de coco grande, que os ricos enfeitaram com prata, ou pau santo, uma madeira muito medicinal; não de estanho, prata ou argila: em cima da erva é derramada água morna, não fervente, o que torna a erva amarga: e as pessoas de alguns seres derramam açúcar sobre ela, e até de laranja azeda e pílulas de odor. Pessoas comuns sem essas coisas.

Existem dois tipos de erva (não digo espécies): uma que eles chamam de *CAAMINI*, ou erva menuda (miúda): outra *CAÁ IVIRÁ*, ou erva de paus. A diferença entre os dois é que a erva de paus, eles o amarram para moê-lo, colocam em um buraco, varrendo com ele a terra e outras coisas que sobraram das barbelas (carijos) onde o jogaram depois de esfumazar, e não cobrem o buraco: lá eles o esmagam, caindo e entrelaçando com ele a terra nas laterais do buraco: e não fecham em peneiras, apenas retirando os paus maiores, deixam os menores nele. A Caamini, ou pequena (miúda), é moída em canoas, ou em um poço bem arranjado para que nenhuma terra seja misturada com ele: e é peneirado, deixando-o sem gravetos. Este vale quase o dobro do outro. Dessa fazem os trinta Povos. O outro tipo é feito pelos espanhóis do Paraguai e pelos índios das dez cidades que eles têm lá.

44. No passado, nossos índios costumavam ir para fazer esta erva nos matos, distantes dos Povos a 50 ou 60 léguas: porque não havia a uma distância menor. Os sete da banda oriental do Uruguai iam por terra com carroças: os demais pelos rios Uruguai e Paraná em

jangadas feitas de canoas, rios acima, pois os ervais não se criam rio abaixo e não era possível ir por terra através das serras e montanhas intermediárias. Os trabalhadores de terra voltaram com suas carroças carregadas depois de muitos meses. E os de água, depois que a erva foi feita, as levavam nos ombros desde o lugar onde estavam os ervais até o rio, que em algumas partes ficava a cerca de três ou quatro léguas de distância.

45. Os Padres vendo tanta perda de tempo fora da aldeia, sem os socorros espirituais dela, e tanto trabalho dos pobres índios, se dedicaram a fazer ervais nas reduções (Povo) como pomares. Deu muito trabalho, porq ue a semente que foi trazida não pegou. É a semente do tamanho de um grão de pimenta, com alguns grãos cercados por uma goma. Finalmente, depois de muitas tentativas, descobriu-se que aqueles grãos, limpos daquela goma, nasciam, e transplantados as plantas muito tenras da sementeira (canteiro), e deixá-las lá para crescer fortemente, e então eles transplantaram para o erval e regavam por dois ou três anos, elas se firmaram e cresceram bem: e depois de oito ou dez anos, a erva-mate pôde ser feita. É uma planta muito delicada: e com toda essa indústria e trabalho, ela é alcançada: e ervais tão grandes foram feitas em quase todos os Povos, e que não é mais necessário que os pobres índios vão com tanto esforço para os matos. Grande é o emprego que os Padres sempre colocam em libertar aqueles pobres pequeninos do trabalho, em sua preservação e alívio, que em todos os outros lugares são perseguidos, afligidos e maltratados, e sendo em grande declínio, como testemunham as histórias dos Eclesiásticos e seculares (leigos), e ratificam aqueles que caminham muito pelas províncias da América, exceto em alguns dos índios mais capazes que se governam por si só, dos quais o padre Gumilla fala em sua bela História do Orinoco¹⁵. Portanto, o rei Filipe V, informou disto através dos Bispos em suas visitas e dos Governadores e Juizes, ele elogiou muito o cuidado dos Padres na Cédula do ano 43 ponto 4^o (tem 12 pontos) exortando nos acontinuar neste negócio do temporal: e acrescenta que “Eu gostaria que isso fosse feito nos povos do Peru: que não se experimentaria nele uma versão tão ruim da administração de suas fazendas”. Já se há visto o cuidado, zelo e empenho que se pôs nas vacarias para a conservação destes pobres índios. Os espanhóis, vendo

15. José Gumilla, O Orinoco, ilustrado e defendido. História natural, civil e geográfico de este grande rio, etc. Madri, 1745.

esses ervais, tentaram fazer o mesmo em suas casas e fazendas para se livrar do grande consumo de mulas que tinham nas serras e matos, fazendo e trazendo erva: e eu lhes dei sementes e receita para fazê-las: mas nunca eles conseguem, embora as terras do Paraguai sejam mais apropriadas para essa planta que as dos outros Países.

46. Esta é a principal propriedade dos Povos para comprar o que você precisa de Buenos Aires, e para dar para o Povo. O Povo envia anualmente a Buenos Aires 400 arrobas (4600kg) de erva com os índios do mesmo Povo em barcos nos rios, nas mãos de um Padre Procurador de Missões que está lá. Outros para Santa Fé e outro Padre que também está lá: embora por causa do menor comércio daquela cidade, é pouco frequentada aquela Procuradoria. Vende o Procurador a erva a 4 pesos a arroba, segundo os tempos, pouco mais ou pouco menos, e com o seu valor compra o que o Padre pede, que pode ser tecido e adereços para a igreja, facas, tesouras, machados, ferro bruto para muitos usos dos ferreiros (facas, tesouras e machados se tem experimentado que é mais útil compra-los do que fazer no Povo), armas de fogo, adornos para as suas festas, tecidos de pano e outras espécies de tecidos de linho para os altares, e outras mil coisas necessárias, que a seu tempo com toda economia e equidade se repartem entre todos.¹⁶

47. Há uma ordem do Rei para que não mais do que doze mil arrobas (176.400kg) de erva sejam vendidas para Buenos Aires e Santa Fé entre os 30 Povos, que tocam a 400 (5880kg) para cada um. Esta ordem foi dada a pedido dos espanhóis do Paraguai, que são os únicos que têm este comércio, e eles descem a Buenos Aires com cerca de cinquenta mil arrobas (735 mil kg) todos os anos, pelo rio de seu nome e pelo Paraná.

Nós não podemos descer mais do que essas doze mil, mesmo que despreze a ordem (pois nunca é desprezada alguma, mesmo que seja muito trabalhoso, porém se põe muito cuidado em cumprir a ordem), porque é necessário passar a embarcação por duas ou três passagens cheias de guardas de confiança (controles), que vasculham tudo e dão sua permissão. Desta erva diz o papel daquele Prelado que todos conhecemos, que obtemos tanta riqueza, que dela enviamos todos os anos um milhão de pesos para Nosso Padre Geral. A cegueira, os sonhos e as ilusões das pessoas, mesmo da maior santidade, chega-

16. A arroba equivale aproximadamente a 11,5 kg

ram a tal ponto nestes tempos, à vista de tantos governadores, oficiais militares, guardas e mil outros indivíduos, que sabem ou vêem o contrário.

48. O tabaco também é usado em todas os Povos para alimentação. *Assim, o tabaco é enviado por alguns Povos às cidades, pois ali se usa muito para fumar e mascar.* É muito comum esses dois usos entre pessoas de classe social baixa, e não poucos distinção. Os índios usam apenas para mascar, o que dizem que lhes dá muita força para o trabalho, especialmente no frio. Não é usado em pó por proibições reais. O pó vem da Espanha e vale o mais barato, quatro pesos a libra.

Tudo o que sai de Europa está neste teor: o quintal de ferro a 16 pesos (ali não há simples): o pano, de Segóvia a 8 pesos a vara: o barril de vinho da Andaluzia de 4 arrobas o jarro, ou 32 frascos comuns a 30 pesos: e assim por diante.

49. De todos os bens comunitários mencionados, apenas o linho e alguns fios para pavios, a erva e o tabaco saem dos Povos: deixando o necessário para o consumo dos vizinhos. O resto dos bens permanece para despesas e para contratar uns com os outros: pois em alguns há abundância de algodão, em outros é escasso; de modo que com dificuldade se colhe o necessário para esse Povo: e o mesmo acontece com o milho e os vegetais: e com o gado acodem às vezes em tempos de várias pragas de vermes, gafanhotos, etc., vêm em algumas partes, deixando outras: de modo que há muita comunicação entre si nas compras e vendas. Não há dinheiro correndo nisso. E o que é de se admirar, em toda a província do Paraguai, a cidade de Corrientes (embora pertença à de Buenos Aires), nem em algumas outras cidades de outras províncias. Tudo é feito por escambo. No Paraguai, a cidade estabeleceu um preço fixo imaginário para as coisas: algodão, a arroba a dois pesos, tabaco em folha, seis, a arroba de erva, dois, vacas, seis, etc. E assim aquele que tem muita erva e algodão para comprá-lo, pergunta sobre aquele que o tem (pois não há lojas ou lugares de coisas vendáveis lá), e vê se ele quer vendê-lo por erva: e como eles conhecem os preços, eles apenas ajustam o que corresponde a um gênero para outro. As mercadorias da Europa, que chegam lá de Buenos Aires, são marcadas pela cidade em quatro para um, o que custou em Buenos Aires um é pago quatro: e o custou 100 é pago 400: e assim é feito em princípio em tudo.

50. Desta forma, em nossos Povos, os preços de todas as coisas estão definidos: e cada Cura tem seu papel neles: e quando ele tem algo sobrando, ele dá o que sobra para aqueles que necessitam. E esses preços nunca variam, quer haja carestia ou abundância. E as mercadorias que vêm de Buenos Aires, por estarem mais próximas do que do Paraguai, são estimadas em 25 por 100 os custos e perigos de transporte. E por isso, o Procurador manda uma lista do preço pelo qual comprou os gêneros ali, porque embora não sejam comprados para serem revendidos com lucro (o que seria um negócio proibido para todo eclesiástico), às vezes acontece que um Padre necessitando de algodão para a vestimenta dos índios, porque as pragas o destruiu (que ainda mais do que o gafanhoto devasta): ou de milho, porque a seca em seu território o perdeu: e então ele dá o que tinha em prevenção até para o adorno da igreja, para ajudar a maior necessidade de seus índios. Com essas salvaguardas e ordens que são cumpridas ao pé da letra, evita-se a excessiva solicitude e ganância que poderia existir com as inquietudes corporais. Todos esses acordos são feitos pelos Padres à maneira que um pai de família em sua casa, porque os índios não são capazes disso.

51. Pela mesma razão, os índios não organizam as tarefas, viagens por terra e água e outras necessidades do dia a dia: nem seu equipamento e mantimentos: pois o índio não tem talento para prover sustento por mais de 4 ou 6 dias, mesmo que tenha meios para preveni-los, e mesmo sabendo que a viagem durará meses e mais. O Padre convoca o Corregedor e o Mayordomo, e confere a eles quantos índios são necessários para tal tropa de carroças, e para tal navio que deve ser despachado para o bem do povo: quantos bois, cavalos, mulas, vacas, milho, legumes, erva e tabaco é necessário para seu sustento e para manter o que carregam. O Corregedor os escolhe, e eles vem a presença do Padre. Ele aceita ou descarta os que não concorda. Vê se falta roupa, dependendo da qualidade da viagem e do clima de frio, chuva, etc. Ajuda-os com o vestuário do comum (tupambaé): e assim providos em tudo, eles andam: e como eles sabem disso, nenhum rejeitam.

“Eles não dão salários, porque o fazem pelo comunitário, tanto para si mesmos quanto para os outros: e enquanto estão na jornada, os outros estão fazendo sua própria casa para eles, cultivando os milhais e outras lavouras comuns para si e para todos: e para os particulares também, se por acaso demorarem muito; e fazendo tudo o mais

que é útil para eles e para aqueles que permanecem. Somente no caso do trabalho dos viajantes ser maior do que o dos que permanecem no povo, ou se eles fizeram sua viagem com cuidado e utilidade especiais, eles são remunerados em seu retorno: e o prêmio geralmente são rosários, um pano listrado (da qual eles são muito bons), facas, esporas, freios, machados e cunhas. O Corregedor e o Mayordomo são como o Ministro e o Procurador em um colégio: e o Padre é como o Reitor. O Companheiro do Sacerdote não cuida dessas coisas, mas de ajudar espiritualmente. Da mesma forma, os outros artesões (oficiais), ourives, pintores, ferreiros, etc., não recebem salários pela mesma razão: e eles estão muito felizes com este governo, pois é o mais adequado para seu próprio gênio, de modo que os homens mais prudentes e experientes, que conhecem o gênio dessa multidão, como os Bispos em suas Visitações, os Governadores e Visitadores, sempre fizeram relatórios muito honoríficos ao Rei sobre esse acordo e economia: afirmando que eles são, atentos à capacidade do povo, os mais conformes com o serviço de Deus, do Rei e da República, como o próprio Filipe V diz na Cédula de 43 acima mencionado, registrando em particular alguns desses relatórios, exortando-nos, como já foi dito, a continuar neste governo. E deve-se notar que ele afirma S.M. que esta Cédula foi feita depois de ter visto e refletido lentamente e com toda a atenção em uma reunião particular dos ministros mais qualificados todos os papéis dos afetuosos e descontentes, inimigos e amigos dos jesuítas, que haviam sido feitos em mais de um século sobre este assunto, e enviados ao Tribunal: careando (confrontando) os acusadores com as defesas: em que acordo os doze pontos foram feitos. E ele despachou com ele outro decreto no qual ordenava que, doravante, se alguma acusação fosse feita contra as doutrinas do Paraguai, ela não deveria ser vista ou atendida, sem primeiro ler este decreto dos doze pontos. Parece que não há maior autoridade verbal, verdade e certificação. No entanto, sucede o que estamos experimentando.

52. Aqueles que vieram na linha divisória como demarcadores, e alguns outros do exército, que estavam muito determinados a executar o tratado, dizendo que era muito útil para a Espanha, e a quem promoções honoríficas haviam sido prometidas se fosse realizado, disseram que todo esse governo estava errado: que cada índio deveria ter suas vacas leiteiras e outra tropa mais, que comer, como fazem os espanhóis do campo: uma erval por pomar: uma plantação de

tabaco: seus cavalos e mulas: e fazer erva e tabaco em abundância, e vir os espanhóis a comercializar com eles, e os Padres apenas para ensinar a doutrina cristã. O que mais queremos, do que poder conseguir isso, porque estamos livres de tantos cuidados temporários.

Muitos testes foram feitos para conseguir um pouco disso em vários momentos: mas nada foi alcançado. Se esses índios fossem como os espanhóis, ou como os índios do Peru e do México, que antes da conquista viviam sob o governo de reis e leis, com economia e concerto, com abundância de provisões, adquiridas cultivando suas terras, em vilas e cidades: se eles fossem dessa raça, casta e qualidade, pode-se dizer isso. Porém são muito diferentes. Eles eram, em sua gentileza, feras do campo, como foi dito. A experiência mostrou que o cultivo de 150 anos, que iniciou suas primeiras conversões, só conseguiu amansá-los e reduzi-los ao conjunto, como foi dito, que os bispos e outros estão muito se admiram, considerando o que eles eram, considerando o que foi feito e conseguido de sua brutalidade.

53. Eles desejavam mais: que se os espanhóis se misturassem com os índios, dispensando a lei que o proíbe, eles teriam mais esclarecimento, entrariam em alguma cobiça, prefeririam obtê-la, obrigando-se a mantê-la. A lei foi posta em prática com grande consideração e depois de muita experiência do que estava acontecendo. Experimentou-se que os índios, mesmo os de maior cultura, como os do México e do Peru, não avançavam na economia e nos pontos de finanças pela comunicação com os espanhóis, mas ficavam cada dia mais pobres com outros danos que os seguiam, e por isso foi posta em prática a lei de que quem não fosse índio, que ele não deveria ter um domicílio em seus Povos: e outro que se alguém passasse por eles, ele não deveria ter permissão para ficar neles mais de três dias: e o outro que eles não deveriam ter permissão para andar por suas casas.

54. Os índios são muitos, que fogem dos povos para os espanhóis. Mesmo que seja apenas um por cento, como eles são mais de cem mil, eles já são um milhar. Alguns fogem porque são punidos por não fazerem semente suficiente para sua família; outros, porque são matadores de bois e bezerros, aos quais gostam muito, e não ficam impunes, para que o povo não seja destruído; outros por causa dos pecados de luxúria, e temem os açoites que são marcados por eles, porque para todos os tipos de pecados há um castigo que é assinalado,

mas castigo paternal, não judicial, e há também promotores, prefeitos, mordomos, etc., que cuidam deles, que com dificuldade ficam impunes: e fogem sozinhos, sem a esposa, ou com a esposa de outra pessoa: e como eles sabem que lá todos esses pecados podem ser cometidos sem punição, porque nesses desertos, e mais ainda nas fazendas e estâncias de gado, de onde eles normalmente fogem, eles podem se esconder melhor do que em seu Povo: esta é uma tentativa veemente para os ímpios. E não é que de cem haja um desses maus: e talvez não se encontre na República mais culta, sem que isso seja considerado pecador. Destes, alguns retornam; a maioria permanece e não sabe viver, exceto alugando-se para diaristas. Seu patrão lhes dá seis pesos todos os meses, e para comer: que é o salário de um trabalhador comum: e para que ele cumpra o acordado, é necessário que o mestre esteja sobre ele. No final do mês, vão brincar e usam o pagamento, que levam a ponto de se embebedarem, algo que nunca viram em seus Povos, onde esse licor não é feito, nem vem de outro lugar, e aqui logo aprendem a beber. Nem mesmo vinho é feito em suas aldeias que pode embriagar: mas um como uma bebida, que eles chamam de *CHICHA*, de milho, que todos usam em vez de vinho: cuja manobra, ou Boquiobra, em mastigar o milho: e com a mascadura e o tártaro, jogá-lo em uma bacia de água: e deixá-lo lá dois ou três dias até que algo seja ácido (azedo): e então eles o usam: se for deixado por algumas semanas, ganha força e embriaga: mas nossos índios, embora fizessem isso em seu gentilismo e se embriagavam com isso, nunca o fazem depois de serem cristãos. Este vício foi removido.

Depois de gastar o peão (como os trabalhadores são chamados lá), seus cinco pesos, ele retorna e se aluga novamente. É assim que eles passam a vida inteira e não param em um só lugar. Por alguns dias eles estão nas estâncias de Buenos Aires ou na cidade: em pouco tempo eles vão para Santa Fé, e depois de lá para o Paraguai, distantes 200 léguas: e eles vagam sem instrução e sem nenhum cuidado com seu bem espiritual.

55. Entre os espanhóis, eles veem o bem e o mal: e mais disso; pois o índio não lida, exceto com as pessoas mais vulgares: mulatos, mestiços, negros e escravos, em quem os vícios reinam mais: não aprendem coisa boa com o que vê, e imita tudo o que é mal. E assim, com aqueles que voltam para a aldeia, temos muito trabalho a fazer para tirar deles as manhas que aprenderam lá, para que não infectem

os outros. E em algumas reduções não querem admiti-los, por causa do mal que sofreram com os vícios que trazem: e até tendem a fugir novamente com uma ou duas jovens, alheias. O que a prudência e a solicitude régia pretendem é que eles tenham alguma comunicação ou comércio com os espanhóis, para que possam viver com alguma irmandade como vassalos do mesmo Rei, sem ódio ou estranheza; mas não de tal maneira que os insinuados danos e outros sejam seguidos com a comunicação diária. Eles já têm a pretensa comunicação, e sempre tiveram viagens frequentes por água, que fazem com suas fazendas, e por terra para fazer edifícios públicos, como fortalezas; e lutar na companhia dos espanhóis contra os portuguese infieis. Quatro vezes eles sitiaram Colônia do Sacramento, cada vez milhares deles foram. As três lhe ganharam: e depois por tratados de paz foi restituída Mais de cinquenta serviços destes são contados como tendo sido realizados com os espanhóis desde o início.¹⁷

56. Aos Demarcadores instruídos nos documentos mencionados, que sabem viver fora do Povo, perguntamos: que progresso foi visto nela, depois de 20 ou 30 anos de convivência com os espanhóis, e vendo sua economia, solicitude e ganância para coletar e manter propriedades, se tivessem visto algum índio que soubesse guardar cinquenta pesos, sendo assim, que qualquer mulato ou negro os adquiere e os mantém com um ano de trabalho. E eles responderam que eram nem dez. Com tudo isso, há muitos com suas opiniões. É o mesmo que se disséssemos que a administração de um tutor que cuida de duas ou três tutelas, e da propriedade deixada a eles por seus pais, estava errada: que a criança (tutelado) tem que governar sua propriedade, fazer negócios e contratos: e o tutor tem apenas que cuidar de ensinar-lhe doutrina e bons costumes. Todos, e eles com todos eles, confessam que os índios não sabem cuidar de si mesmos; que é preciso tratá-los como tais, e não como você, como fazem com as crianças: portanto, é necessário governá-los como se fossem crianças.

57. O índio poderia muito bem fazer tudo o que eles dissessem, e o padre o ajudaria. Havia um corregedor no Povo de Candelária que plantou um erval em suas terras. A cada ano ele fazia dois terços de erva, que são bolsas de couro bovino, de sete arrobas, mais ou me-

17. Os cercos de Colonia do Sacramento em que participaram as milicias guaranis, foram as de 1680, 1705 e 1762, oportunidades em que se tomou a praça fortificada. As ações de 1735-1737, não foram exitosas para a Espanha.

nos, que cabiam bem em cargas. Ele levou seus dois terços ao padre, ao momento de despachar o navio com a propriedade do Povo, linho, tabaco e erva. Ele pediu-lhe que enviasse seus terços para Buenos Aires e o trouxesse com o produto de que precisava para sua casa, que geralmente é tecido, panos, facas e miçangas (adornos). O Cura registrou os dois terços; Ele avisou o padre Procurador de quem eles eram e para quê; ele disse pontualmente tudo o que o Corregedor pediu. Conheci um que era comissário de guerra em seu Povo, que plantou um canavial de cana doce; ele fazia dele todos os anos três ou quatro arrobas de açúcar; Ele os levou ao padre para que pudessem ir com a propriedade da aldeia, e eles trouxeram o que ele pediu. Alguns anos ele iria com o navio, como indicado, e através do padre Procurador ele venderia e compraria. E todos poderiam fazer o que fizeram, e muito mais, e os Padres ficariam muito felizes com isso. Porém não tem talento para isso. Em trinta e oito anos que estive, duas vezes, nos Povos, não soube que outro fizesse algo parecido. Estes eram mais capazes do que os outros; mas entre milhares deles não há um como eles.

58. Um mulato que eu tinha muito, quando era jovem, teve um caso com uma cacica cuja chefia havia perdido a linhagem masculina: o que é algo que eu não sei se jamais aconteceu novamente, porque as mulheres índias nunca se casam senão com índios. Ele foi admitido no Povo para cuidar de seus vassalos. Ele sabia ler e escrever: ele se comportava bem, e por isso ele era quase sempre mordomo da casa dos padres, que é ser o mordomo de todo o Povo; e os padres dos outros Povos o chamavam para visitar estâncias e outros encargos, usando-o como irmão coadjutor. Isso, em um ângulo ou estância de seu povo, ele tinha um rebanho de vacas para sua casa, cavalos e mulas, e os guardava muito bem. Ele fez seu tabacal e plantação de cana, e o tabaco e o açúcar que ele fez com eles, ele enviou para Buenos Aires da maneira que os dois que acabamos de mencionar, deixando o que era necessário para sua casa. Outras vezes, ele o vendia ao Irmão Coadjutor, que tinha o Superior de todos os missionários para cuidar de fornecer-lhes roupas e tudo o que precisavam. E assim ele estava bem suprido de tudo. Era da capacidade, economia e honra de um espanhol de compreensão média.

Seu Cura e os outros Padres o ajudaram a se comportar dessa maneira. Tudo isso os índios viram, e ninguém o imitou. Nas Missões que estavam a nosso cargo no México e no Peru, os Padres Missionários

rios não cuidaram desse tipo de coisas temporais, porque esses índios são de maior capacidade e economia, e não precisam tanto para sua preservação e para que vivam como cristãos. Nem mesmo na província do Paraguai isso foi feito com todos os índios, porque na nação dos Pampas de Buenos Aires, onde estive muitas vezes, vendo que os primeiros Padres que os converteram souberam buscar o sustento temporal para si mesmos sem muito cuidado dos Missionários, e que guardavam o que iriam adquirir sem desperdiçá-lo, e que nas negociações de seus negócios com os espanhóis eles não se deixaram enganar, eles permitiram que eles se governassem. E eles eram Padres que haviam sido Sacerdotes das Missões de nosso assunto. Os religiosos de São Francisco, que têm a seu cargo quatro cidades do Governo do Paraguai e duas de Corrientes, embora lhes seja mais impróprio administrar propriedades, fazer negócios e contratos, etc., por causa da rígida pobreza de seu Instituto; eles estão cientes da natureza temporal de seus índios da mesma forma que nós, porque aqueles índios eram da mesma qualidade. E em outra pequena aldeia que eles têm na jurisdição de Santa Fé da nação Calchaquí, eles não cuidam dessa maneira: porque são índios mais providos. Logo erram os Demarcadores Reais em suas opiniões contra os sentimentos dos Bispos, Governadores, Visitantes e dos próprios Reis, que são guiados pela experiência.

Os filhos do mulato que dissemos (ele viveu muitos anos, já morreu) são mais capazes e econômicos do que os outros índios, mas não tanto quanto o pai; e assim vemos o que acontece em outras gerações. Uma índia fugida dos espanhóis se casa com um índio de sua própria nação. Embora os filhos e netos da fugida vivam com os espanhóis, eles não emergem de sua angústia, negligência e falta de habilidade para o temporal. Casar com um espanhol, pois talvez isso aconteça, porque ele se envolveu com ela e quer sair desse mau estado sem deixá-la. Seus filhos são mais habilidosos, porque eles convivem com seu pai; as crianças saem melhor e os bisnetos não se distinguem dos outros espanhóis. Essa era a única maneira de esses índios se comportarem da maneira que nossos demarcadores querem. Mas o espanhol considera o índio tão vil e baixo, que primeiro se casará com uma bastarda, uma mulata, uma negra que com uma índia. Os espanhóis erram muito em sua opinião, porque o índio é tão livre quanto o espanhol; e no que diz respeito ao sangue, eles não têm impedimento para qualquer cargo político ou mesmo econômico. Mas o bastardo, o

mulato, o negro, são vis por sangue, e incapazes desses ofícios. Porém, como eles são vistos por pobres homenzinhos em seu porte, não há como tirá-los de seu erro. O índio, portanto, tem sob seu comando apenas o produto de suas colheitas, e algumas galinhas, às quais são aplicadas de alguma forma, e o pouco tecido que sua esposa tirou de seu fio particular. Todo o resto está em comum e à disposição do Cura. Os Corregedores, Alcaldes, etc., não castigam ninguém nem os enviam em viagens ou trabalho, sem ordem do Padre: e nada mais.

59. Todos os índios de 18 a 50 anos de idade prestam seu tributo ao rei, exceto os caciques, seu primogênito, o Corregedor (que nem sempre é um cacique) e doze que são excetuados pelo rei para o serviço da igreja, do jardim dos Padres e de outros ofícios domésticos. O tributo é apenas um peso, porque esses índios não foram conquistados com armas, mas apenas com a cruz. Eles não pagam taxas ou imposto de vendas, coisas que os espanhóis pagam, embora não paguem tributo. Eles também pagam dízimos, embora não sejam pagos por outros índios de tributo aumentado. Eles compuseram com o Rei no qual custavam cem pesos por cada Povo, fossem grandes ou pequenos. Em toda a América, os dízimos pertencem ao Rei por concessão pontifícia, com a obrigação de dar renda aos eclesiásticos, como é feito. Todas as ordens régias, comuns ou particulares, são cumpridas ao pé da letra nesse Povos, sejam as que estão nas leis das Índias, ou as que estão nas Cédulas, mesmo que não sejam cumpridas entre os espanhóis; como é o caso de não extrair aguardente do mel de cana: que embora os espanhóis a tirem do Paraguai e de Corrientes, onde o açúcar é feito, e aos juízes de residência eles dão como motivo que não têm outro licor para o vinho; no entanto, não é retirado nos Povos, embora seja muito necessário remediar a frieza, para os índios, que sofrem muito com isso. Faz-se algo de pêssegos e outras frutas, dos quais não há proibição; mas de cada cana poderia ser feito com grande facilidade e abundância.

Mais poderia ser dito sobre o título deste capítulo; mas é tão longo que eu não julguei que estivesse no meio do caminho: e então vamos para outro. Não falei do rei Nicolau quando tratei da linha divisória, pois já foi descoberto que é tudo uma bobagem, como um romance ou um sonho. O índio Nicolau, depois de ter sido atribuído a um jesuíta, com os delírios da moeda de ouro, etc., foi depois meu paroquiano no Povo de Concepción.

Capítulo VI

Governo temporal, econômico e religioso dos missioneiros

1. É bom que tratemos da postura temporal e espiritual dos missionários, a fim de entender melhor o que mais tarde será dito sobre os índios. Na Redução de Candelária, que fica no meio, há uma sede ordinária de um missionário que é o superior de todos os outros, com a autoridade de um reitor de um colégio. Ele cuida das necessidades temporais e espirituais de todos, como nas escolas. Como o rei, para receber os dízimos, dá renda aos eclesiásticos, como já foi dito, ele dá a esses trinta sacerdotes, e são 466 pesos e cinco reais para cada um, seja o Povo grande ou pequeno, com um ou mais companheiros. Essa renda não é recebida pelos sacerdotes, porque estamos mais alinhados com o voto de pobreza: é recebida pelo Superior. Ele tem naquela redução (Povo), além do Cura e seu companheiro, um irmão coadjutor como administrador dessa receita, que trouxe consigo de Buenos Aires roupas de interior e exterior para todos, sapatos, azeite e vinagre, vinho e tudo o que costuma ser gasto em uma escola, que não se encontra nessas cidades; e se ele o encontra, ele o compra como se estivesse comprando de um espanhol e o coloca com o conjunto de toda a comunidade. Ele tem um armazém e bodega em seu Povo; oito alfaiates e sapateiros índios, que fazem seus ofícios para todos na medida do pé e do corpo de cada indivíduo, a quem ele paga seu trabalho em plena execução: e nos meses de semeadura eles se mudam todas as semanas com tantos outros. O Rei não dá senão para o Procurador nem Superior, nem para dois ou três outros Coadjutores que entendem de cirurgia e boticário, e eles são os únicos médicos que temos lá; nem para qualquer outro pintor ou arquiteto, que de vez em quando geralmente há, para ensinar os índios. Ele só dá aos trinta sacerdotes; e dessa renda o Superior é sustentado com outros cinco ou seis: o que, bem administrado nas mãos de um, é suficiente para todos. No início, o rei nomeou por sínodo uma receita dupla: novecentos e trinta e três pesos e dois reais, porque é o que é dado no Peru aos padres, tanto seculares quanto regulares, dos quais existem muitos de várias Religiões; mas nossos irmãos não admitiam mais da metade, alegando que, no

exercício de nossos ministérios, não costumávamos levar mais do que o necessário para roupas e alimentos; e que naquela terra onde as coisas eram mais baratas do que no Peru, metade era suficiente. Passando por Candelária conduzindo três Demarcadores, mostrei ao diretor a Cédula Real que dizia isso, e ele tinha muito a admirar, atento à fama comum dos jesuítas.

2. Todos os meses os sacerdotes mandam buscar vinho e, nessa ocasião, pedem a roupa interior que necessitam para si e seus para companheiros, e tudo o mais que houver necessidade, e são prontamente atendidos. Um frasco comum é enviado para cada semana para cada um; vinho durante todo o mês para as missas, e como eles não bebem, há o suficiente com isso. Não se toma do Povo nenhuma coisa dessas: apenas o que não pode ser dado pelo irmão coadjutor que atua como procurador (que está a mais de 50 léguas de distância de algumas reduções), como ovos, vegetais, legumes e trigo. O que se pode comprar, como ovos, compra-se com as coisas que os índios mais valorizam, não porque pedem pagamento: sem isso dariam tudo porque são gratos ao bem que lhes é feito, e estamos atrás dos Mayordomos para que não peçam aos índios nada que não seja pago; sabendo que é para os Padres, eles dão tudo depois. As outras coisas que são feitas de comunitário, como vegetais, trigo, etc., nós pagamos ou compensamos de outra forma.

Para isso, o Superior envia a cada sacerdote uma boa quantidade de facas, tesouras, agulhas, contas e sal, que não estão disponíveis lá, e são comprados do exterior, e é uma coisa que o índio gosta muito: sabão e outras pequenas coisas, para que possa ser dado a cada um, não apenas àquele que lavou suas roupas, ao sacristão que remendou algo para ele, aos jardineiros, àqueles que copiaram algo por escrito, pois alguns deles fazem uma caligrafia muito boa, mas a todos os outros que participaram do que fizeram juntos. E essas coisas são compradas pelo Padre Superior com a renda sinodal. Em tudo isso, olhamos para fazer puramente por caridade o que é feito por eles, e o sínodo do rei vemos como a renda que uma faculdade tem de seu fundador. Os leigos de entidade, de razão e equidade, que às vezes vão a esses Povos a negócios do governador, ou por algum outro título, vendo esse desinteresse, exclamam: “O padre está cuidando de toda a propriedade como tutor de seus alunos, como capataz, como mestre e, finalmente, com a ânsia de um pai de família em uma casa?” Isso não é

uma coisa estimável? O sínodo do rei é meramente feito por um ofício de um padre, como é dado aos padres de outras partes, nas quais eles não cuidam das coisas temporais: não porque sejam capatazes, mordomos, procuradores, etc. Qualquer um de nós fizesse o que o padre fez, ele não seria bem pago com 700 ou 800 pesos por ano. Como o povo pode não dar isso aos padres, já que é isso que a justiça exige?

3. Como homens do mundo, que não buscam a perfeição, e cujo objetivo em suas ações e ofícios é adquirir riquezas e talentos, isso é tão difícil para eles quanto para nós: e assim lhes respondemos: Eles não veem em Buenos Aires o Padre que é professor, de Gramática e Filosofia, que estão quebrando a cabeça tarde e manhã com aqueles meninos, trabalhando tão duro para o seu bem? Você vê que eles não pedem nada ou recebem nada. Vemos bem que, estritamente falando, os índios tinham que dar ao padre 500 ou 600 pesos por ano por seu trabalho temporário, ao qual ele não é obrigado, porque sem ele eles não teriam nada. Sabemos bem que se disséssemos aos índios que queríamos receber esse pagamento da propriedade do Povo, eles dariam. Mas, assim como essas tarefas dos colégios são feitos sem renda (salário), por mera caridade; então fazemos isso pelo mesmo motivo, ter um mérito para o céu. E como vemos que sem esse trabalho não podemos obter o progresso desses pobres pequeninos, que é nosso objetivo principal, esse novo motivo de desinteresse não é para nós. Filipe V, na já mencionada Cédula de 43, diz que o bispo Fajardo da Ordem da Misericórdia (conhecida em Buenos Aires) em decorrência da Visitação dos 30 povos, já que visitou também os 13 que pertenciam ao Bispado do Paraguai, a pedido de sua Sé Vacante, diz-lhe que nos dias de sua vida não tinha visto desinteresse semelhante naquele que via naqueles Padres: pois nem para seu vestido, calçado nem qualquer outra coisa eles fizeram uso dos índios, embora estivessem continuamente se esforçando não apenas para o bem espiritual, mas também para o bem temporal¹⁸. É o que pensam os homens de senso, os prudentes e bem-intencionados que veem isso.

Mas os ímpios e aqueles que falam sem exame, ou não viram o que existe, e que, se o viram, foram apenas de passagem, sem cuidar do assunto, e que suspeitam de tudo e o colocam sempre da forma er-

18. Frei Pedro Fajardo foi bispo de Buenos Aires entre 1714 e 1717, data em que foi promovido para a Diocese de Cuzco.

rada, pensam que derivamos ter mil interesses nisso. Dessa qualidade seriam aqueles que informaram ao general português, que recebíamos um milhão pesos e meio por ano; e aqueles que queriam fazer acreditar ao Prelado [Arcebispo de Burgos, Señor Arellano] que só da erva recebíamos um milhão de pesos todos os anos para nosso Padre Geral. E aquele que recentemente trouxe à luz um volume do Reino dos Jesuítas, que da primeira à última palavra é uma falsidade, uma pura suspeita e julgamentos precipitados, sem provas nem razões, exceto porque ele diz isso¹⁹. A verdade de tudo, com toda a sinceridade, é o que é dito aqui. Convido o mundo inteiro para enviar a esses povos os juízes mais justos e rigorosos, e, providos de intérpretes muito experientes e fiéis, examinar com este papel em mãos tudo o que foi dito e será dito.

4. Tendo dito com toda brevidade o governo econômico e temporal dos Padres, digamos algo sobre o espiritual e regular. O Superior tem quatro Consultores, e Admonitor, como nos colégios: ele está lá para avisá-lo de seus defeitos, aqueles para consultá-los todas as coisas de monta, e eles são daqueles que moram mais perto da Candelária, e os mais sérios e experientes. Há um livro de Ordens feito pelos Provinciais, que foram missionárias por muitos anos e, portanto, muito práticas no assunto: nele tratamos de nossa postura religiosa e do governo dos índios nas esferas espiritual, política, econômica e militar; e as menores e mais particulares coisas são ordenadas e guardadas nele. Este livro é mantido pelos Curas e companheiros, e é lido por meia hora por semana na presença dos dois ou três, ou mais, que estão no Povo. O Superior costuma visitar todas as aldeias e examinar gentilmente se elas são cumpridas; e se isso não for suficiente, com penitência e rigor. Como todos agem de acordo com este livro, e ninguém pode fazer nada diferente através de sua cabeça sem repreensão ou penitência, tudo é uniforme.

Que os espanhóis que passam ficam surpresos, vendo que as modas, costumes, usos e distribuições são os mesmos em cada Povo e em outro. O livro não sabe o que há dele e o que sua observância está oculta. Quando o Padre Superior repreende alguém, não estando no Povo do acusado, ele envia o papel de repreensão ao Companheiro, se for um homem velho, ou a outro do Povo mais próximo, com ordens

19. Alusão ao expulso jesuíta Bernardo Ibanez de Echavarrio (1715-1762), cuja obra "O reino jesuítico do Paraguai" se menciona várias vezes nessa relação.

de que ele vá lê-lo para o acusado em seu Povo; que o ouve de joelhos, como nas escolas, e depois o envia por todas os Povos para que todos possam vê-lo. Há repetidas ordens dos Geral para que não enviem para esse Povos ou para outras missões ninguém, mas súditos que são muito comprovados em virtude. Isso deve ter sido suficiente para tornar tudo muito regular; e para ajudar a que isso aconteça, há a visita frequente dos Superiores e a prática contínua de advertências, repreensões e penitências, com a grande caridade que nossa religião usa deles. E se alguém não se comportar como deveria, então o Provincial o remove de Cura e o torna sujeito de outro (pois os Curas são superiores daqueles que estão em seu Povo) ou o remove para os colégios. E esta é a razão pela qual há poucas expulsões das Missões. Do qual o autor daquele livro tolo que acabamos de sugerir, supondo que há muitos crimes, e não menos do que assassinatos, de roubo muito pesado e de luxúria, e que eles são permitidos sem expulsar ninguém. Ele não traz nenhuma prova deles, mas apenas suspeitas precipitadas; pois do pouco que ele alega para eles, o oposto do que ele diz é inferido, no julgamento de qualquer homem são. Como expulsão geralmente haveria, embora ele diz que nenhum.

5. O ofício de Cura é algo impróprio de todo religioso, que entrou na religião para servir no mosteiro sob um Superior presente. A nossa não é apropriada porque é a religião dos clérigos. No entanto, por não ser coisa tão agradável, houve a princípio muita contradição entre os nossos na Ordem para receber Curatos, de modo que rompeu com o vice-rei, que insistiu para que as recebessem no Peru. Eles converteram muitas nações de índios, de alguma cultura, que cultivavam a terra e se sustentavam na forma de uma “república” em povos, às vezes de outros muito bárbaros, como os de nosso súdito. Depois de reduzidos a uma vida racional, política e cristã, eles foram entregues ao bispo para serem se pusesse (nomeassem) Curas (sacerdotes) clericais. Como a pobreza dos índios, especialmente daqueles que são da qualidade de nossos assunto, precisa mais de um Cura para sustentá-los, esforçando-se para buscar bens temporais acima do espiritual sem nenhum interesse, do que daqueles que buscam deles receitas e objetos

para enriquecer a si mesmos ou a seus parentes: e eles pediram-lhes uma paga (remuneração) de suas pobres colheitas e joias para as missas, casamentos, enterros e outros ministérios, eles voltaram ao seu gentilismo, abandonando as aldeias e os padres em suas casas. Nossos missionários, vendo esses infortúnios repetidos em muitos lugares, e acrescentando a eles a ordem ou exortação do rei, admitiram os Curas, a fim de não perder seus trabalhos, nos quais vários derramaram seu sangue, e para que o cristianismo não se perdesse.

6. Em todos os tempos, vários missionários morrem mártires, nas mãos dos bárbaros. Em meu tempo, cinco de meus companheiros morreram dessa maneira; e algumas vezes fui destinado e procurado para esse sacrifício, mas meus pecados não o mereceram. Entre os Guarani de quem falamos, no início até cinco foram mortos em suas mãos bárbaras, e outros foram feridos²⁰. Dos que agora vieram para o exílio na Itália, dois vieram com as cicatrizes das flechas, com as quais os infiéis os feriram, compreendendo sua conversão; pois agora dos Missionários dos Guarani, e dos que estavam nos colégios, eles não cessaram as Missões aos infiéis, sempre que a porta era aberta para eles. Os Provinciais, por privilégios pontifícios e decretos reais, podem remover seus súditos das Curas sem dar uma razão para isso: porque são *AMOVIBILES AD NUTUM SUPERIORIS*; o mesmo privilégio é desfrutado por outras religiões, mas elas não podem colocar outro. Para isso, é necessária uma apresentação real e uma colação canônica. Em toda a América, o Rei é o patrono que apresenta os Curatos e outros ofícios eclesiásticos, e em seu lugar o Vice-rei ou Governador de cada Bispado. Quando o Bispo quer nomear um Cura, ele apresenta ao Governador três em primeiro, segundo e terceiro lugar, para que ele possa escolher como: Vice Patrono Real; este apresenta o eleito ao Bispo, e [o Bispo] lhe dá a colação e a eleição canônica. O Provincial regular apresenta três da mesma forma, primeiro, segundo e terceiro ao Governador; e este ao bispo que escolhe; e o bispo lhe dá a colação, e o cura faz a profissão da fé, toma posse das chaves da igreja, com todas as outras cerimônias canônicas. Como nossos Povos são muitos, e às vezes o Provincial está distante 300 e 400 léguas do Povo ou Curato que desocupou, e o Governador e o Bispo a algumas centenas

20. Se refere aos martírios dos Padres Roque Gonzales de Santa Cruz (1576-1628), Juan del Castillo (1596-1628) e Afonso Rodrigues (1599-1628), hoje santificados pela Igreja, e dos padres Pedro de Espinosa (1596-1634) e Cristovam de Mendoza (1589-1635), mortos também em seu desempenho do apostolado.

de léguas de distância, ele pede a esses dois Superiores uma licença, para nomear interinamente através do Superior, enquanto ele pode ser informado mais de perto, para ver quem ele pode e deve apresentar. e eles sempre dão a ele. Ele vem em seu triênio (que geralmente na América é um mandato de quatro anos por privilégio, e daí não passa) uma ou duas vezes à todos os Povos. Terminada a sua Visita, na qual foi informado de tudo, faz apresentação ao Vice Patrão; e geralmente é de muitos Sacerdotes, uns que retira, outros que mudam, dos quais os inconsiderados aproveitaram a ocasião para publicar que o Provincial é Governador e Bispo, e que retira e nomeia Sacerdotes à vontade. O governador, vendo que não há oposição, nem pretensão, que um curato não é uma renda maior do que outro, e não os conhece bem, dificilmente cuida dos súditos; pois para tais curas as letras e a virtude por si só não são suficientes, mas também são necessárias outras habilidades de governo e economia, que o provincial sabe; e ele está convencido de que este último não deseja nada mais do que o bem daqueles povos, e quem lhe propõe o mais apto, por prudência e bom governo ele sempre escolhe aquele que vai primeiro, embora pudesse escolher outro, e o mesmo é feito pelo bispo; e assim é verdade que no Provincial é que este e não aquele se deve ser Sacerdote, mas é porque aqueles que governam querem que seja assim para o bem comum, e com toda a subordinação a eles.

7. Esses pontos não examinados, os emuladores e os imprudentes eles os levam ao mal, censurando aos superiores. O Marquês de Valdelirios, superior dos Demarcadores da linha divisória, sujeito a muitas vestimentas, ficou impressionado com esses informantes (delatores), em vários momentos, especialmente em que não se cumpriam as regalias mencionados na colação dos Curatos, ou que uma cerimônia pura estava sendo realizada²¹. Quando o informei em uma longa conferência de duas horas de tudo o que foi dito, e como as assinaturas dos bispos e governadores foram registradas, e tratando-o junto com o que acabara de acontecer com seus principais demarcadores, sabendo e confessando que não estávamos dispostos a admitir todo o sínodo, ele primeiro ficou admirado, e mostrou que gostava: e ao segundo, muito mais surpreso, exclamou: “Pois bem, lá no Peru (é

21. Gaspar de Munive, masques de Valdelirios, foi comissionado em 1750 para executar o Tratado de Madri no Rio da Prata pela parte espanhola enquanto Gomes Freire de Andrade foi pela parte portuguesa

natural daquele Reino) descobrimos que um Provincial (e ele nomeou a religião que eu não conheço) tirou da Visitação de quatro Paróquias que seus frades têm, trinta mil pesos; e passou a refletir sobre a ganância daquelas partes. Este seu demarcador, que também é peruano, disse-me que as somas de dinheiro que extraíram desses índios, que não são como nossos guaranis, mas índios muito capazes de economia e governo, como descendentes dos Incas do Peru, em tempos passados, entre os quais fluem prata e ouro, como aqueles que estão no meio desses metais estimados, eram imponderáveis. Disse também que o Provincial intimado, no dia de sua eleição, cada Cura dos quatros deu-lhe mil pesos; e assim também confirmaram os parentes de um Bispo que vieram com ele do Peru; e acrescentou que eles costumavam dar dinheiro ao Provincial para que ele não os tirasse do Cura, e que eles mantinham seus pais e parentes lá. Não acredito em tudo isso: mas há muito exagero nos relatores, embora não tenham ficado descontentes com essa religião; mas prova algo muito diferente do desinteresse de nossas Missões, das quais nada se obtém, nem para o Provincial, nem para os colégios, nem para si mesmo, nem para seus parentes, mas depois de tomar todo o cuidado nos assuntos espirituais dos índios, como no que mais importa, ele se esforça para encontrá-los propriedade como para os pobres pupilos, como um meio para o espiritual.

8. Há renovação de votos com seu tríduo, oração mental, e outros exercícios espirituais, como no colégio: para este fim, o Superior reúne em duas ou três Povos daqueles que devem renovar; ele vai para lá; ele faz sua palestra, ou a confia a algum Padre do tipo mais sério, e faz uma conta da consciência, e eles são lidos na presença de todos, no final dos três dias, as faltas que foram notadas em cada um, para que lhe corrijam; por tudo isso, e pela confissão geral que é feito a partir dos seis meses anteriores, leva consigo um ou dois Padres idosos. Os exercícios são feitos por oito dias, e nestes, e no tríduo, nunca é dispensado, embora as ocupações sejam muitas e muito particulares. O Cura os faz em outro Povo, para não se distrair com as ocupações próprias. Naquela época, ele se entrega a toda ocupação e cuidado. O Companheiro, que não tem esse cuidado, os faz por conta própria, ou por outro. Tudo é assim ordenado e é praticado.

9. Durante a Quaresma todos os Curas se mudam, e todos eles vão em missão por oito dias à outro Povo, tanto para tornar os índios

mais fervorosos, quanto para que eles possam ter a liberdade de se confessar, sem a vergonha que geralmente causa ao fazê-lo com aqueles que veem e lidam todos os dias. Todos os domingos há conversa doutrinária para todo o povo; e a cada dia de obrigação há um sermão em forma. Todos os dias, exceto quintas-feiras, sábados e dias de festa, a doutrina é ensinada aos meninos e meninas. No sábado à tarde, após o Rosário, há SALVE cantada com toda a música e, portanto, não há doutrina. É mantido fechado (clausura) nas casas dos Padres como nas escolas; para que nenhuma mulher jamais entre, nem mesmo no início dos pátios. Existem dois pátios: um principal a leste e, em alguns Povos, a oeste, ao longo da igreja; ao sul ou ao meio dia, uma fileira de cômodos de nossa habitação, que geralmente são seis e ante-refeitório e refeitório. A oeste, a cozinha, os depósitos dos mordomos, a sala onde são guardados os vestidos dos Cabildantes, soldados e dançarinos, e o arsenal de bocas de fogo, lanças e arcos e flechas e o quarto do porteiro, que é sempre um velho, que fecha as portas desde as AVE Marias até um quarto de hora antes do final da oração, e do exame antes do almoço até depois das duas horas; e há também escolas de leitura e escrita, de música e danças. Os nossos são tantos, por causa dos convidados que passam com frequência e para festas eclesíásticas, especialmente a do santo padroeiro do Povo, que é feita com solenidade singular, ese convida de outro Povo o pregador, e os três da missa, com outros, e geralmente são dois a dois nos aposentos. Quando o Padre Provincial vem, geralmente há oito ou dez Padres durante a Visitação: seu Secretário, seu Coadjutor e o Superior, que está sempre com ele, e alguns outros que vêm consultar sobre negócios. Alguns do exército da linha divisória murmuravam de que, para dois sujeitos houvesse seis ou sete quartos, até que foram informados da necessidade disso. Quando essas necessidades não estão presentes, elas são ocupadas por pintores e escritores. Ao norte está a portaria com sua parede e amplo corredor ou arcada (alpendre), por dentro e por fora, sem quartos e oficinas: este pátio geralmente tem de 70 a 80 varas (66m) em quadro.

10. O segundo e menos principal pátio é onde asvacassão abastidas e asrações são feitas; Ao redor, com uma ampla varanda, estão todas as oficinas com seus oficiais mecânicos, dos quais falamos; e é maior que o primeiro. Todas essas salas e oficinas, com todas as outras fábricas do Povo, são de um andar: não há andares; e o mesmo é verdade em todas as outras cidades dos espanhóis, exceto Buenos Ai-

res, onde eles fazem algumas casas de dois andares; e não porque haja terremotos, como no Peru e no Chile, mas por mera conveniência. O mesmo é verdade nas cidades da China.

11. Os Padres não saem para visitar a casa dos índios, mas para administrar os sacramentos. Quando vai a uma confissão dos enfermos, o Padre sai com um Santo ao pescoço e uma Cruz na mão de duas varas de altura, e grossa como o polegar, que lhe serve de bastão: e acompanhado por um enfermeiro que chamam CURUZUYÁ, porque anda sempre com uma cruz como a do Padre, e eles são os médicos de quem falarei mais tarde. O enfermeiro carrega uma pequena esteira debaixo do braço; um banco, uma cadeira que se dobra, um castiçal com sua vela e um copo de água benta com seu hissopo; a cadeira é para o Padre se sentar para ouvir a confissão, que um índio raro usa ou tem uma cadeira; a esteira para colocar debaixo dos pés, porque o índio doente costuma ter fogo embaixo e ao lado da cama, e tem aquela suja de cinzas e fuligem, que é onde o Padre se senta; a vela para acendê-lo, se for uma mulher, a doente: pois seus quartos geralmente são escuros. Essas coisas sagradas não são pouco para serem admiradas pelos espanhóis sãos, que passam e contam ao seu povo com edificação; porém os emuladores, apaixonados e caluniosos, jogam tudo em uma luz ruim.

12. Os outros sacramentos do Viático e da Extrema Unção são administrados a eles com grande devoção e com adereços muito brilhantes, e com grande cuidado e prontidão, dia e noite, de acordo com a necessidade; de modo que se por culpa de seus domésticos, ou dos médicos, porque ele não avisou a tempo, ele morreu sem nenhum deles, então, sem remédio, o culpado é chicoteado, que é uma punição comum. Também é chamado de recomendação da alma, embora não tão necessária, com muito cuidado, e os sacristão sabem muito bem como responder ao seu conteúdo. Os batismos são realizados solenemente aos domingos. Há Povos onde só há batismos cada domingo, 16 e 20 batismos solenes: eles são realizados às duas e três da tarde, e é uma apresentação muito longa. Há jarros de prata muito preciosa para este sacramento em todas os Povos, e o batistério é adornado com muito dourado e pintura. O Cura e o Companheiro devem se envolver por semanas nesses ministérios; embora, como o Cura tenha muito o

que cuidar no temporal, o Companheiro geralmente carrega o maior fardo no espiritual, fazendo o que o Cura tem que fazer em sua semana. Nunca há disputa nisso: ao contrário, o ordinário é que o Cura siga o Companheiro para que ele não trabalhe tanto e deixe algo para ele. Ao lançar a bênção e a ação de graças no refeitório, rezar a missa no altar-mor, ler o livro de moral e o livro de ordens às segundas e sextas-feiras, como não se trata de um trabalho especial, nem que impeça o Cura de cuidar deles, eles se mudam por semanas.

13. Ao conversar com as mulheres, mais cuidado e modéstia são tomados aqui do que usamos em outros lugares com os espanholas, porque eles notaram que essa reage (embora trivial, se houver uma no assunto) as edifica ainda mais do que as pessoas cultas. Nenhuma mulher é visitada. Nada é dado a ela em suas mãos. Se for necessário dar-lhes um rosário, medalha, etc., o Padre dá ao índio que está ao seu lado para que ele possa dar á índia: nunca se fala com nenhuma mulher sozinho. Se alguém traz algum negócio, ele se reporta ao velho Alcaide; ele informa o Padre: e na igreja ou na porta da praça em público ele ouve, estando o Alcaide presente: se ela pede segredo, ele o faz à vista, o mais próximo possível: e ele não fala com ela, exceto nessas duas passagens.

14. A distribuição diária é a seguinte: Às 4 horas do verão, é hora de acordar. Às 5 no inverno. Às 4h30 no outono e na primavera. Às 4h30, o sino da torre toca para as Ave-Marias: às 4h30 para a oração mental. Às cinco e quinze o porteiro abre a porta para os sacristãos e cozinheiros entrarem. Às 5h30 sai para rezar com o pequeno sino dos Padres, e com o da torre, para a missa. Um reza imediatamente a missa no altar-mor, o outro no colateral. Quando isso terminar, ele vai dar o Viático ou Extrema Unção para aqueles que precisam, ou ele faz algum enterro, e como são grandes os Povos, raramente falta. Se ele está com pressa, antes, mesmo à meia-noite, ele vai atender com toda a presteza. Depois disso, rezar em uma hora menores, confissões dos enfermos, dos saudáveis na igreja: às dez e quinze da igreja, à exame: depois comer, quieto ou a conversar, em que também é hora de sair: sesta até as duas: às duas horas o grande sino é tocado e as vésperas. O portão é aberto e os sacristãos entram com oficiais mecânicos, os professores com seus discípulos, etc. Às 5 horas, os meninos oram, e um Padre lhes pergunta sobre a Doutrina: quando o Rosário termi-

na, o grande sino toca o rosário, as pessoas vêm e rezam à coro, com os Padres presentes. Por fim, o Ato de Contrição é dito e os músicos cantam o Bendito e o alabado, todas as pessoas respondendo a cada cláusula, um dia em sua língua e outro dia em espanhol. Feito isso, os Padres vão embora e rezam o Ofício, primeiro fazendo algum ministério de confissão dos enfermos. Viatico, etc., que são feitas nesses dois tempos, após a Missa e o Rosário, quando não há pressa. Em seguida, para sua lição espiritual, etc., até o jantar, que se toca às 7 horas no verão e às 8 horas no inverno; então ficarei quieto, lerei os pontos para a oração e irei para a cama às 9 horas. De modo que ao longo do dia o sino dos Padres é tocado onze vezes em todas as distribuições que nas escolas, o que é praticado pontualmente. Isso causa tanta edificação para o bons, que me encontrei em um Povo na época da linha divisória com um dos principais oficiais do exército que estava lá alguns dias, a negócios com seu general; e seguindo e ajustando-se a essa distribuição o máximo que pôde, ele não terminou de elogiar nosso método e concerto particulares: dizendo que não havia nada mais prudentemente disposto, não apenas para a alma, mas também para o corpo, com tempo para orar, rezar e conversar com toda a moderação e cristianismo. Mesmo que haja muitos convidados, essa distribuição nunca é deixada.

15. Na Quaresma há muito trabalho a ser feito nos ministérios espirituais. Duas vezes por semana o exemplo é pregado, além do discurso doutrinário no domingo. Da Septuagésima à oitava de Corpus Christi, é dado como um privilégio cumprir com a igreja: e o mesmo é verdade para os Curas rurais dos espanhóis por causa da escassez de padres. Eles vêm para confessar para cumprir o preceito por parcialidades ou cacicados por sua lista. Cada Padre geralmente confessa 40 ou 50 todos os dias. Peça-lhes cuidadosamente a cédula de Confissão e Comunhão. Todos os dias existem essas tarefas de confissões de obrigação, que geralmente chegam a três mil e, nos grandes Povos, quatro e cinco mil. E como muitos se confessam em cada festa por devoção, eles geralmente chegam a dez mil por ano: o que é conhecido pelas formas de comunhão, que são notadas. É o que acontece em Yapeju e em outros, que nos anos passados quase o igualaram em grande estilo. Este é o governo, a observância regular e os ministérios dos Padres. É hora de voltarmos aos índios.

Capítulo VII

Governo Eclesiástico e espiritual dos índio

1. No capítulo 4 contamos como as igrejas são feitas e sua grandeza. Todos elas são detalhados com muito ornamento e beleza: não apenas os retábulos de cinco altares que geralmente existem, mas também em muitas igrejas as colunas ou pilares das naves, e as molduras dos vitrais, e todo o teto e abóbadas, são dourados e pintados, entrelaçados uns nos outros: de modo que abrindo as portas da igreja, três na praça, que ficam de frente uma para a outra, e caem no meio, e duas nas laterais (uma ao lado do cemitério e duas no pátio dos Padres) com a claridade e o brilho do sol que as banha, fazem uma bela vista. Em alguns Povos, há sete portas: duas para o cemitério e duas para o pátio: além das outras duas que vão para a sacristia em ambos os lados do altar-mor.

2. As três portas da praça são para mulheres que não se misturam com homens na igreja. A ordem que sempre se mantém é esta: pelas ditas portas entram as mulheres e meninas. Para os do cemitério e do pátio, os homens. E eles são todos muito grandes. No presbitério, que é muito capaz, há aquele que oficia ou quem exerce o ofício, com o grupo de coroinhas que ajudam e sacristãos que atendem a tudo o que ali é oferecido. Depois do guarda corpo (separa o altar do público), até o púlpito, estão os bancos dos Cabildantes e dos principais soldados em um lado e outro da nave principal, que geralmente tem 13 ou 14 varas de largura: e no meio, os meninos, sentados no chão, com seus Alcaldes ou Mayorales de pé e com suas varas gordas para punir com eles aquele que enreda, ele fala ou dorme. Destes, há um vazio de cerca de três varas, dividindo-os para as meninas, que seguem depois: e depois delas as mulheres. Nas naves colaterais estão os outros índios, do presbitério ao púlpito; e de lá para as mulheres, que seguem, há outro vazio como o dos meninos. No meio da capela-mor até à porta, existe um caminho com duas varas de largura, para entrar e sair das necessidades ocorrentes. Assis estão, não apenas nas solenidades e sermões, mas também todos os dias, e todos com grande quietude e silêncio, nos quais o próprio bispo que os visitou se maravilha muito.

3. Todos os altares são com castiçais de prata: de cada uma das cinco cores da Missa (cores litúrgicas) há ricos frontais e casulas para os dias de primeira classe, e dias menores, e de dias comuns, todos bem ornamentados. Os de 1ª classe, alguns são feitos de tecido. Os outros, de brocado, veludo, persa e damasco. As lâmpadas, todas feitas de prata, são grandes. Há duas velas para as missas cantadas, que são celebradas todos os dias nos dias de festa de nossos santos e nos sábados da Virgem. Nas missas cantadas, seis coroinhas ou acólitos sempre ministram, dois que respondem, dois com incensários e velas de prata, e os dois últimos com suas velas. Nas de cada dia, no altar-mor, quatro sempre ajudam na Missa: nas colaterais, duas, e nunca apenas um só. Eles estão todos vestidos e calçados e com batinas vermelhas, e em Missa de violado e preto, dessa cor, e com roquetes. Esses roquetes em dias comuns são simples, com uma renda comum: mas aqueles que os usam são as festas, já que nós, por decência religiosa, não os usamos, mas como os dos colégios, eles os usam como é conveniente para a celebração da festa, com muitas e caras rendas.

4. Quando a oração mental dos Padres termina, então a Missa é tocada. Muitas pessoas vêm para ouvir. Em alguns Povos é combinado que todos devem ir a ele, bem como no dia da obrigação, e eles são contados para ver se alguém está faltando, e aquele que está ausente é repreendido. Ordena-se que nenhuma punição adicional seja dada, porque não é uma questão de obrigação. No final da missa, dois músicos com uma voz mais clara começaram o ato de contrição rezado, todos eles respondendo em cada cláusula, e terminado, cantar duas vezes o Alabado, acompanhado por todos os instrumentos, e todos repetindo cada cláusula cantando. A essa altura, os Padres terminaram de trocar suas vestes sacerdotais e estão dando graças na base do altar ou no presbitério. Lá todos os cabildantes e chefes principais e cabos de milícias vêm beijar a mão: e com isso todos vão até a porta do quarto do padre, para esperar que ele termine de agradecer. Se o Padre se recusa a ter sua mão beijada, eles ficam muito tristes: e por isso é necessário ter paciência, esperando que toda a procissão a pesasse, para dar-lhes esse consolo. Quando o Cura chegou ao seu quarto, o Mayordomo abriu um grande baú que estava ao lado da porta, com erva: e foi dando a todos aqueles que assistiram a Missa um punhado daquela erva com uma medida que há para isso. O Corregedor pergunta ao Cura, e consulta sobre os trabalhos (tarefas) daquele dia, se

eles não foram previstos antes; e de acordo com suas ordens, cada um vai para o que lhe toca (atribuiu), e primeiro para sua casa, para beber aquela bebida da erva que o Padre lhes deu como acima mencionado.

5. À tarde, eles vêm para o Rosário: e quando o ato de contrição termina, e o Alabado foi cantado como pela manhã, todos eles vão até a porta do Cura para beber erva, e com ela na bolsa, eles vão de lá para o açougueiro para pegar sua ração de carne; e embora sejam centenas, é feito com boa ordem, quietude e silêncio: e com isso é feito de noite. Os oficiais mecânicos do pátio do Padre, além do que foi dito, recebem 3ª vez a erva quando vão comer em sua casa. Esta é a distribuição de cada dia. Nos seis meses de sementeira, após a missa e a distribuição da erva, eles vão para suas lavouras. No resto do ano, para fazer novas casas ou edifícios, e para consertar outros, para construir currais, consertar muros, para abrir ou limpar as valas de drenagem para a proteção das sementeiras coletivas ou comuns, (e muito mais as estâncias, nas quais têm algumas léguas de comprimento para segurar o gado que não saia), para consertar portões, para pavimentar pântanos, e pavimentação de estradas, cortar e trazer madeira da floresta; fazer erva, levar tropas de carretas para o vai vem dos comuns: barcos para Buenos Aires, o que é feito o tempo todo, e muitas outras tarefas do povo. Tudo isso é feito por ordem do Cura, conferenciando com o Corregedor, seu ministro ou assistente, que lhe obedece pontualmente, e os outros a ele, quando se intimida em nome do Padre. Se Deus não tivesse dado a eles essa obediência e sujeição para tanto de seu bem, era impossível governar só, tantos gentios.

6. Na criação das crianças de ambos os sexos, grande cuidado é tomado, assim como em todas as Repúblicas bem ordenadas; pois de sua educação depende todo o bem estar da República. Existem escolas de leitura e escrita, de música e de danças para festas eclesiásticas, que não são usadas em coisas profanas. Os filhos dos caciques, dos cabildantes, dos músicos vêm para a escola, dos sacristãos, dos mordomos, dos oficiais mecânicos; todos os quais compõem a nobreza do povo, em sua maneira de conceber, e outros também vêm se seus pais pedirem. Em cada Povo geralmente há 20, 30 ou 40 caciques. Essas escolas, já disse estar no primeiro pátio dos Padres, a fim de poder cuidar melhor delas: porque os Padres seriam seus professores imediatos, o que não pode ser, tendo muitos outros ministérios em tanta

quantidade. Tem seus professores índios; alguns aprendem a ler com notável destreza, e leem a língua (idioma) estrangeira melhor do que nós. Deve consistir na visão, que tem perspicácia, e na memória, que tem muito bem: oxalá o entendimento fosse assim. Eles também fazem uma caligrafia muito boa: alguns, que começam a fazer cartas impressas, o fazem com tanta perfeição que nos enganam que são de uma bela imprensa.

7. Dos da escola, os que têm a melhor voz são escolhidos para os cantores de música, e os que têm mais esforço para os instrumentos de boca. Eles têm seu mestre de capela, que lhes ensina sua faculdade da maneira que fazem nas catedrais da Espanha; mas não há mestre que saiba compor. Toda a sua felicidade está em entender a parte que lhe é dada, e cantá-la mais ou menos rapidamente, pois alguns não cantam de repente, mas a repassam lentamente, e quando ouvem sobre isso, cantam e tocam, e nunca acrescentam nada, nem trinado (ornamentação ávida de notas) ou qualquer coisa semelhante, como qualquer músico faz, mesmo que ele não passe de um mediano talento: Eles cantam e tocam tudo puro e simples como está no papel: sua compreensão não é mais suficiente. Nem mesmo na poesia um índio jamais aprendeu suas regras de assonantes e consoantes, nem mesmo fez dísticos cegos. No entanto, com o exercício contínuo desde a infância, no qual eles têm muito mais paciência do que nós e constância, eles tocam violinos e outros instrumentos muito bem: e entre tantos meninos que são escolhidos, há agudos muito bons, que depois permanecem tenores.

8. Em cada Povo há uma música de 30 ou 40 entre agudos e tenores, contraltos, altos, violinistas e os dos outros instrumentos. Os instrumentos comuns a todos os Povos são violinos, dos quais há quatro ou seis: baixos, chirimias (espécie de clarinetes), seis ou oito: violões, dois ou três: arpões, três ou quatro: e um ou dois órgãos e duas ou três cornetas, em quase todos os Povos. Em alguns Povos, existem outros instrumentos: procuramos papéis dos melhores músicos da Espanha e até de Roma para cantar e tocar. Toda a véspera das festas de preceito, e a de nosso Santo Padre e São Xavier, e as de suas Congregações, e do santo padroeiro do Povo (de que falarei) há vésperas solenes. Todos os sinos são toca dos novamente, que geralmente são oito ou dez, com toda a solenidade. Toda a música vem na íntegra, sem

perder as cornetas. O Cabildo e os cabos militares vêm em trajes completos (gala), com trajes de seda: tudo isso é mantido como anotado, em casa do Padre: que se ele estivesse em sua casa, tudo se encheria de fumaça e seria destruído. É mais barato para esses vestidos serem de seda do que de pano, pois embora a seda valha mais (embora o tecido seja muito caro nestas terras), a seda dura muito mais tempo: e é economizada.

9. Quando os acima mencionados já estão colocados em seus bancos, e as pessoas em seu lugar, sai o Celebrante, que oficia e preside, com sobrepeliz, estola e rica capa de chuva, e o Companheiro, ou aqueles que possam existir, com sobrepeliz. O Celebrante canta e os músicos continuam com todo o barulho devoto de instrumentos de corda e bocas, e as cornetas, no ponto da música, e assim as antífonas e salmos correspondentes estão sucedendo, eles o incensam, etc. Quando as Vésperas terminam, todos saem para o pátio da igreja e, em frente a ela, algumas danças são realizadas uma após a outra em homenagem ao santo da festa. As festas dos índios e de todos os neófitos são apenas dez, por concessão do Papa Paulo III: cinco de Nosso Senhor, quatro da Virgem e a de São Pedro e São Paulo. Quando as danças terminam, eles vão beber erva e carne etc... e os Cabildantes, devolvem as roupas ao seu lugar, e o mestre dançarino as dos discípulos.

10. Todos os dias cantam e tocam na missa. Diz-se que do Cura e Companheiro a um tempo, exceto nos dias de festa de preceito, em que para que possam vir aqueles que estão cuidando dos doentes ou de outra coisa e dos convalescentes, que se levantam tarde, um Padre reza a Missa mais tarde. A ordem diária é esta. No início da Missa, eles usam instrumentos com a boca e às vezes com cordas: e tocam um e outro, até o Evangelho. No início deste, eles cantam um Salmo de Vésperas. Segunda-feira, *DIXIT DOMINUS*: Terça-feira, *CONFITEBOR* e nesta ordem até a Missa da Virgem no sábado. Uma semana, os Salmos de uma composição e outra de outra. Na consagração, ou logo depois, o Salmo termina, exceto o de *LAUDATE PUERI*, e alguma composição de algum outro, que geralmente dura até o final da Missa. Como estão entre os melhores maestros da Europa, geralmente são compostos no sentido da letra, causando notável devoção. No *LAUDATE*, os tenores e outros grandes músicos começam com as cornetas e chirimias, incitando as crianças agudos: *LAUDATE PUERI, PUERI*

LAUDATE, LAUDATE NOMEN DOMINI: repetindo e exortando-os a louvar nosso Deus. As crianças começam com os agudos: *SIT NOMEN DOMINI BENEDICTUM*, etc., etc., e depois de alguns versos os adultos insistem com o barulho mais devoto dos instrumentos: *PUERRI LAUDATE NOMEN DOMINI* (Não se maravilhem se este papel estiver molhado de lágrimas). Eles repetem que louvam a Deus; e isso eles fazem quatro ou cinco vezes até que o Salmo termine. À *GLORIA PATRI*, todos juntos, altos, contraídos, agudos, clarins, baixos, chirimias, violinos, harpas, órgãos, cantam o Glória. Eles cantam com tanta harmonia, majestade e devoção, que amolecerá o coração mais duro. E como eles nunca cantam com vaidade e arrogância, mas com toda a modéstia, e as crianças são inocentes, e muitas das vozes que podem brilhar nas melhores catedrais da Europa, a devoção que eles causam é grande. O Salmo está terminado após a consagração, eles tocam um pouco novamente; e depois cantam um hino: *JESU DULCIS MEMORIA, AVE MARIS STELLA*. ou outra alguma letra para Nosso Senhor, para a Virgem, para Santo Inácio nosso Pai, ou para o Santo daquele dia: e no que resta, eles tocam. O Ato de Contrição é dito da maneira acima mencionada: o Louvor (Alabado) é cantado com toda a solenidade dos instrumentos, e todos vão se preparar na sala de música para o que têm que tocar e cantar no dia seguinte, e então vão pegar a erva, os adultos vão para casa e as crianças ficam na escola com seus professores.

11. Como os missionários primitivos viram que esses índios eram tão materiais, eles tiveram um cuidado especial com a música, para levá-los a Deus; e como viram que isso os trazia e os agradava, eles também introduziram regozijos e danças modestas.

Existem mestres deles em todos os Povos. Os meninos com os corpos mais proporcionais são escolhidos como discípulos. Existem roupas para todos os tipos de nações. Espanhóis, húngaros, moscovitas, mouros, turcos, persas e outros orientais, e vestidos de anjos, ou como pintam anjos quando os pintam graciosos, ora com asas, ora sem elas. Eles dançam em todos esses trajes. Nenhuma mulher ou menina jamais entra na dança, nem há nada nela que não seja honesto e muito cristão. Eles são usados após as Vésperas solenes, como já foi dito, para o maior regozijo da festa, e então apenas quatro: e na procissão de Corpus; e especialmente na festa do santo padroeiro do Povo, e quando os bispos e governadores vêm.

12. A primeira dança é geralmente uma única no estilo espanhol, fazendo 16 ou 20 diferenças de algum som palaciano; ao ritmo de harpas e violinos. Então oito ou dez saem no estilo turco, ou outra nação: agora com espadas em forma de luta, seguindo o ritmo com os golpes, agora com bandeiras ou outra insígnia. Outros saem até 16 ou 20, todos com instrumentos musicais nas mãos: dois com violinos, dois com cítaras, dois com violões: bandurrias (semelhante a um bandolim): e outras pequenas harpas, colocadas de cima para baixo, amarradas ao corpo com fitas: outros com outros instrumentos. Os de um instrumento usam o traje espanhol: os de outro, persa: outro turco: variando as cores e os trajes. Eles tocam e dançam, ao mesmo tempo, sem serem tocados pelos músicos nesta dança, fazendo muitas mudanças; ou em duas fileiras, ora em uma, ora em um quadro, ora em uma cruz, ora em um círculo, o que é realmente uma coisa muito vistosa.

13. Outro sai depois de nove Anjos, príncipes das 9 hierarquias, com São Miguel como seu líder, com espadas e broqueis bem visíveis, nos quais está esculpido o selo *QUIS SICUT DEUS?* Do outro lado vêm tantos demônios com seus escudos negros, lanças e trajes cheios de cobras e chamas, e Lúcifer como seu capitão. Eles se encontram e os líderes se envolvem em sua conversa: e quando Lúcifer é arrogante, eles clamam *ÀS ARMAS*. Eles não tocam violinos, mas cornetas e caixas de guerra. Ao ritmo eles dançam e lutam, fazendo as mudanças militares seguidas, o esquadrão em duas peças ou em uma. Os anjos vencem: eles espalham os diabos no chão com estocadas. Eles se levantam novamente e continuam a luta. Finalmente eles são jogados no inferno: que há um palco próximo, pintado em telas que o representam, e fumaça que sai dele. Os Anjos pegam os escudos e lanças que tiraram de seus inimigos e, carregados com eles e com os seus, eles dão a volta no campo, onde um Menino Jesus embrulhado aparece em uma mesa. Lá eles cantam o *JESU DULCIS MEMORIA*, em triunfo da vitória, que vários deles são músicos; e vão de dois em dois, apresentando as armas do inimigo a Jesus, com muitas voltas, reverências e genuflexões: sempre dançando com uma grande variedade de mudanças e incessantemente as cornetas e caixas.

14. Existem outras danças de Anjos, que no início, cada um diz uma cópia em homenagem ao Santo da festa, especialmente na festa da Virgem; e eles os carregam em triunfo para Sua Majestade e São Rafael com bandeiras: e eles os carregam dançando, em círculo por todo o espaço desta função. Outros em que aparecem os quatro Reis que representam as quatro partes do mundo, com suas coroas e trajes que lhes correspondem, e prestam culto ao de Espanha. Outros são burlescos. Eles dançam como negros. Eles tingem o rosto e as mãos: e cada um sai com seu pandeiro, tambor ou chocalhos, fazendo mil macaquices, mas todos com alguns índios engraçados, para fazer seu tipo de aperitivo, que o público comemora muito. E assim, com essa variedade de coisas, que a plateia gosta muito. Nessas danças artificiais, alguns padres estrangeiros têm uma grande parte, que eram colegiados nos colégios de nobres, onde aprenderam essas e outras habilidades cavalheiresco: e ao ensinar o índio, eles fazem com as mãos o que é feito com os pés, a fim de olhar para a modéstia religiosa.

15. Os outros meninos, que não são dessas três escolas, vão trabalhar nos campos (lavouras) e em outras coisas comuns do Povo. A distribuição diária de todos os meninos e meninas é a seguinte. Ao som do sino das Ave-Marias, um quarto de hora depois de os Padres terem despertados, os tambores dos meninos soam na praça, e seus Alcaldes ou Mayorales, que estão espalhados pelas ruas, começam a gritar: “Irmãos, é hora de se levantar: eles já responderam para a oração: enviem seus filhos e filhas para rezar e se recomendarem a Deus: não sejam preguiçosos e sonolentos: que venham à Igreja para ouvir a Missa, para que Deus abençoe os trabalhos do dia”.

16. Com essas vozes e o barulho dos pandeiros, eles saem de suas casas e vão para o pátio da igreja, de um lado os meninos e do outro as meninas. Quando eles se reúnem, duas vozes melhores começam as orações, e todas respondem ou se alternam. As meninas fazem o mesmo a uma distância diferente. Quando suas orações terminam, que como são altas, e tantas, são ouvidas de todas as pessoas: se houver tempo de sobra, eles cantam algumas letras, começando alguns agudos e todos respondendo. Essas letras e canções são todas muito santas, uma para Cristo nosso Senhor: outras para a Virgem, para São José, Santo Inácio, São Xavier, etc. Eles são feitos em verso pelos Padres: eles (como foi dito) não têm sucesso na poesia. Eles os aprendem

de cor e depois os cantam quando crescem em suas viagens. Quando digo meninos, quero dizer dos 7 anos até o casamento, que geralmente é 17 e as meninas aos 15: e só quem tem essa idade tem esses prefeitos. Todo mundo se casa. Sua curta capacidade e muita materialidade não são capazes de celibato. Quando a oração mental dos Padres termina, momento em que eles geralmente terminam sua oração, os sacristãos abrem todas as portas da igreja. Os meninos se viram para entrar pela porta das carruagens, que, como já foi dito, é a que cai no pátio dos Padres, que deve ser acessado pelo portão; e as meninas entram pelas três portas do pórtico: elas e eles cantam o *ALABADO* (louvor). O resto do povo entra pelas portas correspondentes, e os Padres saem para a sua Missa: pois embora nada seja percebido por ela, é sempre dita infalivelmente, a menos que seja impedida pela doença.

17. Quando a Missa termina, entra o Ato de Constrição e LOUVOR com todos os tipos de instrumentos (mesmo com cornetas eles cantam em alguns Povos, embora seja comum guardar as cornetas para o sábado, missa da Virgem e as festas). Quando isso termina, os meninos saem para o pátio dos Padres: eles voltam para rezar um pouco e cantar algumas de suas canções (todas essas canções estão em sua língua): eles recebem o almoço, que geralmente é um pedaço de carne cozida, ou de milho em um Povo com poucas vacas. Em seguida, eles carregam a refeição do meio-dia, as panelas para cozinhá-la, as ervas daninhas para capinar nas plantações, que é uma tarefa muito frequente, ou outros instrumentos para outros trabalhos, e uma pequena estátua de San Isidro Lavrador, em sua plataforma, com sua caixa para abrigo quando chove. Eles tocam seus pandeiros e flautas: e ao som desses instrumentos rudes eles vão alegremente para o trabalho que lhes é ordenado, com seus alcaides. As meninas fazem a mesma coisa, por outro lado, fazendo outro trabalho, e nunca se reúnem com os meninos. Aqueles que leem, escrevem, cantam e dançam vão para suas escolas. Os da dança, talvez, que não seja necessário se exercitar tanto, e geralmente é um dia da semana, aqueles que já sabem: e no resto eles vão com a grande multidão para o seu trabalho. Não vão com os pais, porque não sabem cuidar deles, como muitas experiências mostraram: e são preguiçosos e ociosos, sem comida nem roupa: por isso os Padres tomaram esses meios. Alguns leigos inexperientes, embora bem-intencionados, murmuram que não devem ir com os pais, especialmente as meninas, e ajudá-los em várias coisas, como

trazer-lhes água, lenha quando estiver perto e outras tarefas domésticas. Mas para isso eles têm o tempo que têm de sobra, depois do Rosário, que especialmente no verão é de algumas horas, e muito mais nos dias de obrigação para os espanhóis, que não são para eles: porque nestes, depois da missa, eles vão para suas casas, não lhes é ordenado nenhum trabalho: nem mesmo os oficiais mecânicos, embora não sejam obrigados a cessar o trabalho.

18. À tarde, eles tocam um dos sinos da torre, que eles chamam Tain Tain, para vir à igreja: para a qual, se estiverem distantes do povo, nomeiam um olheiro. Eles vêm com seu santo e pandeiros e flautas; Eles vão rapidamente para sua casa para deixar seu poncho de trabalho (já foi dito que roupa é) e vestir um melhor para a igreja. Eles vêm no verão às 5 horas e no inverno às 4 horas: pois lá nesta época os dias não são tão curtos como na Espanha.

19. Colocados em seu lugar, aqueles com as vozes mais claras começam a Oração do Senhor e outras orações, todas repetindo. Em seguida, o Catecismo começa com perguntas e respostas entre quatro deles: e eles fazem dois coros. O refrão pergunta: Existe DEUS? e o Outro responde: SIM, EXISTE: e assim eles vão até o fim. O Catecismo é breve, composto à sua maneira por um Concílio de Lima. Quando o Catecismo termina, vem um Alcaide aos seus, que está sempre com eles, vem dizer ao Padre que o Catecismo já terminou, para que ele possa ir e ensinar a doutrina. Ao ir à igreja, começa a tocar o sino em Rosário, para que, enquanto durar a Doutrina, o povo possa vir. O padre mostra com uma cruz na mão, e é a que eu disse que ele levava aos doentes, quando eles se confessavam. Ele pergunta um e outro, e dá seus prêmios como na Espanha. Quando isso termina, o Rosário e o resto entram, como foi dito. Os meninos vão para o pátio: rezam um pouco: recebem uma ração de carne, e dizem a plenos pulmões todos juntos: *TUPÁ TANDERA ARÓ CHERUBA, DEUS TE PRESERVE, MEU PAI*, eles vão para suas casas. É assim que se tem em todos os povos com essa infantaria inocente.

Este é o porte de pais e mães que os missionários têm com eles. O autor do novo livro que citei acima, diz que no inverno, como eles estão orando e cantando tão cedo pela manhã, com tão pouca roupa, enquanto os Padres estão reclinados em suas camas, muitos morrem de frio: e esta é a causa, porque essas pessoas não se multiplicam

mais. A paixão cega pode ir tão longe: E ele acrescenta que os Padres são assassinos, porque os obrigam à causa de sua morte. Você sabe, Excelência. Que ele foi expulso de nossa religião na Espanha por ser rebelde, louco e indisciplinado: que ele foi recebido depois de algum tempo em outra província, com a condição de que ele viesse para as Missões da América: pois seu arrependimento dava esperança de que ele se comportaria bem nelas: que ele foi detido por um longo tempo em Buenos Aires, antes de mandá-lo trabalhar. Que neste tempo foi a segunda vez expulso por desobediência e outros escândalos. Que após esta segunda expulsão ele foi para estas Missões, capelão dos oficiais de demarcação real: Que ele passou apressadamente pelos cinco Povos com a multidão dos ditos demarcadores: em que ele não pôde observar nada de monta. E embora ele estivesse nos sete Povos da linha divisória, foi quando não havia índios nelas, que eles foram evacuados: e que ele veio até eles mostrando muita paixão, raiva e nojo contra os jesuítas, por tê-lo expulsado pela segunda vez. Eu o vi neles, tentei e me comunicar. Ele era um gênio mordaz, um grande decisor, um e desprezador de seus próximos. No mesmo lugar estavam todos os que lidavam com ele e o ouviam. Ele já morreu: Deus o perdoe: e que Sua Majestade tenha louvado as orações que fizemos para o seu bem, que não foram poucas. É possível que seu livro faça muito mal àqueles que não sabem quem ele era. Ao fazer e trazer à luz este livro, embora o que ele diz fosse verdade, ele falhou com as Ordens Reais, que ninguém deveria falar a favor ou contra os jesuítas. Voltemos aos índios adultos e mais velhos.

20. Existem duas Congregações em todos os Povos: uma da Virgem e outra de São Miguel. Congregantes adultos de ambos os sexos são admitidos. Não é qualquer um que é admitido. Os testes são feitos antes de seus costumes. Eles se confessam e recebem a comunhão como regra todos os meses. O dia de sua invocação é celebrado com grande solenidade, com vésperas e danças solenes, missa solene e sermão; e à noite uma conversa é feita para eles, o Padre lê suas regras para eles e os explica a eles: eles assinam os papéis de sua entrada para aqueles que entram novamente: porque eles fazem seu voto para viver por tal e tal modo, e para cumprir as regras. Este papel eles usam em volta do pescoço em uma bolsa curiosa, para serem conhecidos como escravos da Virgem, e os outros como veneradores especiais de São Miguel. Ele dá o cargo de Prefeito, entregando nas mãos dos elei-

tos um estandarte da Virgem: e isso com a celebridade de chirimías e clarinetes, como eu disse que os ofícios do Cabildo eram dados: e com eles os outros oficiais de consultor, fiscal, porteiro e enfermeiro, que ajudam a consolar os doentes, trazendo-lhes água, lenha e alguns presentes.

21. O resto do povo confessam e comungam várias vezes por ano. Não há festas em que muitos não se confessem, especialmente naquelas que são obrigatórias para eles. E como são centenas, e dois Padres sozinhos (e às vezes é apenas um) não podem fazer tantos em um dia: as confissões começam dois ou três dias antes: há muita ordem e proteção nelas: não são a qualquer hora, o que seria uma coisa insuportável. Eles são assim. Depois da Missa, em horário regular, e depois de dar graças, os Padres vão aos seus ministérios de Viático, Extrema Unção, etc., que, como os doentes não estão longe, e há muita prevenção e ordem, é feito com brevidade: e de lá rezar as Horas Menores. Enquanto isso, aqueles que devem se confessar estão sendo dispendo na igreja. Os prefeitos da Congregação cuidam de seu concerto e ordem, deixando-os livres para se candidatarem ao Confessionário que desejarem. Estes são bonitos, grandes, dourados e pintados, que parecem um retábulo. Não apenas as mulheres, mas também os homens se confessam através da grade (tela): homens de um lado e mulheres do outro. Um dos prefeitos vem avisar os Padres: “Para ti, Padre, ou no teu confessionário, há tantos homens ou tantas mulheres, ou tantos meninos e tantas meninas. O Padre faz uma cesta que para isso ele tem cheia de pequenas tábuas como um dedo de comprimento, nas quais com um ferro em chamas está gravada esta inscrição: Confissão: e ele vai à igreja. A cada um que dá a absolvição, ele dá uma dessas pequenas tábuas através de um orifício que é para esse fim no confessionário. Para aqueles que não absolvem, não é dado: e ele o adverte de que não pode cometer, embora pela doutrina diária, quando são meninos, e pelas conversas dominicais, eles já saibam disso. Se ele tiver que se reconciliar, ele retorna no dia seguinte: embora seja muito raro que ele retorne, por causa da crassitude (rudeza) de suas consciências ou entendimento. Eles não têm escrúpulos ou delicadeza: e desde que lhe deram a tábua, ele é muito cuidadoso para não fazer nada que seja uma questão de confissão. Suas confissões são muito breves, sem relacionamentos, nem histórias, nem devemos dizer-lhes muito, mas pouco e bem. Há muitos que vêm sem se confessar, não importa o quanto

eu os examine: e eles dizem que vêm e que eu os abençoo. Quando vão receber a comunhão, quando estão todos na grade (base do altar), o sacristão-chefe vai com uma grande fonte (urna), recolhendo as pequenas tábuas nela. Se alguém não trouxer, o que acontece muito raramente, ele o joga fora. Se ele diz que o perdeu, ele diz a ele para se confessar novamente e trazê-lo. As grades são tão grandes que em algumas cabem uma fileira de 80 pessoas, e em algumas partes é com muita decoração de douramento e tinta, e com panos ou linho muito vistosos. Sempre que fazem uma viagem, que deve durar alguns meses, como a Buenos Aires em navios, ou com o propósito de construir fortes, ou na milícia, todos confessam e comungam: e quando voltam, confessam novamente. Quando adoecem, eles se confessam e querem receber Viático e Extrema-Unção, mesmo que a doença não seja muito grave. Nem sempre se pode condescender com eles, mas vamos nos conformar com o Ritual. Não existe tal horror a esses sacramentos, como muitos cristãos têm para seu grande dano. Ao dar-lhes todos os sacramentos, eles ficam muito felizes. Quando repetimos visitas, se eles são perguntados se querem confessar, raramente o fazem. Costumam dizer: eu te contei tudo: não tenho nada.

Eles não mostram horror ou constrangimento na morte: nem têm escrúpulos nem tristezas. Eles morrem com grande devoção e mostrando a confiança de que serão salvos. Julgamos que, por causa de sua brevidade, Deus não permite que o diabo os tente naquela hora. Por isso, é comum que os Padres sintam que todos aqueles que morrem no Povo são salvos: e um Padre muito santo e muito devoto de grande experiência, ele também disse: que ele está atento à piedade de Deus, sua grande cortesia e sua grande brevidade, e a fé e devoção que demonstram, são todas salvas. Os experientes também devem ser sentidos que o índio, embora faça coisas que são em si pecados mortais, raramente comete um pecado mortal formalmente, mas venialmente por falta de conhecimento, como dizemos dos meninos.

22. Suas viagens são muito cristãs. Todos eles confessam e recebem a comunhão. Então, tendo preparado a bagagem/mantimentos para isso, eles tocam seus tambores para juntar-se. Eles vêm à igreja com um retrato da Virgem ou de outro santo de sua devoção, que geralmente é do santo padroeiro do Povo. Eles o colocam sobre uma mesa: e diante dele eles oram e cantam: e alguns músicos geralmente vêm lá com seus instrumentos para ajudá-los. Eles saem para a porta

do Cura: beijam sua mão: conversam brevemente com eles sobre a finalidade de sua jornada. Eles carregam o santo: levam em procissão ao redor da praça ao som de chirimíás, caixas e flautas, e um ou dois sinos que eles carregam durante toda a viagem: e aquele que atua como sacristão cuidando dele. Eles se comportam tão cristãmente. Eles sempre trazem o santo, seu sacristão, sinos, pandeiro e flauta, e um médico com seu boticário de remédios para quando há pessoas doentes.

23. Todas as noites, antes do pôr-do-sol, eles param, seja por água ou por terra, e fazem uma espécie de caramanchão e altar ao seu santo: rezam o rosário lá e cantam alguma coisa: e de lá para o jantar. O índio em viagens e em seu povo e casa, janta ao anoitecer, vai para a cama ao anoitecer e se levanta com as galinhas muito cedo pela manhã, não para trabalhar, mas para beber a bebida da erva, almoçar e conversar. Quando o sol nasce, eles oram diante de seu santo, que para esse fim eles deixaram à noite em seu caramanchão ou altar, e cantam uma canção: e quase sempre há alguns músicos aposentados entre eles: e tarde eles começam o dia. Eles começam tarde e terminam cedo. É o que fazem sempre que vão sem Padre: é mais comum ir sem Padre. Se eles têm um missionário, eles obedecem a ele na maneira como andam, embora seja difícil tirá-los do caminho. O índio não é dado a demorar. Outros Padres se temperam à sua maneira, se não houver pressa especial. Quando voltam da viagem, confessam e comungam novamente. Se eles não se encontraram na ocasião de pecar, eles não trazem matéria: para o índio, se ele não está na ocasião, nada é oferecido a ele.

24. O cuidado espiritual dos enfermos e a caridade no temporal são grandes. Para esse fim, há três ou quatro índios no Povo, que, como observei, eles chamam de *CURUZUYÁ*, aquele com a cruz, porque ele sempre carrega como báculo uma cruz de duas varas de altura e grossa como o polegar. Eles aprendem desde tenra idade para curar e fazer remédios ou medicina: eles têm papéis desta faculdade, feitos por alguns irmãos Coadjutores, que eram enfermeiros naquelas Missões, que eram quando seculares cirurgiões e boticários, e se aplicaram muito nas Missões à medicina. Eles não vão com os outros para o trabalho do povo, mas os outros fazem o que precisam, para que possam cuidar melhor de seu ministério.

25. Todas as manhãs chegam cedo. Eles saem às ruas para visitar os doentes e ver se há algum novo. Ao abrir os portões, um quarto de hora antes do final da oração, eles entram na casa dos Padres junto com os sacristãos, mordomos e cozinheiros, e ela não é aberta a ninguém de antemão, exceto por algum ministério repentino. Espere até que seja hora de sair em oração e prestar contas ao Padre de tudo. N. a quem você confessou ontem, é assim, hoje ele precisa de viático depois da missa. N. necessidade de extrema unção. Uma criança morreu, etc.: e na hora apropriada eles estão com o Padre nesses Mistérios como diretores dos outros que assistem. Quando essas funções terminam, eles vêm preparar a comida para os enfermos, o que fazem na casa dos Padres. Quando saem para comer, já prepararam esta refeição em seus pratos, e com um pedaço de pão de trigo em cada um, que por ordem do Padre coloca o refitolero (responsável pelo refeitório de um convento). O Padre os abençoa e vai com eles aos enfermos. Isso é feito porque os de sua casa lhes dão comida meio cozida, quase crua e dura, que assim eles querem e comem: e eles dizem que se for muito cozido e como nós comemos, não dura em seu estômago. Eles têm estômago de avestruz, que digerem tudo. Porém aos enfermos não pode ter benefício com isso.

26. Depois do jantar, os enfermeiros ou médicos voltam para visitar seus doentes, e às duas horas eles estão no portão: e eles entram com os outros para dar conta de seu ministério: e então eles pedem o remédio, que eles não têm em sua casa, do qual os Padres são avisados. Remédios e visitas são todos dados e feitos de graça, da mesma forma que nossos ministérios espirituais. Os Padres vão mesmo sem serem chamados para visitar os doentes e ver se os médicos desempenham bem o seu ofício. Por esta ordem e acordo, é suportável e sem muitos problemas andar bem nos assuntos espirituais de um povo, mesmo que seja grande e mesmo que haja apenas um Padre. Se estivéssemos ao seu capricho, seria muito difícil até mesmo para quatro Padres darem satisfação. Para maior distinção, continuemos pelo título o que resta do porte eclesiástico e espiritual e o que está ligado a ele.

Procissão de Corpus Christi

27. Isso é feito com notável solenidade e devoção. Dias antes, os índios vão aos campos e matos, para pegar animais selvagens, pássaros e flores. Ao redor da praça, eles fazem uma grande rua através da qual a procissão irá passar. Toda a praça que esta rua ocupa está cheia de arcos de galhos e flores vistosos, e nas laterais há o mesmo ornamento. Esses arcos e lados são adornados com muitos louros (pagaaios), pássaros de várias cores e vários outros pássaros, aos quais acrescentam macacos, veados e outros animais bem amarrados. Os sacristãos, nos quatro ângulos, adornam quatro capelas com suas torres muito bem adornadas, com muitos frontais e outras joias da igreja. Os músicos e dançarinos, que foram muito ensaiados em seu corpo docente, estão avisados. Depois da missa, o Celebrante sai com seu ostensório (que é vistoso e rico), ao som sonoro e devoto de todos os instrumentos da cidade: violinos, harpas, baixo, cornetas, tambores, pandeiros e flautas. Há sempre dois acólitos com ricos roquetes e batinas, incenso com dois incensários de prata e outros com uma vistosa cesta cheia de flores, jogando-as durante a procissão aos pés do padre.

28. Quando chega à primeira capela, coloca o ostensório no altar: acendem os incensos, os músicos cantam alguma letra devota e o versículo: e o sacerdote reza. Em seguida, ele se senta em frente à capela em uma das três cadeiras ricas que são usadas para a véspera solene, que geralmente são de veludo *carmesim* com fitas de ouro: e os Cabildantes e Cabos em seus vestidos de gala, nos assentos correspondentes. As danças saem. Oito, dez ou mais dançam algumas das danças mais devotas diante do Senhor, seja de Anjos ou de nações. Vou dizer como é. Dez asiáticos saem vestidos com tigelas de incenso de sua terra, e neles um grão do tamanho de uma noz em cada um para que toda a dança dure. De pé em fila, eles começam a incensar ao Senhor, com reverências à terra, ao uso de sua terra: e ao mesmo tempo cantam *LAUDA SION SALVATOREM*: e com as mais belas vozes, quase todas agudas. Eles cantam isso lentamente, ao ritmo do incensário. Todos eles se repetem mais rapidamente, dançando e cantando, e continuam duas ou três mudanças. Cantam uma segunda vez dois deles *QUANTUM POTES TANTUM AUDE* etc., incensando e can-

tando com pausa, e todos repetem *LAUDA SION SALVATOREM* etc.: dançam e cantam mais rapidamente. Nesta ordem, eles cantam todo o hino sagrado. Por fim, eles vão de dois em dois sucessivamente ao altar, com muitas voltas e genuflexões, e saem de lá na frente deles em ordem todas as suas tigelas com suas piras (local de queimar incenso).

29. Novamente quatro Reis aparecem, representando as quatro partes do mundo, com suas coroas e cetros, e um coração de madeira escondido, pintado no peito. Geralmente são tenores, e eles usam o traje correspondente ao seu país ou região. Fique em fila diante do Senhor: e com grande gravidade cante o *SACRIS SOLEMNIIS*. Quando esses primeiros versos terminam, algumas mudanças dançam com a majestade de Reis. Eles param, e os segundos cantam novamente, e eles dançam suas mudanças novamente. Por fim, os dois primeiros vão ao Santíssimo Sacramento com grandes reverências: dançam, e lá oferecem a coroa, e voltam na mesma ordem de voltas para seus companheiros. Eles seguem o mesmo modo e oferecem o mesmo modo. Depois de alguma mudança, o primeiro retorna e oferece os cetros: e após o outro, eles arrancam seus corações ao mesmo tempo, e com eleem suas mãos, com voltas festivas e reverências, eles o oferecem a esse Senhor, deixando ali coroa, cetro e coração. O que dirão os velhos cristãos a isso, que usam suas danças com tanta profanação e até perigo para suas almas?

30. Eles continuam desta primeira capela para a segunda: e lá o mesmo é feito com suas letras, motetos e danças: e o mesmo na terceira e quarta: e como o povo vai com tanto silêncio e devoção (que eles usam em todas as procissões, e das quais os virtuosos espanhóis são muito admirados e edificados), e acima de tudo, a música repete o *TANTUM ERGO*: e tão grande é o barulho de sinos, cornetas, clarinetes e outros instrumentos de boca e cordas, tambores, pandeiros, caixas, flautas, que parece ser uma coisa de glória. Quando a procissão termina, o Padre distribui uma grande quantidade de mandioca e batatas, bolos de milho e outros alimentos, que eles colocam nos enfeites da procissão: e então eles vão preparar sua festa, pois este dia é grande.

Semana Santa

31. A escuridão é celebrada com a música, mas não são usados violinos, mas violões e flautas de coró e espinetas, ou cravos, e em algumas partes líricas, um instrumento curvado muito doce, sonoro e devoto, que no suave e baixo imita um pouco o cravo. *AL MISERERE* são chicoteados com um rigor singular. Na noite de Quinta-feira Santa há um sermão de Paixão. Então a procissão começa. Este é tão devoto, que não pode ser explicado sem lágrimas. É desta forma:

32. Trinta e tantas crianças de nove a dez anos recebem sotainhas (batinas) e muitos cortes (roupas) muito decentes, com um passo da Paixão cada: e dois meninos de ambos os lados com lanternas colocados no alto para serem melhor vistos por todos. Tudo isso é colocado em ordem no pátio dos Padres, a porta da igreja que cai daquele lado está fechada. O Celebrante sai com uma capa de chuva e se senta em frente àquela porta. Abre-a, e a primeira criança entra com a corda ou laço com que segura Jesus Cristo no centro da igreja, onde a grande multidão fez uma rua espaçosa até a porta principal, para que de lá todos possam ir; e quando entrarem, Ele continua em um tom muito lamentável ao som de chirimias baixos e roucos: *ESTA É A CORDA COM A QUAL ELES AGARRARAM JESUS, O REDENTOR: COM O QUAL O SENHOR SE DEIXOU ATAR POR NOSSOS PECADOS: AI DE MIM, OH, CRISTO MEU BOM E SENHOR*. Com esta ordem e esta explicação do passo, e o santo refrão, ai de mim, todos eles entram, pois como são tantos, a performance é longa: e então eles continuam no meio da performance sem cantar.

33. Isso dá a volta na praça como a de Corpus: e todas as procissões são feitas no mesmo estilo, não pelas ruas. Os músicos cantam o *MISERERE*: e no final, cantam e repetem os dísticos dos passos que as crianças cantaram. Eles carregam muitos passos largos, e quando o de Jesus Cristo sai para a coluna e o da Virgem chorando, as mulheres levantam o grito, cheio e gritado, que amoleceria as próprias pedras. Esses gritos ou gritos cessam, e nada se ouve além de caixas roucas, cornetas roucas, o Miserere e um grande barulho confuso de chicotadas, porque ninguém fala uma palavra.

Quase todos aqueles que não estão empenhados em seguir os passos de outro mistério ficam maravilhados. Seu chicote é uma pena de couro, salpicada de pregos, com as pontas para fora, como um pente para retirar o fio da estopa, embora não tão grosso. Com este instrumento horrível eles se chicoteiam tão descuidadamente como se fosse disciplina de algodão, e no dia seguinte, das muitas feridas que são feitas com muito derramamento de sangue, eles já estão com crostas, sem ter aplicado nenhum remédio neles. As carnes do índio são muito diferentes das nossas, à semelhança dos brutos.

Eles não cobrem o rosto para se chicotear, pois neles não há vaidade ou outros escrúpulos.

34. Na Quinta-feira Santa, sexta-feira e sábado, as funções de Missa, Profecia e outras cerimônias são realizadas, como nas igrejas colegiadas de cânones. Como aquelas igrejas são paróquias, se abençoa a pia batismal com muito ornamento e majestade, na manhã do Sábado Santo: eles trazem fogo novo. O fogo faz o sacristão com um elo: ele faz uma grande fogueira no ante pátio e no pórtico. O sacerdote abençoa a lâmpada de acordo com o Ritual: e a melhor coisa é abençoá-la, borrifá-la e incensá-la, pois com grande alegria tudo se deitará para recolher os tições de fogo, e com grande alegria a pessoa carrega seu tição para casa, como um fogo sagrado para ter um novo fogo. Não há nenhuma confusão nesta função.

35. A ressurreição é uma coisa de glória. Ao amanhecer, todas as pessoas já estão na igreja. Nas praças e pórticos da igreja, tudo está cheio de luzes: tudo é o ressoar de caixas e tambores, pandeiros e flautas, o tremor de bandeiras, emules, estandartes e flâmulas no meio das estátuas de Cristo ressuscitado e sua Mãe Santíssima: os baixos, cornetas, chirimías, etc. órgãos e todos os tipos de instrumentos, que todos juntos, com sons muito alegres, se combinam para causar uma alegria do céu. Os Cabildantes, os soldados, os dançarinos, com as melhores roupas e todas as suas bandeiras e bandarilhas de várias cores.

36. O Celebrante sai com o maior rico ornamento, da capa de chuva, etc. Incensa as duas estátuas. A imagem de Jesus Cristo aparece de um lado com todos os homens, o Celebrante e a música, e do outro lado a Virgem, a música e todas as mulheres. Em toda a praça tudo é para bater e tremular aquela multidão de bandeiras e flâmulas. Os músicos terminam cantando e repetindo *REGINA COELI LAETARE*. Os

clarinetes com as chirimías correspondem com tanta destreza que parecem fazê-los falar. O *EL LAETARE LAETARE* é o que eles repetem muitas vezes com muitos gorjeios. É uma composição muito alegre.

Depois de ter aberto os três lados da praça, quando as duas imagens da quarta são enceradas, a da Virgem vem a ser vista com sua Mãe Santíssima. Filho no meio de três arcos muito profundos em intervalos, todas as pessoas sendo dominadas por eles. Já neste momento a *REGINA* e o *LAETARE* repetem muito mais e com mais barulho e gorjear de vozes e instrumentos.

37. Quando as duas imagens sagradas são colocadas juntas, há uma dança de anjos, que são muitos músicos, e eles são harpas e violinos. Eles começam a dançar e cantar ao mesmo tempo o *REGINA COELI* na frente das duas imagens. Depois de algumas mudanças, eles o repetem em seu idioma: e assim, alternando em latim e em seu idioma, eles continuam e terminam todas as suas mudanças. Outras nações saem, até quatro. Acabada as danças, volta a processão com as duas imagens pelo meio da praça, depois da incensação (queima do incenso), que faz o Celebrante, cantando a oração correspondente. Segue a mesma ordem de tambores alegres atrás dos instrumentos, e o grande barulho do toque de sinos e sinetas, que os macaquinhos estão tocando ao lado das imagens. Quando a procissão termina, começa a missa solene e seu sermão sobre o Evangelho: e quando tudo termina, eles vão pegar a erva, beber em casa e se preparar para o banquete ou festa. Neste dia, por causa da circunstância da procissão tão longa e sermão, não há oração e catecismo como todos os domingos. Agora me ocorre que parei de colocar a distribuição eclesiástica do domingo onde ela pertencia, que é depois da distribuição diária. Não é certo que deixemos em branco: pois é uma questão de edificação singular.

Distribuição eclesiástica do domingo

38. Todos os domingos, ao amanhecer, enquanto os Padres estão em oração, todos de todas as idades e sexos juntam-se na praça, divididos e separados dos homens das mulheres, dos meninos das meninas, como sempre se faz. Quando chega a hora de deixar a oração, os Padres abrem as portas; as mulheres entram na igreja pelas três portas do pórtico, e os homens pelas dos lados. Os meninos ficam no pátio

dos Padres: e as meninas vão ao cemitério. No meio da igreja, entre os homens e as mulheres, de costas um para o outro, quatro índios com as vozes mais claras se levantam, e todos os outros estão de joelhos. Os quatro começam o Pai Nosso e outras orações, que são repetidas por todos. Quando terminam, eles se sentam, deixando os quatro de pé. Estes começam o Catecismo. Dois deles dizem “*Deus?*” Resposta dois: *Sim, existe* e os dois continuam: *Quantos deuses existem?* Os outros dois responderam: *Apenas um*. Todos respondendo à mesma coisa: e todo o resto vai nesta ordem, como foi dito ao falar da Doutrina dos Meninos. Suponha que tudo esteja em sua língua: que se fosse na língua latina ou espanhola, que eles não entendem, seria de pouca utilidade para eles.

39. Quando as orações e o Catecismo terminam, dizem os quatro: “Esta é a maneira de contar: um.” E todos respondem: um.- “Dois”: e responde dois.- “Três”, e responde todos os três: e assim eles vão até cem, e daí para 200, etc., para mil. De um a quatro eles até contam em sua língua, e é: *petey, mocoy, mbo-hapí, irundí*. A partir de então, em espanhol, porque em sua linguagem contam apenas até quatro. Para *cinco*, eles dizem: uma mão: *peteipò*, e mostram os cinco dedos. Para *seis*: *uma mão e um dedo*, etc. Para *dez*: *duas mãos*. Por *vinte*: *mãos e pés*: e de lá para cima eles dizem: *eté*, muitos: e eles não sabem mais: tão curto foi o seu entendimento.

Quando acaba o modo de contar, dizem: *estes são os meses do ano, janeiro*: e todos respondem: *janeiro*, e assim por diante até *dezembro*. Em sua língua, eles não têm nome de meses, mas *uma lua, duas luas*, etc.- Então eles dizem: *estes são os dias da semana: segunda: e assim até o domingo, tudo em castelhano*: embora hoje em dia eles tenham dado nomes em sua língua. Na segunda-feira, *möayapoípi*, primeiro trabalho: na terça-feira, *mboyopomocoi*, segundo trabalho, etc. A quinta-feira é chamada *teique*, entrada, porque no início, não só aos domingos entravam na igreja, mas também na quinta-feira. No sábado, a véspera de festas e no domingo, dia de festa. Tudo isso que os homens e mulheres fazem na igreja, os meninos fazem separadamente com seus prefeitos (alcaldes) no pátio e as meninas no cemitério.

40. Quando tudo está terminado, entra um Padre, o “semaneiro”, para lhes dar uma palestra doutrinária, tendo entrado para isso os meninos e as meninas. Terminada a conversa, o Padre se veste com

uma capa de chuva, e sai ao Asperges (aspergir água benta), que canta nos degraus do altar-mor: os Acólitos saem com o vaso de água benta e o hissopo (planta usada em rituais de purificação e simboliza perdão, limpeza espiritual e graça divina), um e outro de prata: ele continua aspergindo por toda a igreja: e os músicos, entretanto cantam o que corresponde. Ele retorna aos degraus do Altar e diz os versos do Ritual, todos cantando. Em seguida, entra a missa com toda a solenidade. Os músicos cantam o que estão tocando, Glória, *Credo*, etc., em várias composições que têm: domingo uma, outro dia outra. Desde a septuagésima até a Páscoa, eles cantam em tom gregoriano, de acordo com a rubrica. Terminada a Missa, todos saem para onde é a sua vez: os homens e os meninos para o pátio do Padre, as mulheres e as meninas para o cemitério: e então, no pátio, um dos cabildantes mais habilidosos repete a conversa para todos: e no dia do sermão ele repete o sermão: e alguns têm uma memória tal que o repetem pontualmente o tempo todo. Outros que não vão tão longe, repetem o que podem e acrescentam outras coisas sagradas: mas nunca param, nem lhes falta nada a dizer por meia hora ou mais. O exórdio é muitas vezes: “Vedes, meus irmãos, que estes Padres estão a torcer a cabeça conosco, em busca primeiro do nosso bem espiritual, e depois do bem temporal: de modo que sem eles, nada teríamos: vedes como eles não procuram nada para si mesmos, mas procuram por nós. Eles vêm com suas estampas, medalhas e contas que eles distribuem entre nós; e depois de terem trabalhado duro, eles vão de acordo com a ordem de seu superior, e não levam nada com eles. E você sabe como eles deixaram seus pais, suas mães, seus parentes e seus países: essas terras tão férteis e deliciosas do outro lado do mar, e com tantos perigos, vêm nos fazer tanto bem para um mar tão vasto: por tanto devemos respeitá-los, honrá-los e obedecê-los, etc. “Não há nada que os mova tanto quanto essa coisa de deixar seus pais e seu país por eles. Para as mulheres, ele repete a conversa o Alcaide velho.

41. Após a palestra, os Secretários de cada parte parcialidade contam a todos de todas as idades e sexos, por suas listas, para ver se alguém perdeu a missa: eles prestam contas ao Cura, e ele descobre se esteve impedido. Se ele era culpado, ele é encontrado e punido. A punição é de 25 chicotadas. Em seguida, a segunda missa é celebrada para os convalescentes e para os impedidos na primeira. Em seguida, eles dividem as tarefas de toda a semana e vão comer e jogar bola (se-

ria uma espécie de futebol?), que é quase seu único jogo. Porém não jogam como os espanhóis: eles não jogam e devolvem com as mãos. Quando eles chutam, eles jogam a bola um pouco alto, e jogam com o peito do pé da mesma forma que fazemos com a mão: e quando os adversários devolvem a bola também o fazem com o pé: o resto é falta. Sua bola é feita de uma certa borracha, que salta muito mais do que as nossas bolas. Participam muitos deste jogo e fazem suas apostas em ambos os lados. À tarde, eles se exercitam na praça no alvo com flechas, e com armas quando há pólvora e balas, pois geralmente há uma carestia deume de outro: e com isso o domingo acabou.

Seus convites

42. Quase em todas as festas e viagens que chegam, há banquetes: e em todos os casamentos. Faça-os, não dentro de suas casas, mas nas arcadas (alpendres). Eles organizam várias mesas em lugares diferentes: cada uma é cuidada por uma das principais, que o Padre indica. O Padre pela manhã dá uma vaca para cada mesa. Eles o preparam em casa e completam com batatas, mandioca e legumes de seus produtos. Alguns que eram padeiros na casa do Padre fazem pão de trigo, mas poucos. Quando tudo já está arrumado, os que estão em cada mesa vêm à casa dos Padres com um santinho ou uma pintura em uma pequena mesa, e sobre ela vêm algumas galinhas assadas, pão e alguns bolos de mandioca. Cada um arruma sua mesa com seu santo e comida no pátio em frente ao refeitório dos Padres, enquanto comem, e no chão, em frente à mesa, colocam umas grandes cabaças de chicha de milho, que é o vinho deles, e dos quais já disse que o tornam preguiçoso, que nunca embriague. O mordomo, por ordem do Padre, coloca ao lado das cabaças (porongo) uma bacia de sal, outra de erva-mate, outra de mel de cana doce, outra de tabaco para mastigar: um saco de pêssegos ou secos (passas), dos quais se faz muita provisão a tempo: outro saco com laranjas da China, das quais há em abundância: e algumas outras coisas, dependendo do clima. Em direção ao portão são prevenidos os tambores e flautas, os capitães das milícias com suas longas lanças e as insígnias com suas bandeiras, e nos maiores festivais eles acrescentam cornetas e chirimias. Tudo isso é feito sem barulho e com grande silêncio.

43. Depois que os Padres saem do refeitório, abençoa com uma breve oração, todas aquelas mesas, e os meninos músicos, que estão preparados com outros, cantam uma pequena canção em sua língua, que é uma bênção e ação de graças: e assim que terminam, todos os tambores e outros instrumentos ressoam. Os capitães tremem e tocam lanças, os estandartes agitam as bandeiras, e aqueles que os trouxeram carregam seus santos nas mesas, e os outros alimentos eles trazem para a praça, onde uma peça de cavalaria militar os espera: e parando um pouco para os santos, eles fazem várias festividades com seus cavalos em sua homenagem: e aqueles com lanças e bandeiras os tocam novamente. Daqui vão para o lugar do banquete: precedido pelos pandeiros e flautas: e colocam o Santo à cabeceira da mesa.

44. Sentam-se em seus bancos: estas são suas cadeiras. Eles não usam colher, garfo, toalhas de mesa ou guardanapos. Eles colocam cada um para ir com um punhado de sal. Eles não adicionam sal à panela. Eles trazem seu ensopado, não em pratos, mas cada um em seu prato. Eles comem e mergulham no sal, como fazemos com o molho: e de vez em quando dão seus copos de chicha. É muito comum nesses convites fazerem parte dos músicos tocando e cantando, seja em latim, ou em espanhol, ou em sua língua, alguns motetos em homenagem ao Santo. Quando esta mesa é concluída, entram a segunda e a terceira, e tudo termina com grande tranquilidade, sossego e alegria cristã. Os meninos que eu disse para a bênção são os coroinhas, os tenores de música e aqueles que aprendem instrumentos, os filhos dos caciques, cabildantes e mordomos. Estes são alimentados na casa do Padre. À noite, eles vão para casa.

Casamentos e Bodas

45. Já disse em outro lugar que quando os meninos atingem 17 anos de idade e as meninas chegam aos 15, todos se casam. Não pode ser um por um, nem por dois por dois, porque como são grandes Povos, e não há mais de uma paróquia, não haveria dias de festa para dar-lhes as admoestações de acordo com o Ritual, três vezes. Muitos se casam juntos. Que os impedimentos do casamento sejam lidos para todos do Povo: Lê-se a todos do Povo a lista daqueles que querem se casar. Na igreja, eles chamam cada um de ambos os sexos e pergun-

tam-lhe em segredo se ele vem por sua própria vontade, considerando o assunto, para se casar, ou violentado (obrigado) por seus pais, ou por seu cacique, ou por outro: e se ele pensou bem o que faz. Raramente acontece, neste caso, que você não encontre um ou dois que dizem que o obrigaram e que não querem se casar com o designado na lista. E se o Padre não fizesse essa diligência, calaria e se casaria. Quando o Cura foi informado de que isso era voluntário, ele leu as admoestações dos três dias contíguos, que o Ritual diz, e ele ordena que quem souber de qualquer impedimento deve vir e dizê-lo: e ele repete os mais óbvios. Vendo que não há impedimento, todos ficam em fila em frente às portas da igreja pela lista que o Secretário tem em grande ordem. Cabildantes e uma grande parte do Povo comparecem.

O sacerdote com sobrepeliz, e a capa mais rica, e os acólitos com a cruz, os candelabros e o hissopo, todos de prata, e uma fonte rica com as argolas, e os treze reais de prata amarrados em fios de prata. Todos ficam em silêncio durante a apresentação, sem piadas ou qualquer coisa equivalente: considere-o como uma coisa sagrada. O Padre dá a cada um o seu consentimento mútuo e asperge-os. Mas primeiro ele lhes deu uma palestra, na qual explica muito bem o que é esse sacramento e suas obrigações, e pergunta aos Cabildantes e a todas as pessoas presentes se há algum impedimento.

46. Então ele lhes dá as argolas e os treze reais, que são o arras (promessa, garantia) e o noivo os veste e os dá à noiva, de acordo com o Ritual. Eles não os trazem de casa. Eles são sempre mantidos na casa do Padre: e uns anéis e arras servem para todos. As vestimentas tendo sido dadas e recebidas como sinal de casamento, elas as devolvem à fonte. Estes últimos os pegam, e assim passam de um para o outro. Após essas cerimônias, eles entram na igreja até os degraus da grade (base do altar) e, ao entrarem, os músicos gritam em tom alegre o salmo *UXOR TUA SICUT VITIS ABUNDANS, FILII TUI SICUT NOVELLAE OLIYARUM*, etc. O Padre lhes diz as orações do Ritual. Segue-se a Missa com todas as cerimônias do caso. Coloque em todos, já na base do altar, o colar e a faixa, uma coisa muito vistosa, que é guardada para todos, como o arras (garantia). Então eles comungam e dão graças. Para dar graças nestas em todas as comunhões de todas as outras, há uma oração muito devota, em uma mesa. Este toma com uma voz clara, e por ela ele dita aos outros o que eles têm a dizer: e eles respondem. Caso contrário, o índio estaria lá sem saber o que fazer.

Eles não são capazes de oração mental: como éramos quando éramos meninos, mas de vogais: e dizem o que lhes é ditado.

47. Depois de agradecer, todos os noivos vieram beijar a mão do padre. A cada um ele dá um machado e uma faca: instrumentos necessários para o seu trabalho: pois a partir do momento em que se casam, eles começam a fazer colheitas: e para as noivas ele dá contas (adornos). Eles vão para suas casas, e os pais e parentes da noiva a levam para a casa de seu marido, que mora com seu pai, até que alguns anos ela aprendeu a cuidar dos assuntos domésticos. Um lhe traz a rede, outro o mate, outro os potes e algumas joias: pois é a isso que todos os enxovais são reduzidos, e este é o dote. Então a festa de casamento é preparada, o Padre dando as vacas. Eles trazem o santo com um pouco de comida para a bênção, dando-lhes lá as coisas da casa, e com a celebração do pandeiro, etc., que já mencionei. O casamento é feito com grande modéstia. Para mostrar como eles são, vou contar um caso. Enquanto cuidava de um Povo que tinha mais de mil famílias, casei 90 pares uma vez. Como eram tantos, dividi o banquete em quatro partes do Povo, com quatro vacas, aos cuidados dos principais índios. Na hora do banquete, eu queria ir secretamente para ver o que eles estavam fazendo. De repente, sem que eles soubessem, cheguei ao primeiro: e os noivos estavam de um lado e as noivas do lado oposto, comendo com grande tranquilidade e modéstia, ali em frente a uma mesa: e nela uma estátua devota da Virgem, e os músicos cantando as alegrias de Nossa Senhora do Pilar de Saragoça: BEM, PARA A ESPANHA COMO O AMANHECER, em espanhol, ao som de harpas e violinos. Claro, não pude conter as lágrimas de alegria quando vi um caminho tão cristão e devoto. Vou a outro banquete e encontro a mesma coisa com outros músicos tocando outras coisas. Que os cristãos europeus de tanta cultura aprendam com isso a celebrar seus casamentos profanos.

Festa do patrono do Povo (Redução)

48. Esta a celebram com singular solenidade e cristandade. Prepare-se dias antes para a confissão e a comunhão, nas quais há muito concurso. Convide Padres de outros povos para o sermão, e os três da Missa, e alguns outros. Os índios prepararam muitos cavalos dos mais gordos, cheios de cintos, sinos e plumagem de várias cores. Eles estão alertas para quando os convidados chegarem. O Cura e seu companheiro os colocaram para se encontrar a uma certa distância da cidade: e com eles aquela turba de cavalaria galante, com seus ginetes de gala; e se isso não fosse permitido a eles, seria o maior sentimento para eles. Os convidados entram no Povo e descem dos cavalos na porta da igreja, com um grande barulho de caixas e todos os tipos de instrumentos: eles entram nela, e com eles todas as principais do Povo e grande parte do vulgo. Há oração, e os músicos cantam com toda a solenidade o *TE DEUM LAADAMUS*.

49. No dia anterior, ao meio-dia, o Real Alferes (que existe em todas as Povos) já estava preparado na porta da igreja, com o estandarte real, e seu pajem para a gineta, acompanhado por todo o Cabildo e militares, todos em trajes completos, todos os Padres saíram à porta. Lá, o Padre mais condecorado derrama água benta sobre o Alferes, e todos entram, e com eles quase todo Povo, derramando água benta sobre eles ao entrarem. Os músicos cantam o *MAGNIFICAT* com tantos instrumentos quantos houver. Naquele dia não há uma caixa, um pandeiro, uma flauta, um pífano, um pandeiro ou um cho-calho que não saia: e todos esses instrumentos rudes ressoam como os suaves quando chegam ao *GLORIA PATRI*. Quando isso termina, o alferes sai com toda a comitiva, e água benta é dada a ele e ao resto da cidade. Ele é acompanhado por toda a milícia para colocar o estandarte em seu falso castelo, que é preparado para esse fim na praça. Em seguida, toda a milícia a cavalo e a pé, fez várias incursões, acrobacias e desfiles, primeiro em homenagem ao Santo, Padroeiro do Povo: e depois o Estandarte do Rei.

50. Feito isso, o Alferes vem com toda a sua comitiva do Cabildo e militares, e eles se sentam em seus bancos no Cabildo, em frente ao pórtico da igreja. Os Padres sentam-se no pórtico. Os dançarinos saem, e a primeira dança começa o paje do ginete sozinho com a insíg-

nia de prata do Alferes na mão. Após essa dança, os outros dançarinos saem, fazendo até quatro danças diferentes, de oito ou mais dançarinos em cada uma: e com isso essa primeira função termina.



Ilustração retirada do desenho da redução de São João Batista que mostra os festejos

51. As quatro ou cinco da tarde, todos os sinos tocam nas Vésperas (na liturgia católica, a parte do ofício divino que tem lugar à tarde, entre 15 e 18 horas). Todos eles vêm à porta da igreja. Os Padres saem para receber o Alferes, que é quem preside tudo, com água benta, como ao meio dia. O Celebrante deve ser vestido com uma capa de chuva, e o Diácono e o Subdiácono com dalmáticas, tudo o que há de mais rico. O habitual são esses ornamentos de brocado de ouro. Em alguns Povos, de tecido. Os outros Padres colocaram sobrepeliz. Todos os coroinhas usam roquetes fortemente enfeitados com rendas. O Celebrante entoia o *DEUS IN ADIUTORIUM MEUM INTENDE*: dê a Antífona ao Diácono e ao Subdiácono, depois de uma profunda genuflexão ao Santíssimo Sacramento e reverência ao Celebrante. As Vésperas são realizadas, não na câmara alta, mas no meio da igreja, e para os assentos há três cadeiras muito ricas, forradas com veludo carmesim dourado com ouro: e para os auxiliares do Padre há outras cadeiras muito vistosas e brilhantes. Os outros Padres sentam se nas cadeiras comuns, como as de seus aposentos. As outras antífonas são então entregues ao diácono e ao subdiácono e aos outros Padres, para que possam cantá-las. Todas as Vésperas devem ser realizadas de acor-

do com o Ritual, com o resto de toda a solenidade sendo realizada. Quando terminam e as vestes dos sacerdotes são deixadas, o alferes é levado para o pórtico, sentando-se lá com toda a comitiva por volta do meio-dia, e os Padres dentro. As companhias de dançarinos começam, depois de celebrar o Estandarte, e dançar quatro das melhores danças, intercaladas com graciosos interlúdios, que os índios fazem para esse fim. Eles dançam e entre dançam com grande prazer das pessoas, que gostam ainda mais do que as próprias danças: e nunca há uma menos decente entre eles.

52. À noite, por volta das nove horas, há também um festejo. Eles organizam em frente ao pórtico da igreja fogueiras brilhantes e uma grande quantidade de sinos. Vem os Cabildantes (que sempre andam com suas galas de seda nesses dias), acompanhados por 30 ou 40 dançarinos em vários trajes, nas nações espanhola, turca, asiática e outras, e alguns em trajes cômicos, vêm convidar os Padres: e todos os dançarinos vêm com lanternas erguidas, em varas muito pintadas e vistosas. Eles levam para os Padres no pórtico. Os principais sentam-se em seus bancos, e aquela grande turba de dançarinos brilhantes sai para dançar, todos com suas lanternas, com uma grande variedade de posições e mudanças, e com grande artifício, formando componentes, e até versos de louvor ao Santo Padroeiro, com as letras que fazem em suas posições. Outra dança de 20 ou 30 sai, cada um com seu instrumento musical, dançando e tocando: assim eles continuam até quatro danças diferentes, e com seus interlúdios entre uma e outra: e como são de muitos e artificiosos geroglíficos (escrituras), duram muito tempo.

53. De manhã, depois que os Padres saíram para orar (que mesmo nestes dias de trabalho não é deixado ou se encurta), os sinos tocam; todos os instrumentos barulhentos ressoam, e na praça tudo é alegria, corridas de cavalos e imitações militares, celebrando o santo padroeiro e honrando o Estandarte Real, cujo Alferes o conduz à Missa. Todos os Padres vão recebê-Lo por aquilo que vós representais. Eles lhe dão água benta e, com grande autoridade, o introduzem em seu assento, que é uma cadeira rica, e bem guarnecida, e próxima das grades (base do altar), presidindo os bancos do Cabildo. Quando a Missa começa e o Evangelho é aberto, ele desembainha sua espada e, erguendo-a com entusiasmo, ele se mantém todo o tempo do Evan-

gelho, dando a extensão o desejo e a prontidão para defendê-lo. O sermão segue, e o resto da Missa. Dizem os Padres suas Missas, tendo previamente acompanhado o alferes e sua comitiva ao pórtico.

54. Enquanto duram as missas rezadas, preparam na praça suas funções militares e celebrações. Eles vêm para avisar que tudo já está preparado. Os Padres saem para o pórtico, e lá são vistas oito companhias de soldados em seus uniformes e armas, com bandeiras muito vistosas, quatro de cavalaria e quatro de infantaria. Estes são formados no meio do quadrado: aqueles nos quatro cantos. O mestre de campo sai de um ângulo, e de outro os sargentos-mor de ambos os corpos, dando suas ordens e fazendo suas escaramuças, com as quais se desafiam. Ele dispara uma pistola um contra o outro: e a este sinal toda a cavalaria sai com grande fúria de todos os quatro lados em uma corrida aberta, cercando a infantaria, fazendo um gesto de querer quebrá-la: mas eles se defendem muito com lanças, ao seu lado, e espadas com escudos por todos os lados: e do centro com muitos tiros da arma, e em alguns Povos com peças de campanha (canhões), e às vezes eles jogam foguetes nos pés dos cavalos. Finalmente, depois de muitas voltas, pausas e ataques, ele abre o caminho para a infantaria. É aí que estão os tiros, as defesas e os esforços. Eles arrancam uma bandeira deles, e com ela bem amarrada (pois são grandes), aquele que a pegou vai para uma carreira aberta, correndo ao redor da praça, como cantando a vitória, que é seguido por todos os seus homens: e ele não a carrega recolhida, mas desfralda (aberta), o que é um grande esforço para mantê-la com tanta violência na corrida. A cavalaria ajuda a fazer esforços e ataques para quebrar: e não importa o quanto tentem defender a infantaria, eles tiram sua segunda, terceira e quarta bandeiras: e finalmente, quebrados e derrotados, eles os carregam em quatro pedaços, cercados pela cavalaria, e os colocam através dos ângulos do quadrado. É uma função que realmente vale a pena ver, porque são excelentes ginetes: e o índio a cavalo parece outro homem. E mais ainda com os vestidos, uniformes e outros ornamentos que usam, e com tantas fitas, sinos e plumagem dos cavalos. Após esta função militar, aproximam-se do pórtico e executam quatro danças como as mencionadas, mas diversas, pois são tantas que não é necessário repetir nenhuma delas. E com isso se vão a preparar os banquetes, que são tantos hoje, que quase não há lugar no pátio do Padre para as mesas, com seus santos para serem abençoados. Dificilmente há um cacique,

nem Cabildante ou maioral que não tenha seu próprio banquete. Eles os fazem com a circunstância já mencionada dos outros: mas hoje eles acrescentam mais solenidade a eles: e aquela bênção cantada que os meninos dão depois da do Padre, hoje está pronta para a música, com harpas, violinos, etc., e com sua bandarilha, que é feita de seda, eles fazem o ritmo.

55. Para esta noite, que é a substância da festa, o Padre prevê uma grande quantidade de prêmios, facas, machados, pentes, rosários, medalhas, linho liso, tecido de várias cores, algodão, tecido, pano de mão, chapéus, monteras, botões, metal e outros materiais, agulhas, alfinetes, miçangas, contas de vidro de vários tamanhos e cores, erva, tabaco, sal e outras coisas menores; todas as coisas que eles estimam muito. Para cada convidado, uma quantidade dessas coisas é colocada no lugar, para que possam ser distribuídas: e para o Cura, como quem tem que distribuir mais, muito mais. 56. Um palco foi providenciado ao lado do castelo do Estandarte Real, com os assentos necessários para todos os Padres, ou ao lado do pórtico da igreja. Por volta das três horas, os principais vêm convidar e conduzir os Padres. Eles vão ao palco e, em alguns Povos, a essa hora, ou na noite anterior, apresentam uma ópera à maneira italiana, com seu teatro vistoso, tudo citado ao som da espineta, com as pessoas correspondentes, e em espanhol. Aqueles que sabem são devotos; e há uma das renúncias de fez de seu reinado Filipe V, entrando personagens como Filipe V e seu filho Don Luís, vários nobres da Espanha e outros: nem neste, nem nos outros, há um papel de mulher. Eles estão todos vestidos como o correspondente ao personagem que representam: e tudo vem da memória, não do papel.

57. Ao exército do general D. Pedro Cevallos, estacionado na cidade de San Borja, já evacuado de índios, por ser uma das linhas divisórias, recorreremos por minha sugestão (estive com Sua Excelência), alguns músicos e dançarinos de outro Povo para celebrar ou ajudar o exército, para celebrar as festas reais da coroação de Dom Carlos III. As festividades duraram vinte e um dias. No início, os índios realizavam quatro danças todos os dias: e os espanhóis gostavam tanto delas que continuaram a fazer seis. Eles conheciam 70 danças diferentes. Eles fizeram algumas óperas, e entre elas a da renúncia de Filipe V. Eles estavam notavelmente cientes da habilidade da música, e ainda

mais da propriedade em representar as óperas: e eles não conseguiam entender como, sem saber espanhol, eles falavam e agiam com tanta propriedade. Tudo é feito com perseverança em ensiná-los, boa memória e muita paciência. Vamos voltar ao palco.²²

58. Em frente à cadeira de cada Padre são colocados cestos dos prêmios mencionados. A milícia começa a apresentação na forma de uma batalha, à maneira da manhã; mas agora com circunstâncias mais famosas. Quando isso termina, as companhias de dançarinos saem, e aqui eles jogam fora o resto de todos os tipos de danças de brancos, negros, mouros, cristãos, anjos, demônios, sérios e burlescos. Os Padres distribuem prêmios, não apenas para os da festa, mas para todos os outros meritórios. Eles chamam os carpinteiros, padeiros, rosários, estátuas e todos os tipos de ofícios: os sacristãos, os mayordomos ou mayores, e todos os índios de qualquer distinção. Como o Cura sabe quem merece melhor, ele geralmente mantém uma lista e, a partir dela, chama aqueles que mais trabalharam para o bem do povo. Para o resto do Povo, uma infinidade de rosários, medalhas, agulhas, alfinetes, pentes, facas, miçangas, botões, tabaco em cachos, etc., estão sendo organizados. E apesar do barulho, alegria e algazarra que há nessas coisas, nunca há brigas, infortúnios ou desgraças, mas riso e alegria. É uma multidão pacífica e humilde.

59. Em seguida, vem a corrida do anel. Eles colocaram um anel no meio da praça, pendurado em um poste perfurado, que repousa sobre dois pilares. O Corregedor pega uma vara de lança e, em uma corrida aberta, ele vai colocá-la naquele anel. Se ele o colocar, ele liga o anel de tal forma que ele se solta e entra no bastão. Se ele não pegou da primeira vez, ele corre novamente para o tempo presente. Eles o colocam de volta: e o Alferes Real o segue: depois os outros Cabildantes e cabos militares: e a cada um que usava o anel, toda a cavalaria faz algumas corridas ao redor da praça, gritando e nomeando o nome do santo padroeiro. E com isso essa função solene terminou ao anoitecer.

22. O detalhe daquelas festas e as peças representadas naquela oportunidade, se conhece por uma descrição do próprio Cardiel, data em São Borja em 28/2/1760, que se conserva manuscrita.

Punições, juízes e ações judiciais

60. Em cada Povo há duas prisões: para homens e mulheres. O masculino geralmente fica em um canto da praça, em frente à igreja. A das mulheres, na casa das recolhidas (Cotiguaçu). Elas não estão presas, mas livres. Elas andam como beatas: embora só saiam juntos e com sua Superiora. Lá estão elas, com ou sem grilhões, as mulheres delinquentes. Embora essa gente seja de temperamento humilde, pacífico e tranquilo, especialmente depois de cristãos, não pode menos de haver com tanta gente, alguns delitos dignos de punição. Em todas as Américas, os Curas, clérigos e regulares, punem seus paroquianos índios. Para todos os delitos há punição indicada no Livro das Ordens: todos muito proporcionais ao seu gênio pueril e ao que o estado sacerdotal pode fazer.

Não há punição além da prisão, cepo e chicotadas. Chicotear é como para meninos. As mulheres são chicoteadas nas costas e de forma oculta, na casa dos recolhidos, pela mão de outra mulher, que normalmente é sua superior. O carrasco dos homens é o Alguacil maior. Entre eles, este cargo é uma honra. As chicotadas nunca excedem 25. Se o crime for grave, os 25 são repetidos algumas vezes em vários dias. Todos os prisioneiros de ambos os sexos vêm todos os dias à Missa e ao Rosário com seus grilhões, acompanhados por seu oficial de justiça e superior: e às vésperas solenes quando houver: e a outras funções públicas da igreja. Como o castigo é do Padre e não do juiz profano, a igreja não é válida para eles.

61. O sacerdote é seu pai e sua mãe, um juiz eclesiástico e todas as coisas. Caiu um em um descuido ou crime: então os alcaides o levaram perante o Cura na porta de seu quarto: e não amarrado e pego, por maior que seja seu crime. Eles não fazem nada além de dizer-lhe: “Vamos para o Padre”, e sem mais urgência ele vem como uma ovelha: e normalmente eles não o trazem diante deles, nem no meio, mas atrás deles, seguindo-os: e ele não foge. Eles chegam na presença do padre. “Padre”, dizem os alcaides ou o oficial de justiça, “ele não cuidou de seus bois que levou para arar sua terra. Ele os deixou sozinhos juntos no milharal daquele outro: e foi para outro lugar. Eles entraram no milharal e fizeram uma grande destruição nele. O Pai descobre quanto foi o dano, a culpa que ele teve, ouvindo as defesas, etc. Coloque seu crime diante do criminoso, pesando-o com uma repreensão

paternal, e conclua: “Então você deve dar tantos alqueires de milho a este seu vizinho: e agora, vai, filho, deixa-os dar-te tantas chicotadas”, 25, e confia ao Alcaide a execução do pagamento. Sempre lhes trata como filhos. O delinquente vai embora com grande humildade e é chicoteado, sem nunca mostrar resistência: e então ele vem beijar a mão do Padre, dizendo: *AGUYEBETE, CHERUBA, CHEMBOARA CHERA HAGUERA REHE*: Deus te recompense, Padre, porque me deste entendimento. Eles nunca concebem o castigo do Pai como algo nascido da raiva ou de qualquer outra paixão, mas como um remédio para o seu bem, e apesar disso eles incutem os Cabildantes quando repetem a conversa do Padre aos domingos. Tão grande é a humildade que eles mostram nesses casos, que às vezes nos fazem saltar as lágrimas da confusão. Com o que o Padre disse, todos ficam felizes: não há réplica nem apelo. E não é assim: acontece sempre assim.

62. Eles trazem outro: “Padre, este homem matou um ou dos dois bois que lhe foram dados por seu trabalho: e não tendo lenha, ele pegou o machado e quebrou em pedaços o arado, ou o almofariz para a colheita do milho, e com ela se assou e comeu. “Delitos semelhantes acontecem. O Padre o ordenou: “Por que você cometeu tal erro, filho?” E comumente ele fica em silêncio ou responde: *CHE TA LIRAMO: CHE TA LIRAMO*: “porque eu sou um tolo”. “Bem, se você matar um boi, e o outro, outro e outro, não teremos mais bois no Povo”: e ele geralmente responde: “Bem, meu corpo comeu, deixe meu corpo pagar por isso.” “Pois, vá embora, filho, deixe-os dar-lhe 25.” Ele vai com grande mansidão, recebe seus chicotes e vem beijar a mão, agradecendo por isso. São os jogos que ali se jogam, atentos à capacidade das pessoas e ao amor dos pais que utilizam.

63. Algumas diferenças e pleitos ocorrem. Os mais comuns estão nos limites das terras: pois, embora não existam títulos para eles, dados e assinados pelos governadores em nome do Rei, geralmente com o tempo muda os nomes dos rios ou colinas, etc., os lindeiros das terras, são geralmente alterados com o tempo, dos quais se seguem dúvidas e diferenças. Os índios se comprometem com o que os Padres dizem, sem ir à Audiência de Chuquisaca, 600 léguas distante, como os espanhóis fazem com tanta despesa. Acontece em uma cidade que dois homens de razão têm sua diferença ou disputa por terra, casa ou outro interesse. Para evitar brigas e despesas, eles concordam em ir a

um cidadão inteligente de grande qualidade, prometendo cumprir o que ele diz. Ninguém pode condenar isso, mas elogios. Isso é o que os índios fazem com os Padres.

64. Para este fim há três Padres que decidem as ações do rio Uruguai, que são 17 Povos: e outros 3 para as do Paraná: de modo que as do Paraná julgam os pleitos do Uruguai: e os dos do Uruguai as do Paraná. E não poderá ser juiz o que há sido Cura em alguma das suas partes. Isso é feito para que a afeição não se incline mais do que é justo: e quando o pleito é de um Povo de um rio com o de outro, entra um juiz de cada rio, e o Superior é o terceiro juiz: e estes são os mais experientes: e eles têm os livros que tratam das leis das Índias, Cédulas Reais, etc., pelos quais são guiados. Os índios desempenham seu papel: o Cura desempenha o seu: eles o apresentam aos juizes: eles comparam as duas partes e decidem sobre uma pluralidade de votos: e com isso, sem maiores despesas, tudo acabou.

65. Entre os trinta Povos, há seis que são colônias de outras: porque, passando um Povo de mil e quinhentas famílias, é difícil governá-lo, e por isso geralmente é dividido e normalmente metade pela metade. A maneira como tem nisso é esta. Um Povo chega a 1.600 famílias: eles tratam de dividi-la: eles procuram um lugar para beber água boa, um rio ou riacho para se lavar e se banhar: uma abundância de florestas para lenha, terras férteis: e um lugar um tanto eminente e plano para a sede do Povo, sem telas de montanhas altas ou serras para impedi-lo, em terras tão quentes, sendo bem batido pelos ventos. Das fazendas de gado do Povo dão-lhe cerca de metade de seu território, se possível dividem ou procuram outro, comprando-o. Seguem a metade das famílias com seus chefes.

66. Eles enviam dois dos mais antigos e práticos Padres para a distribuição de terras. Eles vasculham os armazéns, depósitos e celeiros e separam metade de tudo. Eles vão para os vestidos de Cabil-dantes, soldados e dançarinos, e fazem o mesmo. Às vestes sagradas, frontais, casulas, metade de cada cor. As cadeiras, castiçais, mesas dos quartos, domésticos, utensílios de cozinha, ferreiro, carpintaria, ourivesaria, etc., dividem tudo, meio a meio quanto à quantidade e qualidade. Eles levam em conta todo o gado grande e pequeno que está no Povo e nas estâncias: e também os dividem ao meio. Este ponto não para por aqui. Como a igreja, as casas dos Padres e do povo,

pertencem tanto aos que devem partir quanto aos que ficam, tudo é valorizado pelos dois Padres, encarregando-se dos materiais, de todas as suas partes e do valor de tudo naquela terra, etc. É por isso que eles escolhem aqueles que entendem muito bem o assunto: e como os missionários estão frequentemente projetando novos Povos, novas casas e templos, porque os primeiros envelheceram, eles se aplicam a livros e tratados sobre arquitetura, e muitos deles foram diretores e professores disso; há aqueles que podem fazer esse imposto com toda a conta e razão. Metade do valor da igreja, casas, etc. Deve ser devida pelas pessoas que ficam aos que partem: como: fizeram junto com todos os outros essas coisas, tanto parte tomam eles, como os outros a quem os deixam. O Povo que fica vai pagando aos novos colonos pouco a pouco o que resta para dever, que não é espremido sobre eles: e alguns são tanto, que nem em 20 anos podem pagar. Com toda essa justiça, conta e razão, eles fazem essas coisas. E como eles caem nas mãos de sujeitos de tanta consciência, que este é o norte de todas as suas ações, eles são reparados nas menores coisas: e tudo vai com toda justiça e lei, com toda equidade e tranquilidade, sem inquietações e brigas. A maior dificuldade é se mover. Muitos voltam atrás contra o que prometeram. Eles choram e choram mais, para não deixar sua terra natal, eles se agarram aos pilares da igreja e ficam sobre os túmulos de seus avós e parentes, não querendo deixar seus ossos. É preciso muito de Deus e de força e violência para fazê-los andar: e mesmo depois que essa dificuldade é superada, muitos da colônia retornam ao seu povo: e punições e violência são necessárias para fazê-los retornar. Por mais que isso custe: sendo como é, para seu próprio bem: por ser o Povo tão grande, é necessário que muitos tenham suas lavouras a três ou quatro léguas de distância do Povo, de acordo com a maneira como devem fazê-las, e que não possam ser dispostas mais perto, levando em conta a qualidade da terra e as limitações e falta de habilidade da multidão: e ir e voltar, e com mais frequência, a uma distância tão grande, é um trabalho muito considerável: ao qual se acrescenta que, não podendo visitar bem essas plantações, eles não fazem nada de proveitoso, por causa de sua preguiça inata, que precisam de tanto cuidado, encorajamento e até punição, como já foi dito, mesmo para coisas de tal utilidade para ele. Seguem-se muitos outros danos de não dividir os povos, que demorariam muito para serem expressos. Depois de anos que eles já estão estabelecidos, como eles experimentam as conveniências que

têm. Que muitas vezes eles são maiores do que aqueles que ficaram, eles já estão quietos. Embora em outras coisas eles sejam tão obedientes aos Padres, nesta questão de deixar suas terras, é muito difícil fazê-los obedecer. É por isso que, quando pela força da linha divisória eles foram obrigados a transmigrar, sofremos tanto neste momento por causa de sua resistência. E como eles foram ordenados (além de seu banimento) a dar aos portugueses (que os consideravam antigos inimigos) suas casas, suas igrejas, terras, rebanhos e ervais, etc., que por tantos anos haviam sido suados: essa dificuldade cresceu ainda mais, até se tornar impossível para eles.

Visita do Bispo

67. Os senhores Bispos, embora não possam ir visitar os regulares de vita et moribus, por privilégios pontifícios e Reais; eles devem, no entanto, visitá-los quando são Curas, no que diz respeito aos seus ofícios: se ensinam a seus paroquianos: que ornamentos existem e com que decência: como está a fonte batismal e outros vasos sagrados: em que estado estão as irmandades. Recebe-o com toda autoridade. Os Cabildantes e militares, todos em trajes completos, saem para recebê-lo, uma légua e mais, do povo, com seus instrumentos de guerra e músicos, com baixo e chirimías, todos a cavalo. Ele chega à entrada da cidade, onde é recebido pelo padre vestido com as cerimônias de seu Ritual. Onde quer que ele passe, todos se ajoelham, recebendo a bênção. Ele chega ao templo e eles cantam o Tedum, seguindo as orações e outras cerimônias.

68. No dia seguinte, visita a igreja, ornamentos e tudo mais. Então ele faz as confirmações, que como ele não vem até depois de muitos anos, são muitas centenas e até milhares. O ano de 1763 foi a última visita ao Povo onde estive, e já se passaram 21 anos desde que houve outra. Para outras missões, eles geralmente levam mais tempo para ir: e para alguns eles nunca vão. Eles se desculpam por suas ocupações, seus anos, suas enfermidades e a distância, aspereza ou desconforto das estradas. Nós os aliviamos o máximo que podemos, dando-lhes carruagens, cavalos, etc., e fazendo todas as despesas, mesmo que parem por muito mais tempo do que o que foi decretado; e tudo isso é inútil, sem qualquer pagamento ou recompensa: e as pes-

soas sempre lhe dão um presente de valor de cem pesos ou mais: e um missionário é dado àquele que sempre o acompanha, para dirigir os servos índios, e tudo o que diz respeito à viagem, para que seja o mais confortável possível.

69. Por causa dessa demora, o Papa Bento XIV deu a faculdade de administrar o sacramento da Confirmação a todos os Superiores de nossas Missões, quando eles vêm para a visita de seus súditos: e a todos os Sacerdotes na hora da morte, para que ninguém seja privado deste sacramento salutar. A maneira de administrá-lo é esta: Juntos na igreja, os confirmandos (crismando) com os padrinhos, eles os trazem em grande ordem ao bispo. O padre de um lado com sua lista dita os nomes para ele. Ele pronuncia a forma com as cerimônias, e dois outros Padres limpam a testa e enxugam o óleo: tomam a fita e a vela, e dão aos que seguem: e com isso, duas ou três velas e fitas servem para todos, mesmo que sejam centenas: ele não recebe uma vela ou fita para cada um: por causa da pobreza do índio: E mesmo esses poucos são colocados pela igreja e as guardas.

70. As despesas incorridas são suportadas pelos Povos que ali são feitas: o resto, embarcos ou por terra até à sua Catedral, são pagos por todos, fazendo um pro-rata. Nas duas vezes em 28 anos em que estive naquelas cidades, houve apenas duas Visitas. No tempo anterior, houve várias outras, como é evidente nos livros paroquiais: e neles eles sempre deixam muitos elogios aos padres, seus ministérios e o bom portados índios. Por tudo isto, o libelo português, que por ocasião da linha divisória se manifestou contra nós, diz que nenhum bispo jamais veio àqueles Povos, porque os jesuítas sempre o impediram de esconder a sua ganância e alianças. E o expulso Citado, como não pode negar essas visitas ou relatos, que os veria citados também nas Cédulas Reais, diz em seu livro, que todos esses relatos desses bispos são falsos, e que eles foram subornados pelos jesuítas para fazê-los. Que Deus seja abençoado por tudo. Tendo já falado de governo político e eclesiástico, resta-nos apenas falar dos militares.

Capítulo VIII

Governo Militar dos índios

1. Em cada Povo existem 8 companhias de militares, com seu Mestre de Campo, seu Sargento-Mor, Comissário, 8 Capitães, Tenentes, Alferes e Sargentos correspondentes. Todos eles têm seus emblemas de bastões, bandeiras e alabardas (tipo de arma). Existem algumas bocas de fogo, mas poucas, porque não são alcançadas e, com grande dificuldade, são obtidas a qualquer preço. Os Povos que tiverem mais serão 50: e muito cuidado deve ser tomado com elas: porque o descuido e a impureza do índio imediatamente as estragam. A pólvora é feita em quase todas os Povos; Porém muito pouco, porque não há mina de salitre, nem moinho, nem enxofre. O salitre é feito a partir das raspas da terra em que havia urina, dando-lhe o ponto pela força do fogo; e com isso, e um pouco de enxofre que se obtém em Buenos Aires, ganham-se algumas libras por ano, que são usadas para foguetes e tiros em seus festivais: e quase nada é usado para o teste de armas. No entanto, os emuladores dizem que existem moinhos, fábricas e muitas armas para levantarmos ao Reino dos Jesuítas. Lanças e flechas são feitas na aldeia: e disso há o suficiente.

2. São mais de 50 serviços militares que foram feitos para o Rei por esses índios: todos eles são apontados. Às vezes, sitiando as praças, outras vezes ajudando os espanhóis contra os inimigos da Coroa e contra os índios infieis. Eles quase sempre foram com espanhóis, comandados por eles. Nos antigos distúrbios do Paraguai, eles quase sozinhos introduziram o governador Don Sebastian de Leon, que foi enviado a eles por ordem do Rei, no lugar do intruso que eles tinham: e eles entraram na cidade com ele, que saiu para resistir, vencendo e matando²³. Nos mais modernos (nos quais conheci os índios no ano de 1732), o governador de Buenos Aires, com 6 mil deles e cerca de cem soldados espanhóis, prendeu os culpados: executou alguns na frente dos 6.000 índios e acalmou tudo²⁴. Para a Colônia do Sacramento (lugar assim chamado pelos portugueses), chamado pelos governadores para ajudar os espanhóis, eles o sitiaram quatro vezes. O

23. Sebastiao de Leon y Zarate foi governador interino do Paraguai entre 1649 e 1650

24. Bruno Mauricio de Zavala foi governador de Buenos Aires entre 1717 e 1734.

primeiro eles venceram, entrando por assalto. O segundo, não sendo capaz de resistir ao cerco de quatro meses, abandonou-a secretamente. O terceiro, depois de algum tempo, o governador despachou os índios e ficou apenas com os espanhóis, e eles não puderam tomá-lo. A quarta foi a desta última guerra em Portugal, na qual mil foram chamados, não para soldados, mas para gastadores (ordenanças): o lugar foi conquistado: e o governador atribuiu a vitória aos índios, que em uma única noite cobriram todo o exército com uma grande vala que eles fizeram de mar a mar, deixando quase todos cercados: pois ele disse que sem aqueles, que foi sem mortes, eles não o teriam vencido. Nas três vezes em que foi conquistado, foi restaurado por tratados de paz.

3. Quando o governador quer índios para estas e outras funções, ele não escreve aos índios, nem envia oficiais para intimá-los sob suas ordens, porque sabe quem são e como se governam. Ele escreve aos nossos Provinciais: “Preciso de três mil índios, isto é, para tal expedição: estimarei Vossa Excelência como tal servo de Deus e do Rei, providenciarei para que venham a tal lugar com tudo o que é necessário para tal empreendimento”. Isso é, em essência, o que ele escreve. O Provincial escreve imediatamente ao Superior, declarando o que o Governador diz e ordenando-lhe que providencie imediatamente tudo o que for necessário. O Superior pega a lista de todas os Povos: e dividindo a carga de acordo com o maior ou menor número de cada Povo, ele faz um papel, no qual diz em substância: “O Senhor Governador, em nome do Rei nosso Senhor, ordena que tantos índios façam tal expedição. Do Povo N. sairá duzentos: cada um levará três cavalos para si: cinquenta carregarão armas com tanta pólvora: cem carregarão lanças e os cinquenta restantes carregarão tantas flechas cada, e duas ou três fundas. (Eles usam pedras contra a cavalaria contrária de tal forma que jogam a pedra com a funda junta, que é um único galho, com uma franja para puxar: e atirando a pedra com grande violência, a funda permanece lá perto de quem a joga e a pega novamente.) “Para cargas, eles carregarão tantas mulas, nas quais irão tanta erva e tanto tabaco. Todos estarão bem vestidos com as pessoas comuns. Eles partirão em tal dia. Eles levarão tantas vacas para seu sustento na estrada, a tal ponto que encontrarão o padre N., que cuidará de todo o corpo e o conduzirá para entregá-lo ao Senhor Governador”: e assim continua para os outros Povos.

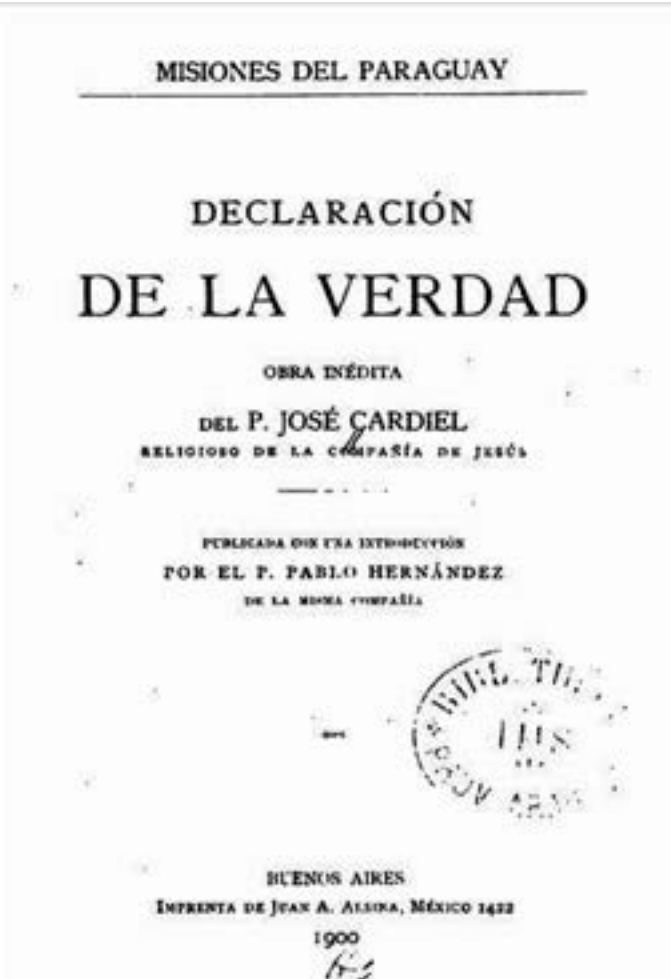
4. Este papel vai a todos os Povos algum tempo antes da marcha, para dar lugar a tudo o que for necessário para ser preparado. Cada Cura copia o que lhe toca e passa adiante. O Cura convoca o Corregedor e o mestre do campo: eles lhes dão a ordem do Governador: e como para tantos os que são nomeados para aquele Povo, com tais e tais armas: eles ordenam que escolham a mais adequada e os tragam lá para vê-los: e que com os ferreiros e outros cargos eles lhes forneçam as armas indicadas. Aqueles que estão indicados vêm: e o Cura vê se é aconselhável descartar algum. Nunca vi (e várias funções delas aconteceram em meu tempo) nem ouvi dizer que jamais houve resistência a esses empreendimentos, quando ordenados pelo Governador, nem qualquer repugnância por parte dos Padres, nem dos índios. Tudo é obedecido pontualmente na ordem que é dita aqui. O índio não coloca nada de sua casa: tudo lhe é dado do comum. Ao chegar ao local designado pelo governador, ele ordena e dispõe dos índios por si mesmo e seus oficiais, servindo-se dos Padres, que sempre tendem a dois ou três como intérpretes, para intimar suas ordens, e para todos os usos de economia que ali são oferecidos. O governador de Buenos Aires, e tenente-general, D. Bruno Zavala, esteve duas vezes nos Povos por ocasião de expedições militares, e elogiou muito esse método dos Padres em seu governo militar, como em outras coisas. “Fica, pois, declarado o governo político, eclesiástico e militar e o aderente a isso, embora em uma extensão muito maior do que um compêndio exige, e do que eu imaginava a princípio: e vai com toda aquela clareza, simplicidade e sinceridade que meu estado e meu ministério exigem. “Onde está o reino jesuíta, o despotismo, a ganancia e os imensos interesses que diziam os hereges e com eles os emuladores, que professam ser católicos, e que os jesuítas são bispos, são governadores, são reis e são papas? Você não vê aqui subordinação a bispos, reis e governadores? E que com sua aprovação, e até mesmo elogios, esse modo de governo é feito e até continuado? Há dois ou três filhos órfãos de um pai latifundiário: um homem bom se encarrega de cuidar de sua propriedade, ou por amizade que teve com seus pais, ou apenas por amor de Deus, sem salário ou juros. Ele os governa em tudo: ensina-lhes a doutrina cristã e os bons costumes: dizê-lhes em suas travessuras: ele se esforça para preservar sua propriedade e até aumentá-la: fazendo esta obra de caridade para aumentar o mérito para o céu. No resto, este tutor está sujeito e obedece com seus alunos a seus superiores reais e ao

governo espiritual e político. Quem pode colocar fraude ou mancha neste trabalho? Pois é isso que os jesuítas fizeram com aqueles alunos pobres: os reis exortando-os a isso: e aprovando-o e elogiando-o pelos superiores mais imediatos que o veem: bispos, governadores, etc.

Anexo 1

**Outra obra clássica de José Cardiel
– Declaração da Verdade**

Uma outra obra muito referenciada de José Cardiel é “Declaração da Verdade” escrita também quando do exílio em Faenza.



CARDIEL: DECLARACIÓN DE LA VERDAD

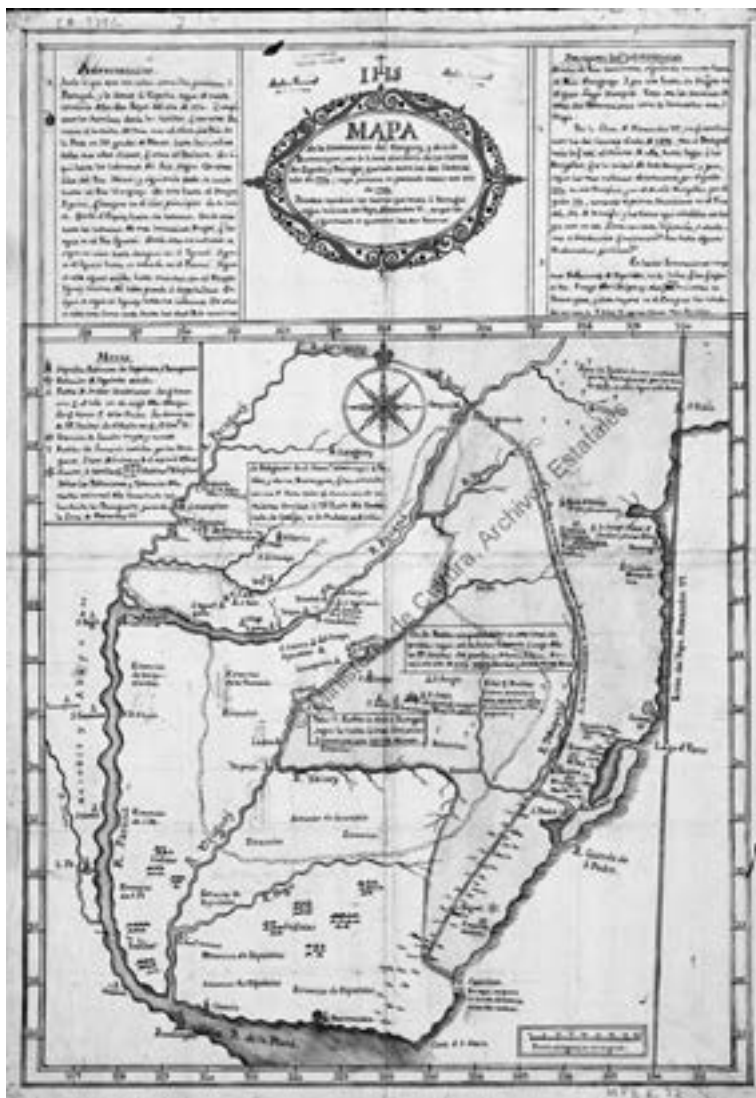
Introducción, §. 1	159
Delaciones antiguas sobre el poder de los Misioneros examinadas y condenadas, §. 2	161
Delaciones nuevas acerca de dicho poder, siendo asimismo examinadas y condenadas, §. 3	180
Examináanse los informes al Rey que hicieron los Misioneros, §. 4	196
Examen de las máximas de los Misioneros: primero, prohibir la entrada á todo español, §. 5	212
Segunda máxima de los Misioneros: prohibición de la lengua castellana, §. 6	221
Máxima tercera: la ciega obediencia de los indios, §. 7	227
Máxima cuarta: que no conozcan otras leyes ni otro Rey más que á los PP., §. 8	236
Porte y gobierno de los Misioneros, §. 9	247
Porte y gobierno de los indios en lo espiritual, §. 10	268
Porte y gobierno temporal de los indios, §. 11	282

ÍNDICE

491

	Pág.
Máxima para que los indios aborrezcan mucho á los blancos, §. 12	308
Prosigue la materia de la máxima tercera, §. 13	326
Pruébase con evidencia no haber sido los PP. la causa de la rebelión, §. 14	339
Deshácese otras razones que alegan para probar ser los PP. la causa de la rebelión, §. 15	378
Prosigue la materia del §. antecedente y la relación de la marcha del ejército, §. 16	397
Sorprende la tropa el pueblo de San Nicolás; y por lo sucedido se evidencia no ser los PP. la causa de la rebelión de los indios, §. 17	422
Causa de las persecuciones contra los Jesuitas en estas partes y en el Brasil y Marañón, §. 18	441
Examináase en común lo sucedido en las Misiones del Marañón, y se cita al libelista al Tribunal Supremo, §. 19	471

Anexo 2 - Mapa de 1752 foi feito pelo Padre José Cardiel



Este mapa interessante de 1752 foi feito pelo Padre José Cardiel e foi pessoalmente entregue pelo Padre Lope Luís Altamirano ao Marquês de Valdelirios para evitar a Guerra Guarani. Marca-se à direita uma linha vermelha, a medição do papa Alexandre VI (1494); o sombreamento corresponde ao Tratado de Madri (1750) e a linha verde sobre o sombreamento é a proposta dos jesuítas, deixando para a Espanha as Sete aldeias orientais. Os portugueses rejeitaram a proposta pacífica e a guerra desencadeou. (Arquivo geral de Simancas)

Anexo 4 - Cronologia da História das Missões Jesuíticas

Linha do Tempo referente às Missões Jesuítico Guarani visando auxiliar no entendimento dos acontecimentos sequenciais e paralelos ao mundo missionário, mas que tiveram impacto na história das Missões.

Elaborado por:

Álvaro Medeiros de Farias Theisen (Grande Projeto Missões)

Período/ano	Fato Histórico
1492	Descoberta da América por Colombo Eleição do Papa Alexandre VI
1494	Tratado de Tordesilhas Signatários: João II de Portugal e Fernando II de Aragão
1500	Descoberta do Brasil
1512	Descoberta do Rio da Prata
1517	Movimento da reforma de Martin Lutero (Protestantismo)
1532	Conquista do Peru (fim do Império Inca) por Pizarro
1534	Fundação da Congregação dos Jesuítas Início da produção de açúcar em Olinda e São Vicente (Ciclo do Açúcar)
1537	Fundação de Assuncion (Paraguai)
1538	Chegam os primeiros escravos africanos ao Brasil
1540	Cabeza de Vaca abre o caminho entre Santa Catarina e Assunção
1541	Desencadeada a reforma católica, chamada de Contra-Reforma
1542	Publicação das Leis Novas (extinção das Encomiendas)
1545	Descoberta da prata em Potosi Concílio de Trento (nova cruzada contra os Protestantes)
1549	Chegada dos jesuítas no Brasil (Salvador) e fundação de Salvador (padre Manoel da Nobrega)

1550	Chegam as primeiras cabeças de gado ao Brasil (início do declínio do ciclo do Pau Brasil)
1553	Inicia a ação jesuítica de José de Anchieta
1554	Fundação da Cidade de São Paulo
1555	Invasão francesa no Rio de Janeiro (só depois seria fundada ali)
1556	Fundação da Cidade Real de Guairá
1565	Fundação da Cidade do Rio de Janeiro e expulsão dos franceses
1568	Chegada dos Jesuítas ao Peru (início da fundação das Missões)
1570	Fundação de Vila Rica do Espírito Santo no Guairá.
1571	Portugal estabelece monopólio comercial com as Colônias.
1573	Juan de Garay introduz os primeiros equinos na América (Argentina)
1576	Fundação da redução de Juli (Peru) – primeira experiência reducional nas Américas
1578	A Holanda se livra da dominação espanhola.
1580-1640	União Ibérica (os inimigos da Espanha passam a atacar o Brasil)
1580	Fundação de Buenos Aires (segunda) por Juan de Garay
1582	Entra em vigor o Calendário Gregoriano
1585	Criação da armada invencível pela Espanha
1588	Inglêses vencem a Armada Espanhola (muda o equilíbrio de forças nos mares e influencia nas Américas - Piratas)
1589	Jesuítas chegam a Córdoba (se tornaria o ponto central das tarefas de evangelização da Companhia de Jesus)
1607	Fundada a Província Jesuítica do Paraguai

1608	Aprovado por Felipe III o plano de Hernando Arias de Saavedra para catequizar os índios Ordenada a criação das reduções no Guairá (atual Estado do Paraná).
1609	Fundação da primeira Missão Jesuítica da província do Paraguai – São Ignacio Guazú (Misiones AR).
1610	Fundada a primeira redução na região na confluência dos rios Pirapó e Paranapanema, denominada como: "Nossa Senhora do Loreto" (Guairá) - (no total foram 13 Reduções até 1628 no atual Estado do Paraná).
1611	Publicada a ordem real de proteção das missões, na qual cada missão era dotada de total autonomia para se governar, o acesso a reduções dos estrangeiros era proibido e os indígenas tinham a garantia de que não seriam escravizados.
1612	Franceses fundam São Luis do Maranhão (serão expulsos em 1615). Fundação de San Inacio Mini (margem do rio Parapanema no Guaira).
1615	Fundação de Encarnacion de Itapua pelo Padre Roque Gonzales (atual Posadas).
1619	Fundação de Concepcion de la Serra por Roque Gonzales.
1622	Fundação de San Francisco Xavier no Guairá (perto do rio Tibaji). Fundação de Corpus Cristhi (margem direita do rio paraná).
1623	Os portugueses penetram no rio Amazonas.
1624	Primeira invasão holandesa no Brasil (Salvador) – Guerra do açúcar (desarticula o comércio de escravos no Brasil).
1625	Fundação da redução de Nuestra Señora de la Encarnación no Guairá.

1626	Autorização para Jesuítas cruzar margem esquerda do Rio Uruguai. Fundação de reduções na margem esquerda: São Nicolau e Candelária do Caaçapa-Mini. Fundação de São Jose (Guairá – rio Tibaji). Fundação de Santa Maria La Maior (AR).
1627	Fundação da redução de Assunção do Ijuí e Candelária do Ibicuí (Tape). Fundação da primeira São Miguel no Guairá (rio Tibaji). Fundação da redução de Sete Arcanjos e San Pablo del Ivagy (no rio Ivai-Guaira). Fundação de San Pedro de los Piñares e Nossa Senhora da Conceição nas margens do Piquiri (Guaira).
1628	Os padres Roque Gonzáles e Afonso Rodriguez fundaram Caaró, onde em 15 de novembro de 1628, quinze dias após a fundação desta nova redução foram martirizados. Fundação de Jesus Maria de Guaraverá no rio Piquiri (Guairá) e São Tomé no rio Ivai (Guairá).
1628-1629	Bandeirantes no Guairá.
1630-1654	Invasão holandesa no Recife (segunda).
1631	Êxodo do Guairá conduzidos pelo Padre Antônio Ruiz de Montoya. Os bandeirantes atacaram a Ciudad Real del Guayrá e Villa Rica do Espírito Santo. Fundação de Apóstolos e São Carlos.
1632	Fundação de Santo Inacio Mini (após a migração de Guairá) e São Cosme e Damião (Paraguai). Fundação de San Tome e São Miguel na bacia do Rio Ibicuí (Tape). Introdução dos primeiros rebanhos de gado na região do atual Rio Grande do Sul pelo Padre Cristóvão Mendoza Orellana.
1633	Fundação de Santa Ana, São José, Jesus Maria e Natividade.
1634	Fundação de Santa Tereza, Visitação, San Cosme, São Cristóvão e São Joaquim.

1635	Parte de SP a grande bandeira de Luiz Dias Leme para atacar a província do Tape (atual RGS). Martírio do Padre Cristóvão Mendoza.
1636	Bandeira de Raposo Tavares contra reduções de Jesus Maria, São Cristobal, Santa Ana e outras
1637	Bandeirantes (Francisco Bueno) atingem o Tape (atual RS) e destrói São Joaquim e Santa Tereza
1637-1641	Êxodo do Tape (migração para o outro lado do rio Uruguai).
1638	Abandono das reduções de São Nicolau, São Carlos, Apóstolos, São Tomé, São Miguel, Natividade. Santa Ana.
1639	Espanha autoriza o uso de armas para os índios.
1640	Restaurado o reino de Portugal (fim da União Ibérica).
1641	Batalha de Mbororé (no rio Uruguai) Conclusão da migração das Reduções para a banda ocidental do Rio Uruguai (final do primeiro ciclo). Gado permanece no atual território do Rio Grande do Sul (deixado pelos povos missionários durante a migração).
1647	Fundação da redução de Santa Maria de Fé (PY).
1651	Fundação da redução de San Tiago (PY).
1652	Morte do Padre Antonio Ruiz de Montoya.
1654	Expulsão dos holandeses (fim da guerra do açúcar).
1668	Surge o princípio do Uti-possidetis.
1671	Decreto português libera a entrada de navios estrangeiros em portos brasileiros.
1673	A Bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva encontra ouro em Goiás.
1674	Fundação de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis).
1676	Fundação da cidade de Laguna (SC).
1680	Fundação da Colônia de Sacramento por Manuel Lobo

1682	Fundação de São Borja como desmembramento de San Tomé (primeiro dos 7 povos no atual território brasileiro – início do segundo ciclo – retorno ao Tape) Fundação das reduções na região de Moxos (Bolívia).
1685	Fundação da redução de Jesus (PY). Fundação da redução de Santa Rosa (PY).
1687	Fundação das reduções de São Luiz Gonzaga, São Nicolau, São Miguel.
1690	Fundação da redução de São Lourenço.
1691	Fundação das reduções na região de Chiquitos (Bolívia).
1693	Fundação de Curitiba.
1695	Descoberta de ouro em Minas Gerais (início do ciclo do ouro).
1696	O arquiteto milanez José Brasanelli inicia a construção da igreja do povo de São Borja.
1697	Descoberta do ouro (Região de Taubaté). Padre Antônio Sepp chega em São Miguel.
1697	Fundação da redução de São João Batista (desdobramento de São Miguel).
1706	Espanhóis obtém posse da Colônia do Sacramento. Fundação da redução de Trinidad (PY).
1707	Fundação da redução de Santo Ângelo
1709	Criação da Vacaria dos Pinhais.
1711	Invasão francesa do Rio de Janeiro.
1715	Tratado Utrecht (pós fim à guerra da sucessão espanhola/ Portugal e Espanha em lados opostos) Colônia do Sacramento é devolvida à Portugal.
1716	Ingressam na Companhia de Jesus os arquitetos Gian Batista Primolli e Andrea Bianchi.
1717	Os portugueses fazem uma entrada na Vacaria dos Pinhais para arrecadar gado. Chegam da Europa uma missão artística de novos Jesuítas (arquitetos).

1718	Visita do bispo de Buenos Aires, dom Fajardo, aos Sete Povos.
1719	Construção dos calabouços do Cabildo de Buenos Aires por Gian Batista Primoli.
1723	Fundação de Montevideo.
1726	Cristóvão Pereira estabelece o caminho terrestre entre Laguna e Colônia do Sacramento. (inicia o ciclo dos tropeiros).
1727	Fundação de Cuiabá
1730	Gian Batista Primoli deixa Buenos Aires seguindo para o território das Missões.
1732	Entrega da primeira sesmaria no caminho das tropas, para o tropeiro Manoel Gonçalves Ribeiro, localizada junto ao rio Tramandaí.
1733	Morte do Padre Sepp (em San José – Argentina)
1735	Início da construção da igreja da redução de São Miguel (Jean Batista Primoli). Cerco de Colônia do Sacramento (durou 2 anos e inclui índios das missões).
1737	Fundação do forte Jesus Maria José (cidade de Rio Grande). Criação da Capitania de Santa Catarina.
1740	Imigração dos Açorianos para o sul do Brasil. Fundação de Santo Antônio da Patrulha.
1744	Gian Batista Primoli deixa São Miguel e se dirige para Trinidad no Paraguai.
1746	Carta Régia do Rei de Portugal proíbe a impressão de livros e jornais no Brasil.
1747	Falece em Candelária o arquiteto Gian Batista Primoli.
1750	Tratado de Madrid. Início da feira de Sorocaba (local de venda de gado e muas).
1752	Início da Era Pombalina. Fundação do forte Jesus, Maria, José do Rio Pardo.

1754-1756	Guerra Guaranítica.
1755	Terremoto de Lisboa.
1756	Morte de Sepé Tiarajú – 7 de fevereiro. Batalha do Caiboaté (10 de fevereiro). Início da administração dos 7 povos pelas tropas ibérica e novas ordens religiosas.
1759	Expulsão dos Jesuítas de Portugal. Publicação do romance Candide, de Voltaire, onde se encontra uma sátira aos estabelecimentos jesuíticos no Paraguai.
1760	Início da primeira Revolução Industrial na Inglaterra (fez surgir o liberalismo com reflexo em todo o mundo, pois originou a burguesia, a qual foi uma das causas da Revolução Francesa).
1761	Anulação do Tratado de Madrid (EL Pardo). França assina com a Espanha o “Pacto de Família” tirando dos ingleses o acesso aos portos de Portugal, que não adere ao Pacto.
1762	Espanhóis tomam Colônia do Sacramento (consequência da não participação portuguesa no Pacto de Família).
1763	Ataque dos espanhóis à cidade do Rio Grande. Fundação de Gravataí (Nossa Senhora dos Anjos). Transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro (elevação do Brasil a Vice-Reino).
1764	Supressão da Companhia de Jesus na França.
1767	Expulsão dos Jesuítas das colônias hispano-americanas.
1768	Saída dos Jesuítas do território das Missões, que passam a ser administradas pela colônia espanhola.
1772	Fundação de Porto Alegre.
1773	Supressão da Companhia de Jesus. Dom Vertiz e Salcedo invade Bagé e Rio Pardo e é derrotado por Rafael Pinto Bandeira em Pântano Grande.
1775	Conquista da trincheira espanhola de São Martinho por Rafael Pinto Bandeira.
1776	Vila de Rio Grande foi retomada pelos portugueses.

1777	Tratado de Santo Ildefonso. Governador Zeballos (Espanha) toma a ilha de Santa Catarina.
1778	Realizado o Inventário dos bens dos povos missioneiros (Francisco Brabo). Nascimento de José de San Martin em YAPEYU.
1780	Instalada a primeira charqueada no Rio Grande do Sul.
1789	Nasce em Santo Ângelo, Carlos Maria de Alvear, um dos libertadores da Argentina. Queda de Bastilha (início da revolução Francesa).
1797	Fundação de Santa Maria – local da antiga capela missioneira de Santa Maria.
1801	Guerra das Laranjas (perda de território (Olivença) por parte de Portugal). Tratado de Badajoz, (Portugal, Espanha e França). Conquista das Missões pelos Portugueses (tropas irregulares, comandos locais, pois Portugal não sabia deste movimento).
1803	Início das Guerras Napoleônicas.
1804	Combate do Jarau – último embate entre espanhóis e portugueses na América.
1806	Primeira invasão inglesa de Buenos Aires (expulsos depois de 45 dias). Napoleão decreta o fechamento dos portos europeus ao comércio inglês.
1807	Segunda invasão inglesa no Prata (sucesso em Montevideo, mas fracasso em Buenos Aires). Criação da capitania Geral de São Pedro do Rio Grande do Sul.
1808	Corte Portuguesa foge para o Brasil/Dom João impulsiona a ocupação dos sertões do Brasil.
1809	Criação dos 4 primeiros municípios do RS.
1811	Independência do Paraguai. Primeira intervenção do Brasil na Banda Oriental (envio do Exército pacificador). Artigas aclamado “Jefe de los Orientales” e o êxodo com os seus seguidores para Japeju.

1813	Independência da Argentina: Províncias Unidas do Rio da Prata.
1814	Restauração da Companhia de Jesus pelo Papa Pio VII.
1815	Batalha de Waterloo (derrota de Napoleão). Dom João eleva o Brasil á reino Unido de Portugal e Algarves.
1816-1820	Invasão portuguesa da Colônia de Sacramento.
1816	Congresso de Tucuman: proclamação solene da independência das Províncias Unidas do Prata (José San Martin). Andres Artigas invade (ocupa) as Missões pelo passo do Itaqui.
1817-1818	Francisco Chagas Santos ataca região de Misiones e Corrientes (perseguição às tropas de Artigas). Lecor entra em Montevideo.
1820	Derrota das tropas de Artigas em Taquarembó (fim da Liga Federal). Troca da banda oriental (Missões) por Olivença (cidade na fronteira entre Portugal e Espanha). Visita de Saint Hilaire ao Rio Grande do Sul (até 1821).
1821	Retorno da corte portuguesa à Portugal. Banda Oriental foi incorporada ao Reino Unido do Brasil com o nome de Província Cisplatina.
1822	Independência do Brasil.
1824	Início da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Criação da Colônia São João das Missões, estabelecendo ali diversos colonos alemães, mas esta experiência fracassou.
1827	Rivera ocupa as Missões (por menos de um ano).
1828	Tratado do Rio de Janeiro (Devolução da Cisplatina – Independência do Uruguai). Rivera conduz missioneiros e bens para o Uruguai (Convenção de Irerê-ambé, assegurou livre trânsito).
1829	Fundação da cidade de Bella União (Uruguai) com índios oriundos das Missões.
1830	Recolonização das Missões pelos portugueses.

1831	Abdicação de Dom Pedro I.
1832	Episódio de exterminação dos indígenas missioneiros no Uruguai (revolta contra Rivera).
1851	Tratado dos limites com o Uruguai (define os limites do atual território do RGS).

Anexo 5 - A estrutura do Cabildo

Texto de Marisete de Mattos Moraes com adicionais
de Arno Kern e Álvaro Theisen

O Cabildo era o centro administrativo das Reduções e ficava localizado em prédios junto à praça principal. Era a instância responsável pelos aspectos mais ordinários do governo local, como aspectos administrativos, policiamento, regimentos, divisão de tarefas e interface com os padres.

A comunidade missioneira possuía autonomia, porém, não soberania. Todos os integrantes das reduções reconheciam o poder do Rei da Espanha, representado pelo governador do Paraguai ou do Rio da Prata.

O cabildo era o gestor da redução, eleito pela comunidade. Distribuíam as atividades de trabalho entre os índios, tinha “mandado” de um ano, era eleito um ano antes de iniciar seu exercício para já iniciar seu aprendizado de gestão juntamente com o cabildo do exercício.

Os Caciques e os Cabildos indígenas eram a nova realidade política que estabelece a integração do grupo tribal à estrutura política da monarquia espanhola. São duas parcelas de um todo social: o povoado missioneiro.

Em cada redução, havia apenas dois padres, sendo que um era responsável pelos serviços religiosos, enquanto o outro organizava as atividades cotidianas. Os índios dos diversos grupos eram coordenados pelo conselho dos caciques que formavam o Cabildo, numa estrutura hierárquica, tipo militar, que correspondia à experiência do fundador da Companhia de Jesus.

Nas reduções, a autoridade maior era dos padres, seguido dos integrantes do Cabildo. Assim, o processo eleitoral era cuidadosamente

te realizado no início de cada ano, sob a direção dos padres e registro em ata, que, após as eleições eram encaminhadas ao Governador para aprovação da escolha popular.

O Cabildo era assim composto: o corregedor (prefeito) era o chefe nomeado pelo governador mediante proposta dos padres e dos caciques; os demais eram um tenente corregedor (vice-prefeito), dois alcaides ordinários (juizes), dois alcaides das irmandades (delegados para assuntos rurais), um alferes-real (porta-estandarte e chefe militar), um escrivão (secretário), regedores (delegados de bairro) e os alguazis (funcionário da justiça ou da polícia).

Estes eram eleitos pela comunidade indígena, mediante proposta do jesuíta. Havia, ainda, os administradores públicos, subordinados ao Cabildo, o mayordomo (a quem correspondia o controle dos bens comunitários), contadores, fiscais e armazenistas.



Organograma da Estrutura Administrativa de uma Redução

O eleito para assumir essa função, Mayordomo, já possuía experiência de administração no período em que os índios viviam em tribos. Nos tempos de paz, ele resolvia os conflitos e, no período em que havia guerras, ele liderava a tribo em sua defesa. Desta forma, houve uma fusão, entre a prática tribal do cacicado e as formas de governo jesuítico, permitindo coordenar e organizar as reduções, na forma do Cabildo.

O escolhido deveria ser um velho e experiente cacique. Além disso, era necessário cultivar as tradições, saber se comunicar e respeitar opiniões. Por possuírem tais características, eles foram mantidos nas reduções, coordenando, cada um, um grupo de índios. Nas reduções, o tratamento penal recebido pelos caciques, no caso da transgressão de alguma norma, era diferente dos outros. Não recebiam castigos e, se este fosse necessário, não era realizado em público. Seus descendentes iam à escola, aprendiam a liderança, a ler e a escrever, pois poderiam ser os futuros dirigentes do grupo, enquanto os outros se ocupavam das oficinas. A sucessão do cargo, posto à eleição, poderia ser do filho mais velho ou até mesmo do que se sobressaísse entre os demais índios. Os outros cargos eram eleitos pelo Cabildo e, nas palavras de Bruxel (1987), contavam com o auxílio dos padres, por estes saberem com mais propriedade quem era o mais apto para integrar o grupo. Assim, havia harmonia no Cabildo, o que se refletia na boa administração da missão.

O Alférez Real, em ordem de importância, seguia aos Alcaldes. Suas funções foram mais honoríficas que reais. Tinha precedência ao regedor mais antigo, voz e voto nas deliberações e substituiu aos Alcaldes Ordinários em caso de morte ou vacância. Constituiu no Cabildo uma espécie de autoridade do Conselho e sua opinião era indispensável nos assuntos graves. Neste sentido tinha prerrogativas especiais nas festas públicas, procissões e cerimônias, correspondendo tradicionalmente, em sinal de distinção, levar o Estandarte Real.

De menor hierarquia eram os Alguacil Maiores. Suas funções se referiam principalmente a exercer a polícia na Redução (núcleo urbano). Durante as horas da noite deveriam rondar e vigiar os locais públicos. Exerciam também uma ação vigilante sobre os bons costumes podendo prender as pessoas em flagrante delito. Nas festas e procissões o Alguacil Maior deveria permanecer na praça a fim de manter a ordem.

O Alcaide da Hermandade possui a função de juiz e de polícia, especialmente na área rural. Sua missão principal segundo a Lei, era frear os excessos cometidos em “lugares ermos e despovoados.

Os chefes de bairro ou regedores ficavam responsáveis por determinado número de índios, casas ou bairros. No trabalho, um capacitava o auxiliava e relatava o que havia ocorrido de relevante no serviço diário. À noite, guardas noturnos vigiavam as ruas e revezavam-se

para garantir um policiamento preventivo, porém eles não eram profissionais. Segundo Furlong (1962), “era una fuerza previsora, y aun ella tenía más de paternal y doméstica, que de coercitiva y oficial”. Se fossem necessários reforços, chamava-se a milícia. A milícia, como era chamada, foi organizada para defesa do território indígena frente aos ataques dos bandeirantes. Era formada por um corpo de cavalaria e outro de infantaria, com homens válidos que treinavam frequentemente as manobras militares, exercícios e tiro ao alvo. As armas ficavam trancadas à chave, somente os padres ou os chefes da milícia, com autorização, tinham acesso.

O Cabildo exercia os poderes executivo, legislativo e judiciário na redução. Por possuir autonomia e controle de todo o espaço, era o órgão que realizava as mediações dos conflitos. A justiça se ocupava principalmente dos casos sociais e criminais, pois, como não havia propriedade privada, não eram necessárias as disputas civis. O corregedor e os alcaides eram designados para exercer a justiça, pois recebiam aprovação do Governador. Geralmente, solicitavam o parecer do padre, como conselheiro e por obter melhor aptidão administrativa.

Outro aspecto dentro da função de regulação do Cabildo era o que se relacionava com o abastecimento da comunidade, ou seja, correspondia ao Cabildo controlar como os abastecedores da população cumpriam com suas obrigações, zelando para que em nenhum caso escasseassem os alimentos armazenados ou mesmo o gado. Esta função era exercida pelo Armazenista e Contadores.

Normalmente o Cabildo ocupavam dois prédios junto à raça principal, sendo que um destes pavilhões não possuía divisões internas e seu salão era o local de deliberação do Conselho, ficavam no início da praça em frente à Igreja e que eram unidos às duas capelas que indicavam a rua do acesso principal da Redução e também serviam de moradia para os caciques dominantes (líderes locais)

